

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23338

DIRECTOR ANTÓNIO RUELLA RAMOS

QUARTA-FEIRA 3 OUTUBRO 90 70\$00

Soares anuncia candidatura

«Sou de esquerda»

Mário Soares chegou à meta, para iniciar segunda etapa: esta manhã, na sala Europa do Altis, em Lisboa, produziu o primeiro acto público da corrida para o segundo mandato presidencial. Foi um discurso de Estado de um homem que não precisa de apresentar-se. Foi a palavra crítica para um «vazio político» que não se coíbiu de denunciar e, em última instância, justifica a sua decisão de «não renunciar às responsabilidades». O Presidente-candidato, condição que acaba de conquistar, chamou a atenção para a incapacidade de mobilização dos partidos e advertiu: «Não pretendo criar ao redor da minha candidatura qualquer movimento organizado concorrente dos partidos políticos existentes». Numa sala politicamente colorida, Soares foi igual a si próprio. «Sou de esquerda», «republicano e laico» - eis como traçou o seu perfil. Para o novo mandato, traçou objetivos: a justiça como «questão crucial» e a presidência portuguesa da Comunidade, com «eficácia e dignidade». Pág. 7

«O povo português
conhece-me e sabe que pode
contar comigo»

«Sou republicano, laico (...)
e, acima de tudo,
sou profundamente português»

«Não era bom momento
para renunciar a responsabilidades
que no passado sempre assumi»



Rui Pacheco



Paulo Santos/Lusa/DL

Autocarro caiu da Ponte de Leça Por motivos ainda indeterminados um autocarro que transportava trabalhadores despenhou-se de elevada altura sobre a doca de Leixões, depois de se despistar à entrada da ponte de Leça da Palmeira. Do acidente resultaram quatro mortos e nove feridos, cinco dos quais considerados em estado crítico, pelo que seriam transferidos do Hospital de Matosinhos para o de S. João, no Porto. O condutor conta-se entre os mortos e há o receio de que alguns dos feridos não resistam às lesões. O autocarro, da empresa Resende, transportava trabalhadores da firma Racor para as obras da Petrolgal. Os bombeiros de Matosinhos e do Porto, que compareceram rapidamente no local, tiveram dificuldade em retirar alguns corpos do entrançado de ferros em que se transformou a viatura. Com este acidente eleva-se a seis o número de sinistros verificados este ano com veículos pesados de passageiros. Pág. 13

Esta madrugada

Berlim foi uma festa

Berlim sempre foi cidade de festas, com desfiles militares, bandas soando e grandes bandeiras agitando-se, perante o olhar passivo e apaixonado das multidões. Esta madrugada, Berlim foi, de novo, a cidade da festa. Mas há receios, misturados com esperanças, sobre esta nova Alemanha que, em poucos meses, modificou, outra vez, o mapa da Europa. Págs. 2, 3, 4, 5 e 6



PORTE
PAGO

**MPLA e UNITA estão mais
perto da paz**

Pág. 12

**Praga: a mais bela cidade
da Europa Central**

Págs. 20 e 21

**Depois do teatro, que faz
o público?**

Pág. 22

Roma na Luz é cartaz maior da noite europeia

Noticiário sobre a jornada uefeira na página 24, com o patrocínio de



urbicidade
MEDIADORES
ALMADA

GRANDE ANGULAR

Ser alemão o que é? Vai saber-se. Ser europeu com esta nova Alemanha unificada, o que será? Vai saber-se. Quem tem medo dos alemães? Ter medo não adianta. Há alguns sorrisos amarelos nalguns pontos deste continente euro-asiático? Isso há. Os presidente e chanceler da Alemanha unificada garantem a paz e a prosperidade para esta que, a partir das zero horas de hoje, também é uma Europa mais unificada. Ver-se-á

A nova Alemanha espalha receios e esperanças

Já lá vai, desde o primeiro segundo de hoje, a unificação da Alemanha. As bandeiras subiram, o hino foi cantado, as declarações solenes apresentadas, multidões jubilaram. Está feito.

Poderá interessar mais, agora, ouvir as reacções de outros países e de outras raças, para os quais a nova Alemanha pode representar, no seu entender, força de esperança ou ameaça. Para já, os judeus consideraram que o dia 3 de Outubro de 1990 ficará, para eles, como um dia de luto. E a Comunidade Europeia, pela voz de um jornal belga, estará a pensar que a unificação alemã só lhe trará prejuízo.

Tanto o chanceler Helmut Kohl como o presidente Weisaecker apontaram aos novos alemães os caminhos a trilhar.

Pensem também nos outros

Kohl incitou os alemães a, no futuro, não pensarem só neles. Weisaecker, o primeiro Chefe de Estado da nova Alemanha, declarou, em Berlim, que «...os alemães estão conscientes das suas responsabilidades». E acrescentou, ao falar perante uma multidão calculada em cerca de um milhão, concentrada junto ao Reichstag: «Os alemães querem uma Europa unida e querem servir a paz, no mundo. Obedecendo ao princípio da livre autodeterminação, queremos, nós os alemães, alcançar a unidade da Alemanha mas alcançá-la na liberdade». Weisaecker citou, ainda, a Constituição da RFA: «Para cumprir as nossas tarefas, temos por primeiro dever, estar conscientes das nossas responsabilidades perante Deus e perante os Homens».

Milhões de pessoas sonharam esta hora

Juntamente com os foguetes, as músicas e os gritos de alegria das multidões, o chanceler Kohl afirmou, face a muitas dezenas de jornalistas de todo o mundo: «Devemos, nós, alemães, ser sensíveis e ter a compreensão que os outros nos obrigam a merecer e isto até quando essa compreensão possa mostrar-se difícil». E disse também Kohl: «Esta é uma hora de grande felicidade, pois milhões de pessoas a sonharam durante tantos, tantos anos».

Para o presidente do Knesset (o parlamento israelita), este dia da unificação alemã é, porém, o dia em que «...os judeus devem cobrir de cinzas as suas cabeças e formular as suas orações em sinal de luto». Estas foram as palavras de Dov Shilansky, presidente do Knesset.

Também Yitzhak Arad, director do memorial erigido à memória do extermínio dos judeus pelos nazis, exigiu, na televisão de Israel, «... que sejam consignadas, em definitivo, nos documentos fundamentais da reunificação alemã, as responsabilidades desse povo no genocídio dos judeus».

Polacos e moçambicanos

O presidente Mitterrand não quis perder o comboio. Em mensagens dirigidas a Weisaecker e a Kohl, afirmou: «...a Comunidade Europeia e a Europa inteira...esperam da França e da Alemanha o impulso necessário para o cumprimento do seu destino... franceses e alemães fizeram já muito caminho em conjunto e assim vamos continuar».

Para os polacos e os moçambicanos o momento não é de grande regozijo.

Os primeiros tinham livre acesso à antiga República Democrática da Alemanha. Não precisavam de visto e lá faziam, livremente, as suas feiras e os seus comércios de rua. Agora, a nova Alemanha não os deixará passar as fronteiras sem a respectiva autorização consular. A única excepção é a dos estudantes já inscritos nas universidades alemãs.

No Maputo diz-se que há dezóito mil razões para Moçambique não se sentir muito contente com a unificação da Alemanha. O número resulta directamente dos dezóito mil trabalhadores moçambicanos que viviam na República Democrática da Alemanha e cujos, contratos, dado o desaparecimento da RDA, estão pelo menos em perigo, sobretudo porque a nova Alemanha tem, agora, o seu próprio e grande problema de desemprego.

Portugal, obviamente

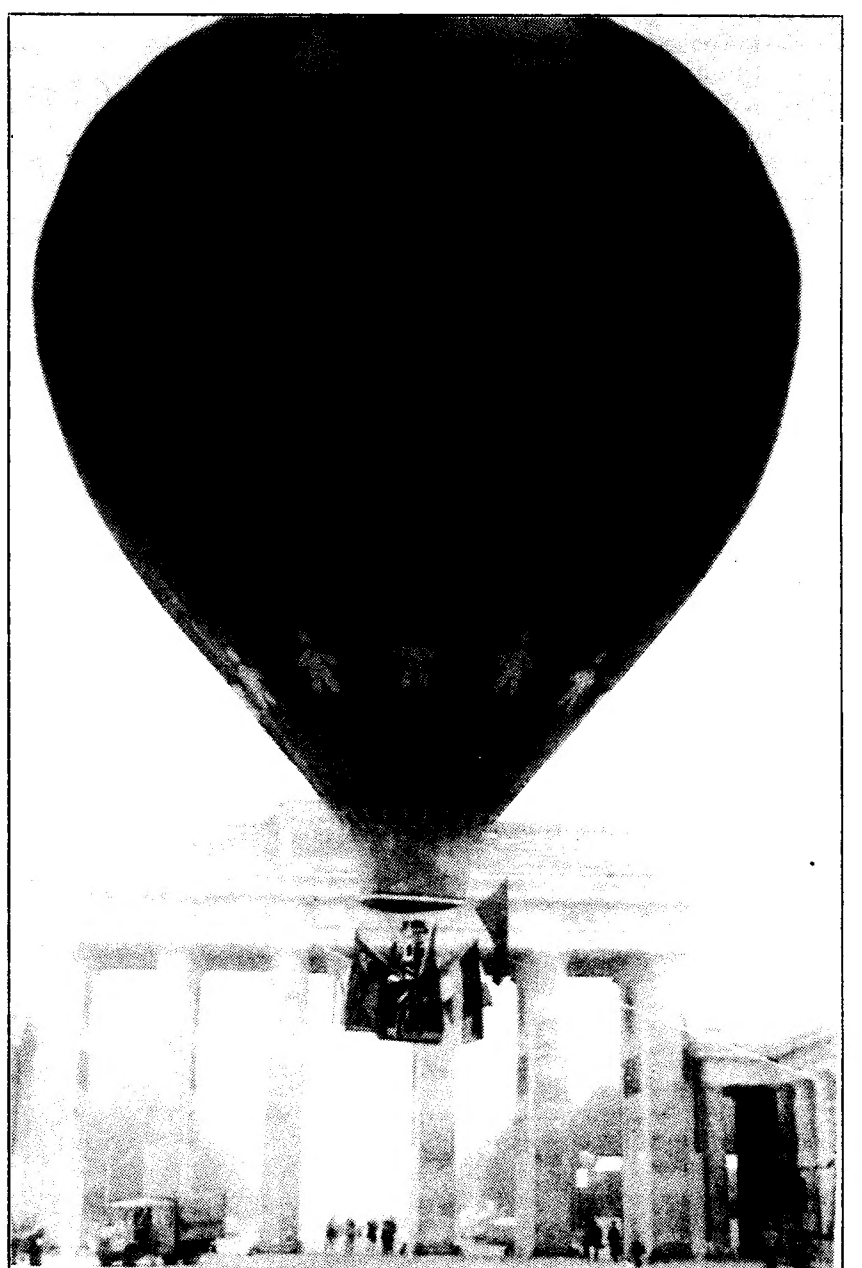
As estatísticas oficiais moçambicanas indicam que cinco mil emigrantes de Moçambique já foram repatriados desde os finais do ano passado, prevendo-se que outros 5.500 sejam forçados a regressar ao seu país até ao final deste ano.

A União Soviética, interessada no processo de unificação, anulou, oficialmente, o Tratado de Cooperação, Amizade e Assistência Mútua que desde Outubro de 1975 a unia à desaparecida República Democrática Alemã.

O Governo de Bonn mostrara-se interessado em não herdar as consequências desse e de muitos outros acordos bilaterais que ao longo destes últimos vinte anos foram celebrados entre a RDA e a URSS.

Portugal entrou, também, obviamente, no jogo das mensagens e das felicitações. Mário Soares mandou dizer que a unificação da Alemanha é um momento de esperança e de grande alegria para toda a Europa, visto que representa a vitória da democracia, do pluralismo e da paz. E acrescentou: «Para os europeus de hoje, a unificação da Alemanha não é um factor de receios ou de medos».

O primeiro ministro Cavaco Silva, que esta manhã recebeu, a propósito deste momento histórico para Alemanha, o embaixador da RFA, já ontem enviou ao chanceler Helmut Kohl uma mensagem em que afirmava que «...o dia 3 de Outubro ficará na nossa memória como uma data de esperança, como o início de uma nova era na Europa».



O «Balão da Paz», uma iniciativa da Comunidade Europeia, também foi a Berlim, para as festas da unificação e deixou-se fotografar junto à Porta de Brandemburgo

Tal como a França de Mitterrand, Portugal também meteu o pé no novo comboio alemão, de grande velocidade ao que se prevê.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Hoje somos todos berlinenses

«Ich bin ein berliner» - a frase de John Kennedy, proferida face ao então erguido e sinistro Muro de Berlim, nos anos 60, aparece, talvez, hoje, dia 3 de Outubro de 1990, como uma frase universal. Todos somos, pelo menos por este dia, berlinenses.

Todos podemos, por memória da época ou por conhecimento da História, recordar ou conhecer o que foi a fabulosa ponte aérea de 1949, quando os alemães do Leste cortaram as vias de acesso e, portanto, de abastecimento, aos alemães Berlim Ocidental. Alemão era, então, inimigo de alemão.

Esta epopeia da Ponte Aérea - porque foi uma epopeia - esteve agora presente no agradecimento oficial que a Cidade-Estado de Berlim solenemente endereçou aos Estados Unidos, à França e à Grã-Bretanha pelo que ela fizeram há quarenta anos e pelo apoio que lhes fica a dever e foi prestado de 1945 até 1990.

Ainda a semana passada, em Berlim, uma fonte ligada ao Senado da cidade negava que os berlinenses se sentissem «nervosos» com o desaparecimento da cúpula de protecção militar, política e económica sob a qual os «aliados» os abrigaram durante duas gerações. Mas outros berlinenses haviam falado desse nervosismo.

Em favor do seu optimismo, essa pessoa próxima do Senado

comentou: «Fiquei muito contente quando, há dias, vi pela primeira vez nas ruas de Berlim, um militar da «Bundeswehr» devidamente fardado. Deu-me confiança».

Embora mais brutalmente dividida pelo Muro, Berlim não deixou de estar, na sua parte ocidental, dividida, desde 1945, em três sectores de ocupação militar: americano, o inglês e o francês. Não pesava a ninguém, mas estava assinalado. E se é certo que um oficial

norte-americano, das Forças dos EUA em Berlim, nos disse que não tinha qualquer problema em andar fardado pelas ruas berlinenses, também não é menos verdade haver confessado que se sentia mais à vontade quando vestia à civil.

Se o tivessem deixado...

A troca de flores entre Berlim e os aliados foi evidente nestes últimos dias.

Por exemplo, M. Momper, do Partido Social-Democrata em Berlim, disse: «Berlim permaneceu, durante todos estes anos, uma cidade livre, só porque os aliados lhe deram a sua protecção». Do lado dos aliados foi sugerido que, sem a coragem, a vontade de luta e a capacidade de trabalho dos berlinenses, talvez não tivesse havido a unificação alemã.

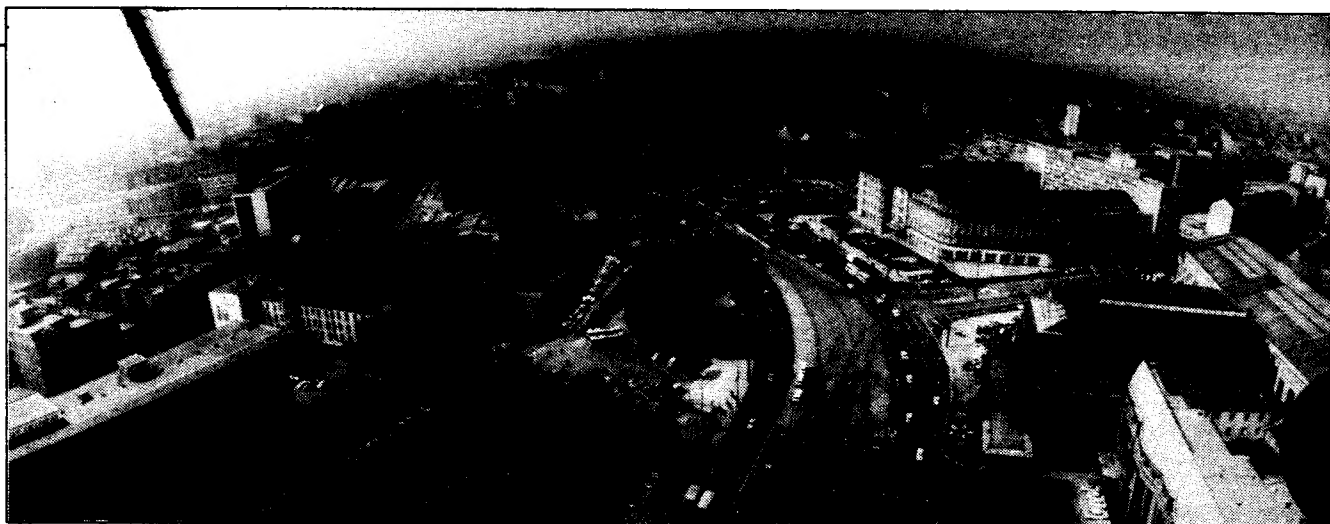
Na mensagem que os generais comandantes das forças aliadas em Berlim enviaram ao

Senado, ao terminar a missão dessas forças na cidade, ficou escrito: «Hoje, o mundo tem o seu olhar virado para Berlim, para ver, com nitidez, o triunfo da liberdade e do espírito humano».

E, enquanto a bandeira da RFA - agora a bandeira de toda a Alemanha - subiu, às zero horas de hoje, hora alemã, até ao alto do «Reichstag», descenderam, nos mastros dos quartéis gerais aliados, as bandeiras norte-americanas, inglesas e francesas, que durante 45 anos anunciaram, agitando-se nas brisas de Berlim, a protecção, mas também a dependência da Cidade-Estado face a nações estrangeiras.

Se o tivessem deixado, John F. Kennedy haveria gostado de passear-se hoje por Berlim e andar para cá e para lá, sem Muro que de tal o impedisse.

Paulo David



RDA: de potência perante o Leste a região atrasada face à Europa Ocidental

Não vai ser fácil

Não vai ser fácil. Nem para a nova Alemanha nem para a Europa comunitária. Sendo ainda cedo para haver preocupações de maior com as consequências políticas da reunificação, os observadores económicos vão brilhando com as suas análises sobre um cenário mais imediato e mais previsível. Um optimismo, é certo que baseado nas subjectivas e sempre elogiadas capacidades dos alemães ao ponto de eles próprios acreditarem nelas com resultados trágicos, mas também assente em dados muito concretos, como sejam a inegável capacidade económica e financeira da ex-RFA e da CEE, até mesmo de um Japão sempre pronto a aproveitar qualquer porta entreaberta para entrar na Europa e a pagar por isso, se os dividendos se revelarem compensadores.

Mas não vai ser fácil, pese embora o optimismo (realista) que a todos parece dominar. O custo financeiro da reunificação começa a ser pesado. Este ano a ex-RFA deverá investir cerca de 25 mil milhões de marcos (2,17 mil milhões de contos) na ex-RDA, quando a estimativa inicial era apenas de 11,5 mil milhões de marcos. Para os próximos cinco anos aponta-se para 50 mil milhões (4,36 mil milhões de contos). Por

seu turno, a Comunidade Europeia deverá contribuir com 90 milhões de contos por ano até 1993.

As estimativas comunitárias apontam para uma despesa suplementar do orçamento na ordem dos 360 milhões de contos por ano, contra uma receita de apenas 270 milhões. Por outro lado, até 1993, as verbas dos fundos estruturais destinadas à ex-RDA ascenderão a 540 milhões de contos, cerca de metade das destinadas a Portugal no mesmo período.

E se o optimismo se baseia em toda esta inundação de dinheiro, também resulta da análise da experiência que decorre desde o dia 1 de Julho passado, data em que foi instaurada a união económica nos dois territórios, com o marco alemão a afirmar-se como moeda única. Três meses de experiência que, com mais ou menos sobressaltos, leva os homens de negócios da ex-RDA a considerar como «satisfatórios» e «encorajantes» os resultados alcançados.

Nuvens escuras

Mas apesar de toda esta euforia financeira, a verdade é que nuvens escuras pairam sobre a reunificação. É que os agentes e os alvos desta histórica decisão são pessoas. E se como agentes o seu

comportamento é previsivelmente positivo, esperando todo o mundo um novo «milagre alemão», já como alvo resta saber se haverá a paciência necessária para alcançar um prémio que se avista no fim de um caminho necessariamente longo. Quer dizer, o êxito do empreendimento que se tem de levar a cabo depende muito do comportamento do factor humano.

Mas porque não haveria ele de ter um comportamento positivo, que permitisse atingir os objectivos pretendidos sem sobressaltos de maior? A população da ex-RDA não tinha salários altos, é certo, nem o seu nível de vida e de bem estar se podia comparar à da generalidade da ex-RFA. Mas havia trabalho para todos, os bens, produtos e serviços mínimos estavam assegurados a preços baixos, a segurança social era a melhor de todo o Leste europeu. Não havia grandes necessidades de as empresas se afirmarem competitivas, porque inegavelmente o eram em relação a todos os mercados do Leste, seus parceiros preferenciais e quase únicos nas trocas comerciais. Pelos padrões do Leste a RDA era um país rico, tecnologicamente avançado, socialmente estável.

Só que, de repente, os cidadãos da RDA vêem confrontados com uma realidade totalmente nova que põe em causa tudo o que até então faziam e a forma como o faziam. De país economicamente avançado, rico e poderoso em termos de Leste, passou a ser um dos territórios mais atrasados do Ocidente europeu. As suas formas de gestão, a sua estrutura económica, financeira, laboral e empresarial, até sua organização social são postas em causa, dizem-lhes mesmo que têm de passar por uma autêntica revolução. A crescer a isto há a ter em conta que, de um momento para o outro, viram-se perante os apelos de um mercado baseado no consumo, aliciante mas longe das suas magras bolsas.

Aos alemães do Leste é dito que as suas empresas têm de encerrar, reestruturar-se, privatizar-se,

modernizar-se. Que é preciso aumentar a produtividade para haver acrescida competitividade no novo mercado aberto e concorrencial. São cerca de oito mil as que têm de ser privatizadas. Depois de uma taxa de desemprego virtual, em Julho os desempregados na ex-RDA eram 272 mil, em Agosto 350 mil. A reorganização empresarial implica, em média, 25 mil novos desempregados por semana. Estima-se que o excesso de postos de trabalho seja na ordem dos 2,7 milhões. Do lado da ex-RFA pouco se pode fazer para resolver este problema, ela também a braços com um desemprego elevado (que deverá atingir os 1,4 milhões até ao final do ano).

Entretanto, os preços dos produtos e bens de consumo corrente aumentaram fortemente e a segurança social rebenta pelas costuras, com um défice na ordem dos 13,3 mil milhões de marcos (1,16 mil milhões de contos). Naturalmente que as tensões sociais aumentaram, gerando-se alguma desilusão em vastos estratos populacionais, que se sentem vítimas de jogos políticos com vista às eleições de 2 de Dezembro próximo. Funcionários públicos da ex-RDA (uma classe mais ligada ao antigo aparelho de Estado) já afirmam que «não querem ser os patetas da farsa que é a unificação alemã».

Mas ela aí está, como desafio aos alemães e aos europeus. Irreversível. Com nuvens negras, mas também muitas esperanças, com encontros e desencontros. Para enfrentar o desemprego é preciso criar novos postos de trabalho? Então aí estão criadas, nos últimos meses, cerca de 165 mil novas empresas, pequenas na sua maioria, é certo, mas a serem um referencial da vontade que move os alemães de ultrapassarem as barreiras que encontrarem pelo caminho. E se os ganhos de produtividade até agora alcançados são «devorados» pelos aumentos dos salários, eles também são um indicador de que há vontade de trabalhar para vencer e recriar uma nação única e poderosa, cujo papel na história que há-de vir ainda está por escrever.

Victor Leitão

COMENTÁRIO

Quem tem medo dos alemães?

Quem tem medo dos alemães?

Ter medo não adianta.

Houve quem, na Europa (Bernanos), dissesse que é bom ter medo desde que ele seja enfrentado como o touro bravo a que se aponta o corpo, direito aos cornos afiados, e tudo pronto para a pega sem medo.

Dantes, gritava-se «Vêm aí os comunistas!» Agora poderá murmurar-se «Vêm aí os alemães!».

O primeiro grito está morto. Foram os próprios comunistas que o esganaram. O segundo releva de medos que vêm de o povo alemão ser o povo mais trágico da Europa: tanto podem oprimir e torturar como pensar bem e melhor cantar, tanto podem organizar Gestapos, como terem Kaisers prussianos e Adenauers democratas-cristãos, Willy Brandts socialistas (pioneiro da Abertura ao Leste) e Hans-Dietrich Genschers, o liberal que melhor passou à prática o olhar para Leste que a Alemanha sempre gostou de ter.

E também sempre a Alemanha pensou nos suicídios, tipo Werther ou tipo Hitler nas ruínas do seu bunker em Berlim, com veneno, pistola e o estranho prazer alemão de arrastar consigo, para o abismo, todo um Estado, todo um território, todo um povo já tão sangrado pelas mil e uma guerras da Europa Central. Podêmos lembrar outro exemplo alemão: Fassbinder ou a exaltação da decadência.

Portanto, para o bem e para o mal e, talvez, até quando a morte nos separe, estamos, nós na Europa, casados com os alemães. O chanceler Kohl, ao discursar na hora da unificação germânica, declarou que a nova Alemanha (ou a velha...) manterá a regra da democracia e defenderá a paz.

Ler a História dos povos alemães, desde os seus primórdios, há cerca de um milénio, e até à actualidade, levanta inquietações.

A República Democrática Alemã, meio soviética e que há uma vintena de anos era classificada como a sétima potência industrial do mundo, está agora mergulhada no caos da falência completa. A República Federal da Alemanha (só esta existe, agora...) fez, das suas ruínas de 1945, a edificação, meio americana, do «milagre alemão» e subiu à posição da maior potência económica da Europa, com palavra forte a dizer em muitas outras partes do mundo. Os alemães são instáveis... Por isso são criadores. Portanto...

Boa tarde, Senhora Dona Alemanha!

Já lá vão algumas horas depois do seu renascimento, ao primeiro minuto de hoje. Daqui a algumas outras horas vai a Senhora enfrentar o entardecer e a noite do dia que marcou o seu novo posto na Europa. Durma bem e sonhe, mas cautela com os seus sonhos, Senhora Dona Alemanha.

Sonhe, por exemplo, com Schiller e com Beethoven. É uma proposta. Ou sonhe com os seus revolucionários e humanistas, com os seus grandes escritores perseguidos, tolerantes e libertários. E talvez um pouco de Kant, menos de Nietzsche, mais de Schubert (austriaco, mas germano) menos de Wagner. E Thomas Mann e Heinrich Boll e Gunther Grass. Não esquecer Herman Hesse e o seu inquietante misticismo. Mas como fica incompleta esta lista!

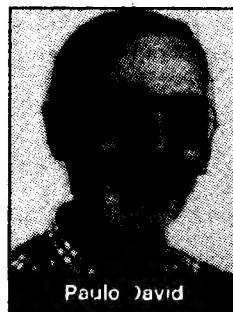
Senhora Dona Alemanha.

Isto é uma aposta naquilo que o povo germano de melhor deu à Europa.

Não foi boa a «Blitzkrieg», foram maus os Zepellins, doeram à Humanidade as câmaras de gás, a voz rouca de Hitler ainda se ouve, um pouco, nos espectaculares comícios de Nuremberga e Munique.

Mas, Senhora Dona Alemanha, a aposta que nós, e talvez a Europa, agora fazemos em si tem muito mais a ver com a sua cultura do que com a sua moeda ou o seu Exército.

Não traiam, novos alemães, a Ode à Alegria, que vocês escreveram e vocês melhor sabem cantar!



Paulo David



O poder industrial da Alemanha Oriental era um mito

Chave alemã para uma confederação do Atlântico aos Urais?

GRANDE ANGULAR

O «Espírito de Helsínquia» soprou na Alemanha

Dedicado a Joachim Wenzel e Fritz Tepplich, alguém em Berlim.

Em 1890, as preocupações de política externa dos principais Estados europeus tinham o seu eixo central no relacionamento com a Alemanha criada pela diplomacia de Bismarck. Um século depois, o futuro da Alemanha reunificada é a chave para o novo relacionamento Leste-Oeste, para a consolidação de uma confederação do Atlântico aos Urais e, por via disso, para um eventual reordenamento internacional.

Dos escombros da Segunda Guerra Mundial emergiu uma Alemanha repartida pelos vencedores, ao que não fugiu a própria divisão de Berlim em sectores de influência. A ocupação da Alemanha era o problema mais importante para os aliados a partir do momento em que as derrotas do Reich pronunciavam o fim da ideologia nazi.

Ora Berlim encontrava-se...

Na concepção da Conferência de Yalta, o período que se iria seguir à derrota da Alemanha assentou num plano «em que as forças dos três Poderes ocuparão cada qual uma zona separada da Alemanha. Este plano, por

meio de uma comissão central de controlo, formada pelos comandantes supremos das três potências, com quartel-general em Berlim, prevê a coordenação da sua administração e controlo. Concordeu-se em que a França devia ser convidada pelos três Poderes. Se ela assim o desejar, para tomar conta de uma zona de ocupação e participar como quarto membro da comissão de controlo».

Segundo o Protocolo de 5.12.44 e a Declaração de Berlim de 5.6.45, ficou acordado que enquanto o resto da Alemanha seria dividida em quatro zonas de ocupação, Berlim e os seus arredores seriam governados como uma entidade à parte pelas quatro potências vencedoras. Ora Berlim encontrava-se na zona de influência soviética e os efeitos da guerra fria, desencadeados pela Declaração Truman quando este, em 1947, se pôs à disposição dos países que lutassem pela liberdade contra regimes totalitários, fizeram-se prontamente sentir na antiga capital do Reich.

O Muro e o barómetro

O pólo detonador consistiu na efectivação de uma reforma monetária para a recuperação da Alemanha e

o que era a previsão de uma só reforma monetária transformou-se em dois projectos de sociedade.

O ultimato a Berlim, decretado pelas autoridades soviéticas, com vista a impedir o abastecimento do sector ocidental, marca formalmente a implantação da guerrilha ideológico-política no coração da Alemanha, país que passou à condição de fronteira da guerra fria.

Por esse efeito, constituíram-se, a 23.5.49 a RFA e a 7.10.49 a RDA. O fosso entre estes Estados artificiais não mais deixou de se aprofundar nos anos subsequentes. Veja-se, por exemplo, a doutrina Hallstein, que prescrevia o corte de relações diplomáticas da RFA com os países que reconhecessem a RDA.

A divisão entre Alemanhas atingiu o seu clímax em Agosto de 1961, quando a RDA suspendeu toda a emigração de refugiados para o Ocidente, erguendo o Muro de Berlim. Daí em diante, o relacionamento entre os Estados alemães passou a ser o barómetro do relacionamento Leste-Oeste.

Ligado o «Telefone Vermelho»

Os anos 60 introduziram dois elementos novos. Na Europa Ocidental teve lugar

uma recuperação económica sem precedentes, enquanto a nível internacional e decorrente da crise dos mísseis de Cuba, os EUA e a URSS se sentiram na necessidade de atenuar a escalada descontrolada que os poderia levar a um confronto generalizado, optando por uma ligação directa e permanente para derimir situações de extrema complexidade («Telefone Vermelho»).

A distensão e a prosperidade económica permitiram o aparecimento da Ostpolitik, ou seja, o apaziguamento do problema alemão em especial com os países vizinhos, e a normalização da situação de Berlim, e que teve em Willy Brandt o seu grande impulsionador, após ter sido eleito chanceler da RFA, em Outubro de 1969.

Em Março de 1970, iniciaram-se conversações entre as quatro potências com vista a encontrar solução para o problema de Berlim, facto que constituía condição prévia para a convocação de uma Conferência de Segurança e Cooperação Europeia, tendo-se chegado a uma resolução final: o Acordo Quadripartido sobre Berlim, de Setembro de 1971.

Reacção em cadeia

O Acordo deveria entrar

em vigor quando os tratados da RFA com a Polónia e a URSS, relativos ao futuro da linha Oder-Neisse, que implicaram o reconhecimento da RDA, fossem ratificados pelo Parlamento da RFA, o que veio a verificar-se em Maio de 1972. A assinatura de diversos acordos e a reciprocidade de reuniões diplomáticas alcançaram volume significativo a partir de então, numa reacção em cadeia que não mais se interrompeu.

O novo relacionamento inter-alemão veio permitir criar condições para que o «status quo» territorial pudesse ser ratificado: foi essa uma das finalidades da Conferência de Segurança e Cooperação Europeia, que reuniu trinta e cinco países (toda a Europa, EUA e Canadá) e na qual a RFA nunca deixou de lembrar que a legitimação do mapa político europeu não impediria futuras alterações pacíficas. Nesta declaração estava implícito o problema da reunificação.

Naturalmente, a Conferência não se viria a circunscrever à dimensão da segurança. De facto, o documento designado por Acto Final de Helsínquia (1.8.75) contempla mais duas áreas: a referente à cooperação científica, económica e ambiental, por um lado, e à coop-

eração em questões humanitárias, por outro lado.

SS-20 e Euromísseis

Apesar das expectativas criadas pela Conferência de Helsínquia e as reuniões de revisão que se seguiram (Conferências de Belgrado, Madrid e Viena), continuaram a acumular-se poderosos meios de destruição com especial incidência no solo alemão.

A instalação dos SS-20 soviéticos seguiu-se a resposta ocidental com os Euromísseis, o que veio representar um momento de verdadeiro dramatismo na cena internacional.

Tal situação diminuiu o intervalo de segurança que existia ao nível dos armamentos estratégicos intercontinentais, situado na ordem dos 20 minutos, e que passou a ficar ao nível de 6 minutos, o que se tornou inadmissível em especial para os alemães, fiel da balança termonuclear.

Começou a ganhar força a necessidade de quebrar esta fatalidade histórica. A Leste e a Oeste apareceria a estepe da criação de uma mentalidade política adequada aos problemas nucleares.

No início da década de 80 começa a ser indissociável, na URSS, que se aprofunda a crise económica também decorrente da escalada armamentista.

Com maior ou menor fragor...

A ascensão de Gorbachev saldou-se no desanuviamiento interno e na advertência solene de que a URSS não interferiria nos destinos das até então «democracias populares». Com maior ou menor fragor, os partidos únicos renunciaram à exclusividade do Poder.

1989 é o ano crucial para a reunificação alemã. Quando hoje se referem o «Neves Forum» e as «mesas-redondas» sob a direcção de pastores evangelistas como os marcos constitutivos da marcha para a democracia, omite-se, imperdoavelmente, a presença do «espírito de Helsínquia» nos grupos organizados nos países de Leste para a implementação das medidas da Conferência de Helsínquia e face aos quais o Poder constituído não tinha capacidade de repressão (na Conferência de Belgrado constituíram-se grupos ocidentais apadrinhados pelos EUA e países europeus, com vista a verificar o cumprimento dos compromissos assumidos em Helsínquia).

Registe-se que, a partir da década de 70, a melhoria de



As duas gerações que cantaram entusiasticamente o «Deutschland über alles»: o velho marechal Hindenburg (de capacete prussiano) e o seu inquietante «protégé», Adolfo Hitler



A divisão das Alemanhas que as armas nazis geraram na Segunda Guerra Mundial, está hoje, e só hoje, cicatrizada

relações económicas trouxe à RDA imensos privilégios aduaneiros, favorecidos pelo «cesto» da cooperação económica inserido no Acto Final de Helsínquia.

Sallentar acontecimentos

Por consequência, a receptividade de uma opinião pública organizada na RDA, aliada a uma expectativa económica na RFA criaram as condições para que, na atmosfera de liberalização política operada a Leste, a situação na RDA se transformasse no caso paradigmático do fim da guerra fria.

Na cronologia dos acontecimentos que precipitaram o desejo da reunificação são de destacar:

* As eleições autárquicas na RDA, em Maio, cujo processo viciado trouxe um elevado descrédito ao PSUA;

* As manifestações de protesto em Dresden, Berlim e Leipzig e a recusa das Forças Armadas de dispararem sobre as multidões, desamparou o Poder e, em Outubro, Honnecker demitiu-se;

* A queda do Muro de Berlim, em Novembro, e as eleições gerais de Março de 1990, que desencadearam o processo formal da unificação.

Paz pan-européia

É ainda o espírito de Helsínquia que continua a dominar os primeiros passos da coligação governamental da RDA, após as eleições de Março. Logo em 13.4.90 o Governo da RDA anuncia as seguintes coordenadas da sua política externa:

«A Alemanha unida tem de configurar o seu futuro na cooperação com os Estados da CSCE e encontrar a sua

segurança numa ordem de paz pan-européia.

«O Governo da República Democrática Alemã encara a inserção da unificação alemã no processo de unificação pan-europeu como a sua tarefa principal ao nível da política externa. Neste sentido, o processo da CSCE desempenha um papel essencial.»

As manifestações quanto à importância do processo de Helsínquia na unificação alemã não é nota exclusiva dos políticos de Bona e Berlim, e os mais influentes sectores económicos, sociais e culturais a ela se referiram.

Tomem-se como exemplos a resolução do Congresso da União dos Partidos Socialistas, em Berlim, em Fevereiro, a resolução do Parlamento Europeu sobre a Comunidade Europeia e o processo de unificação da Alemanha,

de Abril, e a resolução, também em Abril, sobre a Alemanha e o processo da unificação europeia, adoptada pela Conferência Europeia dos Sindicatos.

Falam os sindicatos

Para os socialistas, o processo da unificação desenvolver-se «no respeito dos princípios do Acto Final de Helsínquia, dos interesses em matéria de segurança dos vizinhos dos alemães e da URSS...».

O Parlamento Europeu «exprime a sua convicção de que a próxima Conferência Intergovernamental deveria examinar pormenorizadamente as formas através das quais os aspectos da Cooperação Política Europeia poderiam ser futuramente fortalecidos e ligados a um sistema pan-europeu de

segurança colectiva, a concretizar-se no âmbito da CSCE, e no qual a Comunidade Europeia deveria desempenhar um papel; entende, ainda, que o papel a ser desempenhado pelas actuais estruturas de segurança será alterado e que as estruturas supra-alianças ganharão importância...»

Quando à Confederação Europeia dos Sindicatos, sublinha-se que o processo da unificação se faça «em perfeita autonomia, de uma maneira pacífica e democrática, e no respeito pelos princípios do Acto Final de Helsínquia, integrado no diálogo Leste-Oeste e na perspectiva da integração europeia. Além disso, é considerado que a unificação representa a vitória sobre as fronteiras desumanas da guerra fria.

Ao concluir-se esta abordagem sobre eventos que de uma forma explícita convergiram para a unidade alemã, não se pode deixar de enfatizar que tudo isto só foi possível porque o processo da CSCE existiu. No entanto, este processo, devido aos acontecimentos que hoje estamos a viver, ganha necessariamente um novo alento. Para onde, impõe-se a pergunta.

Em Outubro de 1990 está ainda por institucionalizar o processo de segurança e cooperação europeia do Atlântico aos Urais (incluindo o único ausente de Helsínquia, a Albânia, os EUA e o Canadá); está em curso um processo de integração política e económica que não se esgota na figura da «Europa dos 12», nem na destes com os países da EFTA; estão ainda por se criar cenários alternativos aos blocos político-militares a que o derrube do Muro de Berlim tirou sentido.

Estes os desafios que se põem primordialmente à Alemanha que nasceu hoje e que ontem foi a fronteira da guerra fria.

Amanhã, as preocupações de política externa de todos os Estados europeus incidirão sobre a forma como a Alemanha dinamizará, enterrado para sempre o «problema alemão», a integração política e económica que a nova Conferência de Helsínquia, convocada para 1992, irá ratificar a favor da paz duradora.

Beja Santos e
M. Martins Lopes

CITROËN AX · BX spot série especial



AX SPOT

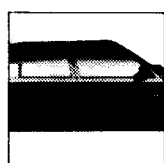
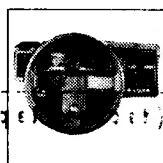
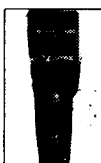


BX SPOT

CITROËN Prefere TOTAL



TELEGRAMA

Interior negro do AX Sport com encostos de cabeça spot Consola central spot Pré-equipamento de rádio spotVolante do AX Sport spot Manete de velocidades do AX Sport spot Pára-choques da cor da carroçariaspot Tampão de gasolina com chave, é o novo AX spot série especial, quase pelo mesmo preço! Mas se desejar: Tecto de abrir spot Fecho centralizado das portas spotVidros eléctricos e fumados spot Limpa vidros traseiro, escolha o novo BX spot De qualquer maneira, quando vir um spot você vai obrigatoriamente olhar e parar. Stop.

Energias globais em 15.000 Km/h: de 132 (14300) a 166 (16500). Bate (Inmetro) 20

15

Os irmãos germanos frente a frente

«Acusam-me de ser excessivamente alemão-oriental nos meus artigos, diz amargamente um jovem crítico de arte de Berlim-Leste, que anda a tentar hoje vender os seus artigos à imprensa do Oeste. É sempre a mesma coisa. Eles sabem tudo, mesmo sobre a RDA. Nunca tentam ver as coisas com os nossos olhos, meterem-se na nossa pele».

Como para muitos alemães de Leste, a desapaixão da RDA pouco prazer ofereceu a Gunter G. Entrando abertamente num mundo de liberdade, sabe que o que lhe resta é aceitar todas as regras para tentar fugir-lhes.

Quando se tem 28 anos, quando se aceita a ideia de que uma mudança tem que ser paga, sofre-se, e esforça-se por se assimilar as lições o mais rapidamente possível. Muitos não serão capazes. Todos os sociólogos e historiadores começam a inquirir-se seriamente sobre o que acontecerá no imediato após o choque cultural que representa a unificação dos dois estados alemães saídos da última guerra. Um ano após a queda do muro, começa-se apenas a medir a autêntica amplitude e a tentar analisar as consequências para a Alemanha e para a Europa. Unidos mas estrangeiros, assim era o título, da semana passada, do «Der Spiegel», ao fazer uma lista das incompatibilidades.

O Muro de Berlim em todas as cabeças

Uma conclusão se impõe: se o muro de Berlim desapareceu fisicamente, ainda não conseguiu desaparecer da cabeça das pessoas. Os sociólogos pronunciam-se sobre as bases do conflito em potência para um futuro próximo. A maioria dos alemães de Leste, embora conscientes das dificuldades materiais que vão enfrentar nos anos futuros pela passagem do comunismo à economia de mercado, fingem não pensar nisso. Deplorando serem tratados como cidadãos de segunda, abandonaram aos alemães de Oeste a direcção da sua vida económica. Votando maciçamente pelo chanceler Helmut Kohl, a antiga RDA escolheu, sem grandes problemas, uma dose de cavalo de preferência a um remédio mais suave que lhe teria poupado efeitos secundários dolorosos. Esta última terapia poderia também levá-los a tomar o seu destino nas próprias mãos. A *intelligentsia* de esquerda não comunista, que desejaria que a RDA assumisse desde o início as suas responsabilidades e tivesse uma voz mais clara nas negociações com a RFA, têm algo a ver com isso.

A situação está longe de ser saudável. Se os alemães de Leste são excessivamente acusados de exigirem mais e de esperarem que o prato lhes apareça já cozinhado na mesa, a verdade é que também têm os seus receios. De um lado e de outro as acusações vão-se acumulando. Recém-chegados com os seus carros de grande cilindrada, com uma boa consciência de que o seu sistema já deu boas provas e que nada precisa de ser alterado, os «messias» vestiram subitamente as roupagens de «colonizadores», apontados como arrogantes e insensíveis. Caídas de pára-quedas nos ministérios, as empresas de quem se esperava tudo, tiveram as maiores dificuldades logo desde o início para comunicar, devido aos seus modos de pensar e de funcionar, criados por 50 anos de totalitarismo que lhes eram totalmente diversas.

A Imagem da Heimat

Descobriu-se bruscamente que os laços familiares, a comunidade da cultura e da língua das duas populações não tinha impedido o desenvolvimento de sistemas de referência completamente diversos. Este fosso tinha sido por muito tempo mascarado pela distância, a indiferença ou a má consciência do Ocidente relativamente aos prisioneiros do muro. A ideia que cada um tinha do outro era uma coisa superficial. Na sua nova busca de identidade, nesta tentativa de regresso às fontes desencadeada pelo modelo americano, a RFA descobriu nestes últimos anos na RDA uma Alemanha idílica que lhe re-oferecia a imagem da Heimat, do país. Era a época na qual o «Die Zeit», o grande semanário da

esquerda liberal, partia à descoberta dessas aldeias este-alemãs que o atraso económico na RDA tinha fixado no tempo, desses caminhos solitários rodeados de tílias e de freixos centenários. Também a época da corajosa oposição da Igreja Evangélica e dos movimentos dissidentes — sem contudo nunca terem atingido a amplitude do Solidariedade ou da Carta 77 — asseguraram à Alemanha um acção de resistência à ditadura.

Apertada no seu espantilhão rígido, a RDA vivia pendurada na televisão, invejosa de um luxo ocidental tanto mais idealizado que parecia prometido a todos que estendessem a mão. Desde que a estrada ficou livre, que os riscos da repressão se desvan-

magnífica nascida após a guerra. A «Spiegel» afirma existir uma geração de diferença no estilo de vida entre as duas antigas partes da Alemanha. O *mau alemão*, transformado em simpático pelos molhos oleosos e pelas salsichas, mal educado já que o Estado não obriga à amabilidade, estúpido e mau estilo, é coisa que existe, escreve o semanário de Hamburgo com a sua característica nebulosidade.

Mais de meio século de ditaduras, primeiro nazi e depois comunista, encheu as mentalidades. Na sua forma de entender as relações com a autoridade, as relações com as pessoas, na visão de um mundo centrado na Alemanha, os alemães de Leste pertencem a um outro

GRANDE ANGULAR



Eram, há cinquenta anos, os «maus alemães»

ceram, viu-se então o Volk reclamar os *deutsche marks* e benzer quem lhe mostrasse o mais curto caminho para lá chegar, isto é, a reunificação.

Uma geração de diferença

Viu-se então surgir em Leipzig, em Dresde, em aldeias esquecidas pelo tempo, já não os heróis confiantes das primeiras manifestações, mas um povo que tinha sofrido, encerrado nas suas tradições pequeno-burguesas, vivendo na obsessão dessa Alemanha de Oeste rica e

planeta, criado por 40 anos de êxito económico, de democracia pluralista, de simbiose estreita com o mundo ocidental, os de Oeste manifestam frequentemente, para seu grande espanto, maior facilidade nas relações com os europeus do Oeste, quando a barreira da língua não existe. Os jovens da RFA mostraram-se particularmente reticentes a esta unificação feita à pressa, que começa já a levantar muitas apreensões, especialmente pelo seu peso no futuro da Alemanha Ocidental.

Esta nova Alemanha será uma república

federal reconstruída, alargada, mas nos seus princípios e nos seus objectivos a mesma que a dos chanceleres Adenauer, Brandt, Kohl, firmemente ligada a um sistema de valores que já deu as suas provas nestes últimos decénios das democracias ocidentais, na Comunidade Europeia? O debate apenas começou. No plano político nem sequer foi ainda esboçado. Este debate teria sido prematuro enquanto não estivessem resolvidos os problemas exteriores da unificação, de modo a não levantar excessivas inquietações quanto ao problema das fronteiras. Mas toda a gente parece estar de acordo com o sociólogo Volker Ronge de que, passado o primeiro período de ajustamento económico entre o Leste e o Oeste, virá o tempo da confrontação quanto aos valores e às perspectivas do novo Estado.

Uma Prússia amputada

Com o seus 16 milhões de habitantes, a antiga RDA pouco mais significa hoje do que a Renânia, amputada de territórios hoje polacos, o que resta da antiga Prússia já não tem no bloco alemão a importância do passado. Mas a contribuição dos cinco *Länder* este-alemães cria de facto uma nova constelação, como anota Markus Meckel o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros (social-democrata) da RDA. Vão pesar nos equilíbrios do poder tanto entre os partidos como no Parlamento. A unificação alemã traduz-se já hoje por uma viragem dos pratos da balança para a direita. A 14 de Outubro, o Partido Social Democrata arrisca-se seriamente a perder a maioria no *Bundesrat* que tão dificilmente conseguira obter na última Primavera.

O efeito da separação é ainda mais difícil de calcular a longo termo. Não se pode apagar de uma só vez a herança comunista, nem mesmo a influência das tradições russas e luteranas na ex-RDA, sublinha o professor Jens Reich, do Neues Forum. Foi o que se viu quanto à questão do aborto. Embora cristão-democrata, o governo de Lothar de Naiziere, descendente dos huguenotes, esforçou-se por conservar, pelo menos provisoriamente, na ex-RDA a legislação comunista, mais liberal do que na RFA. A ditadura, o encerramento do país às influências exteriores favoreceram igualmente a persistência de comportamentos políticos ou culturais que nos fazem regressar a uma época da Alemanha que se julgava ultrapassada. Assistiu-se nestes últimos meses na RDA à explosão de uma vaga de xenofobia primária, que o regime comunista tinha transformado num tabu. A falta de prática da democracia, de preparação para o debate representou um papel importante na desintegração do Estado este-alemão. Pode, perante uma crise económica ou social grave, favorecer a reaparição de movimentos extremistas, agora sem influência concreta na RFA.

O prisma alemão

Esta sensibilidade, mais teutónica, como diz Jens Reich demonstra-se na percepção do mundo exterior. A opinião pública de Leste só tem uma ideia aproximativa do que é a comunidade europeia e tem, de momento, a tendência de só ver o estrangeiro por meio do prisma alemão.

Na RFA, o professor Wolfgang Nommensen, presidente da União dos Historiadores Alemães, constata numa entrevista publicada a 25 de Setembro pela «Die Welt» que, sob a capa do marxismo-leninismo, podemos encontrar na RDA vestígios de um velho pensamento nacionalista ultrapassado.

Ainda pouco conscientes do que representa a integração na CEE, mais voltados para Leste, as elites políticas da ex-RDA continuam fiéis à velha ideia da Alemanha como ponte entre dois mundos. Não lhes faltará ocasião para se fazerem ouvir no debate que infalivelmente a unificação vai tornar a abrir sobre o tipo de Europa na qual se deve integrar a nova Alemanha.

Henri de Bresson

Exclusivo «DL»/Le Monde

POLÍTICA

O Hotel Altis, em Lisboa, foi hoje palco do anúncio público da candidatura presidencial do actual Chefe de Estado. Há cinco anos, no mesmo local, Mário Soares lançava a sua candidatura. Hoje, em circunstâncias completamente diferentes, deu a conhecer as condições em que se apresenta ao eleitorado para o seu segundo mandato presidencial

«Os portugueses conhecem-me»

«Reflecti profundamente e hesitei antes de tomar a decisão de aceitar recandidatar-me», começou por dizer Mário Soares, antes de aludir a um conjunto de projectos de intervenção cultural e de vida familiar que ficam excluídos por um segundo mandato.

«Nesta fase da minha vida não tenho ambições políticas a satisfazer», frisou, antes de historiar os «primeiros 32 anos da minha vida consciente» dedicados à resistência à ditadura e de constatar: «O regime político saído do 25 de Abril abriu-me todas as portas». A seguir, enumerou os cargos políticos que desempenhou durante os últimos dezasseis anos, para concluir: «Sempre tive uma ideia de e para Portugal».

Nessa ideia não cabe «a consciência aguda de um certo vazio político» que Mário Soares denunciou, para sublinhar: «Não era o bom momento para renunciar a responsabilidades que no passado sempre assumi».

Rosas amarelas

Numa sala a abarrotar, de rosas amarelas nas mãos, falar das personalidades é sempre pecar por defeito. Ainda assim, vale a pena salientar algumas presenças inesperadas, como a de Vera Lagoa, directora do «Diabo», ou de José Manuel Casqueiro, da CAP. O número de convidados cortou transversalmente o espectro político. Ao centrismo Sá Machado, juntaram-se vários social-democratas, como Mário Raposo, Pacheco Pereira, Fernanda Mota Pinto, o ex-ministro Álvaro Barreto e Francisco Pinto Balsemão.

No campo da esquerda, as presenças foram, igualmente, diversificadas. Compareceram independentes, como Medeiros Ferreira e Helena Roseta. O PS apresentou-se com Jorge Sampaio e todo o seu «estado maior» e diversos autarcas. Entre os «críti-



Sampaio com Nobre da Costa e, mais atrás, Beatriz Costa

cos» do PCP, as presenças, já esperadas, de José Saramago e Zita Seabra. Dos «capitães» de Abril, Sanches Osório, Vitor Alves e Vasco Lourenço, entre outros. Na sala do hotel Altis, muitos empresários ainda, como Américo Amorim e Ilídio Monteiro.

A aguardar Soares, que chegou ao hotel acompanhado do presidente da Gulbenkian Azeredo Perdigão, estavam, naturalmente, personalidades que já o apoiaram na primeira campanha para Belém, como Fraústo da Silva, então mandatário nacional da candidatura, Rui Alarcão, Nobre da Costa, Manuel José Homem de Mello e Joaquim Silva Pinto.

Partilhar o poder de decisão

A justiça continua a ser uma «questão crucial» para Mário Soares. «As desigualdades sociais, a ambição do lucro fácil, um certo oportunismo» e «a carência de valores éticos e ideais generosos que me preocupam», foram algumas orientações de sentido social sublinhadas por Soares.

«Assegurar maior pluralismo na sociedade e no Estado» é outra das preocupações avançadas por Soares,

que defendeu uma maior e mais generalizada participação dos portugueses na vida pública e uma maior partilha do poder de decisão, visando «melhorar o funcionamento do papel do Estado», realçou mais adiante. Mário Soares fez uma incursão no plano internacional, questionando-se sobre a missão que Portugal deverá assumir num quadro em que se adensam «as incertezas quanto ao futuro», destacando o choque petrolífero e as dissensões Norte/Sul. «Para onde caminha a unidade europeia e que papel de Portugal na construção europeia tendo em conta o seu atraso em relação aos seus parceiros?».

«O povo português conhece-me e sabe que pode contar comigo», disse o Presidente da República ao lançar um olhar para os cinco anos da sua permanência em Belém. «Tenho consciência que não mudei nem tergiversei durante o meu mandato. Fiz o que devia ser feito. Cumprí o que prometera. Assim sucederá no meu 2º mandato se o povo português me honrar com a sua escolha», acrescentou Mário Soares.

Não se escusando a assumir

as suas convicções políticas sublinhou: «Sou socialista como sempre fui». Logo de seguida frisou o carácter de abertura que caracterizou a sua presidência ao afirmar que «sempre respeitei as maiorias».

Tal como em 1985 Mário Soares assegurou que no seu segundo mandato procurará «unir os portugueses». No entanto, frisou: «Não busco o unanimismo nem quero agradar a gregos e troianos. Sou um homem de convicções firmes».

No contexto das relações institucionais Governo/Presidência da República, Soares disse: «considero que o Presidente da República não deve interferir na vida dos executivos porque ele deve ser o árbitro e o grande moderador da vida nacional».

Lamentou que os partidos não tenham conseguido mobilizar os sectores mais dinâmicos da sociedade, que desafiou para, com ele, e desde a pré-campanha, lançarem um grande debate nacional sobre o futuro do País. Mas advertiu: «Não pretendo criar ao redor da minha candidatura qualquer movimento organizado concorrente dos partidos políticos existentes».

Jovens foram a Belém dar último empurrão a Soares

De rosas na mão e muito entusiasmo, cerca de uma centena de jovens foram ontem a Belém, para entregar a Mário Soares 43.852 assinaturas que subscrevem um apelo à sua recandidatura. A iniciativa pertenceu à Juventude Socialista e teve início em Maio último, quando as dúvidas sobre a decisão do Presidente da República em ainda eram muitas. O movimento alargou-se depois, extravasando as fronteiras partidárias.

De capa e batina, de fato e gravata ou simplesmente de jeans, os jovens vieram de todos os pontos do País, representando os estratos mais diversos.

Foi uma cerimónia simbólica, uma vez que na altura já estava marcado o anúncio público por Mário Soares da sua decisão em recandidatar-se a novo mandato.

António Seguro, líder da JS, que fez entrega das assinaturas, expressou ao Presidente o gosto que tinham em «estar com o

cidadão Mário Soares, a quem há cinco anos consideraram o cidadão mais fixe».

O líder da JS salientou que muitas das inquietações do Presidente da República são também as inquietações dos jovens que ali se encontravam.

«E por isso nós dizemos que há hoje em Portugal uma geração Soares de jovens que se identificam com as suas preocupações e também com o seu comportamento alegre e às vezes mesmo bonacheirão».

Mário Soares respondeu que o a pelo lhe calava fundo, referiu-se à «longa reflexão» que tinha feito e às responsabilidades que sabia para com o País, lembrando no entanto terem existido outras considerações que pesavam muito, mas não adiantou nada sobre a declaração que hoje fez.

Sampaio acha positiva falta de alternativa

«Podem ser visto numa perspectiva positiva» o facto de não existir uma candidatura presidencial de Direita que surja em alternativa à de Mário Soares, segundo Jorge Sampaio, que ontem se pronunciou nesse sentido à saída de uma audiência com Cavaco Silva. Sampaio visitou o primeiro-ministro na sua qualidade de Presidente da Câmara de Lisboa, com o objectivo de convidar Cavaco a estar presente nas comemorações do 5 de Outubro. Apesar de pensar desta maneira, o líder socialista achou que «se houver mais candidatos isso é sempre interessante, é sempre útil».

Maria Santos só se decide na semana que vem

À saída de uma audiência com o primeiro-ministro, com o qual falou na sua qualidade de co-presidente do «Quinto Grupo» do Parlamento Europeu, a deputada ecologista Maria Santos anunciou que só na semana que vem decide se se candidata ou não à chefia do Estado. «Uma candidatura deste tipo poderá ser um referendo nacional sobre a política de ambiente para o nosso País e dela o próximo Presidente da República poderá tirar dados importantes para o seu mandato», afirmou Maria Santos, antes de prever: «Temos a perfeita consciência de que não vamos conseguir eleger um candidato ecologista».

Helena Cidade Moura não vê necessidade de voto útil

«Penso que a recandidatura de Mário Soares é representativa de uma grande vitória da luta antifascista e que ao mesmo tempo representa uma certa estabilidade do Estado democrático», disse ao «DL» Helena Cidade Moura, sempre militante do MDP e sem conhecer a posição do seu partido, a cuja Direcção não pertence.

«Acho preocupante que ainda não tenha aparecido uma candidatura de Direita e também que ainda não tenha aparecido uma candidatura suprapartidária de Esquerda. Aproveitando a segurança gerada pela candidatura do dr. Mário Soares, a Esquerda devia aproveitar para debater os grandes problemas. Neste momento, não há necessidade do voto útil e o voto útil tem travado a dinâmica democrática, a dinâmica transformadora. Esta unanimidade em torno de Mário Soares é justa mas dá a ideia de uma certa paralisia social e fragilidade política, de um lado e do outro», concluiu Helena Cidade Moura.

Autor de «Soares é Fixe» pronuncia-se em Macau

Adelino Vaz foi o jovem centrismo bem-humorado que, nas últimas Presidenciais, se recusou a apoiar Freitas do Amaral e, tendo colaborado na eleição de Mário Soares, inventou a palavra de ordem que acabaria por dar o tom à campanha: «Soares é Fixe». Actualmente a trabalhar na administração de Macau, Adelino Vaz disse à Lusa que a actual campanha para as Presidenciais é um «acontecimento privilegiado» para discutir o futuro do território.

«Soares fica bem na história desta grande paixão que é Portugal», declarou Adelino Vaz, que quer criar um fórum cívico destinado a «promover a discussão, sem complexos ou restrições, das grandes questões nacionais e onde o fenómeno de Macau possa ser debatido e analisado de uma forma permanente».

Carlos Marques comemora 5 de Outubro no Império

Os apoiantes de Carlos Marques na sua candidatura à Presidência da República vão reunir-se com o ex-dirigente da UDP num jantar comemorativo da implantação da República, a realizar no Café Império, no próximo 5 de Outubro. Carlos Marques estará presente na cerimónia de trasladação dos restos mortais de Humberto Delgado para o Panteão Nacional.

POLÍTICA

Autarcas europeus discutem Mercado Único

As implicações que no futuro se poderão verificar com o impacto do Mercado Único Europeu ao nível dos municípios e regiões constituem uma das preocupações que, a partir de hoje, 2500 autarcas de diferentes países da Europa começam a analisar na XVIIIª edição dos «Estados Gerais dos Municípios Europeus».

À sessão de abertura assiste o Presidente da República, Mário Soares. Neste encontro, promovido pelo Conselho dos Municípios e Regiões da Europa participam pela primeira vez autarcas de países de Leste, com excepção da Bulgária e da Albânia.

Entretanto, Bagão Félix, na abertura da I Feira das Iniciativas Locais de Emprego, integrada na Feira dos Municípios, a decorrer em Lisboa, anunciou que a CEE vai cofinanciar um programa para o triénio de 1990/93 que criará mais de 110 mil postos de trabalho em áreas onde se verifica desemprego e subemprego.

B R E V E S

De Klerk reúne-se com Soares e Cavaco

«Encontro de cortesia» é a classificação oficial da reunião entre o presidente sul-africano Frederik de Klerk e Mário Soares, aprazada para o próximo dia 12, em Belém. O obreiro das transformações políticas no país do «Apartheid» encontra-se também com Cavaco Silva, antes de viajar para Londres, onde vai estabelecer contactos com Margaret Thatcher.

Jardim critica extremismo

«Nada se revela mais inconveniente para os portugueses residentes na África do Sul do que aparecerem comprometimentos nossos com qualquer situação extremista» afirma o chefe do Governo madeirense na edição desta semana do «Século de Joanesburgo». João Jardim critica ligações entre membros da comunidade lusa na África do Sul e a extrema-direita do país.

Cavaco no Douro

Cavaco Silva visita este fim-de-semana dois concelhos da região do Douro. No sábado, a agenda prevê deslocar-se a Resende, Cinfães e Mesão Frio. Domingo, é a vez da Régua, Santa Marta do Penaguião e Vila Real. Analisar a concretização do Plano de Ordenamento do Vale do Douro (PROZED), de inspiração comunitária, é o principal objectivo do périplo transmontano de Cavaco.

Sede nacional é inaugurada no sábado

Freguesias querem mais dinheiro

Ninguém pode escamotear nem minimizar a existência da Associação Nacional de Freguesias-ANAFRE: representa administrativamente mais de quatro mil estruturas populacionais (4 208 para sermos precisos) e funciona como elo directo entre as pessoas e o Estado. Questionado pelo «DL» sobre o peso e a intervenção das Juntas de Freguesia em Portugal, o presidente do Conselho Directivo da ANAFRE avançou com esta imagem: «quando alguém tem um problema em sua casa, não vai ter com o presidente da Câmara, mas com a sua Junta de Freguesia».

Não há qualquer litígio entre a Associação Nacional de Freguesias e a Associação Nacional dos Municípios (ANMP): Manuel Pina, presidente de uma das mais populosas freguesias periféricas portuguesas (Costa de Caparica), salientou o «excelente clima» que há um mês envolveu uma reunião com o líder da ANMP, Mário de Almeida, bem como outros encontros em prol do poder local. Na sua óptica, trata-se, antes, de estruturas que se completam em defesa das populações.

O seu relacionamento com os órgãos de soberania é exemplar: Assembleia da República e Governo têm-lhe prestado a maior atenção, e o Presidente da República acedeu ao convite para a inaugurar, no próximo sábado, a sede

ANAFRE

ASSOCIAÇÃO
NACIONAL DE
FREGUESIAS



nacional da ANAFRE. Mário Soares presidirá ao acto na Benedita, atravessada pela Estrada Nacional nº 1, no concelho de Alcobaça.

A ANAFRE pretende que às freguesias seja concedida maior autonomia administrativa e financeira, que as suas competências sejam delimitadas por lei para que haja de facto, e por igual, descentralização. «Queremos apenas uma distribuição equitativa de poderes, não queremos roubar competências às Câmaras», esclareceu.

Uma das principais reivindicações ontem reveladas aos jornalistas é do orçamento que lhes compete subir de 10 para 15 por cento e a sua entrega ser directa, sem passar pelas Câmaras Municipais. Também exigem o aumento do Fundo de Equilíbrio Financeiro (FEF), uma vez que há Câmaras que trans-

ferem para as freguesias um valor acima do que a lei estipula. É o caso de Lisboa, que de 390 mil contos passou para um milhão, neste mandato. Mas já antes, com Abecasis, essa verba atingiu mais de 600 mil contos.

A freguesia é uma certa originalidade do sistema administrativo português, escreveu Freitas do Amaral num livro editado pela Associação Nacional de Freguesias, defendendo o reforço da transferência de competências e a correspondente «fatia» de recursos financeiros e a con-

strução de sedes próprias. Na mesma publicação, Sérvulo Correia escreve sobre «As freguesias perante os Municípios: autonomia e complementaridade», sustentando que a sua autonomia «presupõe a titularidade por estas de um mínimo incompressível de atribuições nas quais se institucionalize com certeza jurídica uma margem de livre decisão das populações dos territórios mais restritos sobre interesses que lhes respeitam».

Pinto Balsemão prefacia a obra, defendendo que às freguesias cabe «liderar o direito à diferença sem perderem a noção do todo» e, para além de poder e meios, «precisarão também de saber adaptar a sua função na sociedade e no Estado à época nova em que vivemos».

Júlio Rodrigues

Socialistas querem autarquias com mais apoios e competências

Nas Jornadas Parlamentares que o Partido Socialista promove em Évora nos próximos dias 11 e 12 serão anunciadas as «soluções legislativas» que aquele partido preconiza «para uma nova concepção do regime das competências das Autarquias e das Finanças Locais». Ontem, durante uma conferência de Imprensa, o dirigente nacional do PS, Jorge Lacão anunciou em pormenor as medidas que vão ser analisadas durante os trabalhos.

Na óptica dos socialistas, a aprovação de uma Lei Quadro das Autarquias é «indispensável» para aumentar as responsabilidades dos mu-

nicipios em áreas como a gestão dos equipamentos colectivos, acção e apoio social, defesa do ambiente e da qualidade de vida das populações, ordenamento do território e dinamização do investimento regional e local.

As razões que levaram os socialistas a apresentar estas medidas prendem-se com o facto de o «primeiro-ministro não ter respondido» às interpelações do PS no sentido de serem criadas as regiões administrativas ou as áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto.

«O Governo e o PSD têm prosseguido uma política de

centralização do Estado, de asfixia do Poder Local e de estrangulamento dos municípios», afirmou Lacão. Segundo aquele deputado, «o Orçamento de Estado distribui hoje aos municípios menos verbas, em termos reais, do que no ano passado».

Perante o actual quadro os socialistas dizem que a «situação não pode continuar» uma vez que «no confronto com os demais países da Comunidade Europeia as autarquias portuguesas ocupam o fim da tabela em disponibilidades de financiamento».

Neste contexto, além das críticas que aponta ao

Governo, o PS apresenta propostas. Uma delas é a que defende que «em períodos de cinco em cinco anos sejam duplicados os recursos à disposição das Autarquias Locais em paralelo com a atribuição de novas competências. Para o efeito é necessário que seja garantido o reforço gradual da dotação financeira do Estado às autarquias».

Uma forma «mais flexível» de distribuir o Fundo de Equilíbrio Financeiro no território nacional e um melhor acesso ao crédito por parte das Autarquias é outra das soluções sustentadas pelos socialistas.



ESPECIAL FÉRIAS/90
no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

OUTUBRO		
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00

* Peq. Suplemento p/ocupação single.

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telex (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.



para gerir o município
com a participação
da população...

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA

pdm

plano director municipal
VILA FRANCA DE XIRA

uma escolha para o futuro!

POLÍTICA

Que comunicação social quer a sociedade portuguesa? É-lhe indiferente a crise que ameaça a existência de uma fortalecida imprensa diária?

Estas as questões e o desafio que o Sindicato dos Jornalistas lançou publicamente, considerando que é a liberdade de expressão e o exercício de direitos fundamentais que estão em causa

Sindicato dos Jornalistas lança pedrada no charco

O Sindicato dos Jornalistas, preocupado com uma crise instalada na imprensa diária, que ameaça alastrar a outros meios de comunicação, decidiu lançar um desafio à sociedade política e à sociedade civil para que tomem consciência da situação e a debatam.

Em conferência de imprensa, a direcção do Sindicato, pela voz do seu presidente, João Mesquita, deu a conhecer um manifesto dirigido ao exterior da classe de jornalistas, por considerar alarmante a apatia com que a sociedade recebe a situação pantanosa que se começa a viver na comunicação social, em especial na imprensa diária. Tanto mais alarmante quanto o Sindicato considera que «começa a estar em causa a liberdade de imprensa, enquanto expressão de todos os grupos sociais e instrumento vital de respiração da sociedade democrática» e chama a atenção para «o risco de se perder a pluralidade de expressão da sociedade portuguesa, através da concentração que une poderosos interesses económicos a poderosos interesses políticos».

A análise do órgão representativo dos jornalistas parte da constatação pública de que há muitos jornais diários em graves dificuldades financeiras e da previsão de que alguns dos mais prestigiados títulos da imprensa portuguesa possam vir a encerrar, para além da crise que afecta a

existência de numerosas rádios locais.

Como o Sindicato lamenta «que tudo aconteça perante a passividade dos mais variados responsáveis pela organização da vida política, das mais diversas instâncias a quem compete a fiscalização da normalidade da vida democrática, dos mais diversos grupos da sociedade civil», vai avançar, de imediato para o pedido de audiências ao Presidente da República, ao ministro Couto dos Santos, à comissão parlamentar de Direitos e Liberdades, às centrais sindicais, às associações patronais da imprensa, ao Instituto das Rádios Locais, a fim de os sensibilizar para a gravidade da situação e lhes propor uma análise ao estado geral do sector.

O Sindicato convida também publicamente algumas organizações, que incluem o debate entre as suas actividades, por exemplo o Centro de Reflexão Cristã, a SEDES ou o INES, a incluir a situação da comunicação social no programa das suas reflexões políticas.

O Sindicato, por seu lado, considera estar a dar um contributo para o diagnóstico do sector, tendo realizado um inquérito à classe, base para um estudo da sua situação actual, quatro encontros de profissionais das várias regiões do País, um encontro dedicado à problemática do acesso à profissão, que se realiza no próximo fim de

semana e com a encomenda a um departamento do Instituto Superior de Economia de um estudo sobre a situação económico-financeiro do sector empresarial da comunicação social.

Na conferência de imprensa, o Sindicato distribuiu também uma espécie de livro negro da imprensa portuguesa, onde se faz a história de 14 jornais semanários e

diários que abriram e encerraram nos últimos 11 anos o que, acrescentando quatro títulos de que não se faz história, dá uma média de mais de um por ano.

Aí se relatam os processos que levaram à abertura e encerramento de tantos jornais e se publica uma relação dos gestores e proprietários responsáveis pela sua gestão.

PSR prepara lançamento de uma Fundação

O Partido Socialista Revolucionário (PSR) leva a efeito, de sexta-feira até domingo, o seu 11º congresso, apontando-se como nota de destaque a eventual criação da Fundação José Carvalho - o militante do partido morto em Outubro do ano passado durante confrontos com um grupo de skin-heads. Os socialistas revolucionários pretendem que a Fundação seja um centro de estudos anti-fascistas.

A intensificação da luta contra os grupos neonazis, o balanço da actividade partidária nos dois últimos anos, a preparação das legislativas e a eleição do comité central são outras das propostas de trabalho para os três dias do Congresso. Sobre as Presidenciais, José Falcão, dirigente do PSR, disse à Lusa que não são aguardadas novas posições: «Não vamos apresentar qualquer candidato nem apoiar nenhum dos que se apresentaram até ao momento».

Domingo, assinalando o encerramento dos trabalhos, o PSR promove uma sessão pública.

PSD admite alterar Estatuto dos Militares

A alteração de alguns aspectos do Estatuto dos Militares das Forças Armadas foi uma das hipóteses admitida pelo PSD. No entanto, os social-democratas rejeitaram igual possibilidade no caso do Regime Remuneratório dos Militares dos quadros permanentes e em regime de contrato. Ontem, durante uma reunião da Comissão de Defesa, destinada a discutir cerca de 200 propostas de alteração aos decretos-lei números 34-A/90 e 57/90, o Grupo Parlamentar do PSD divulgou as suas posições relativamente a esta questão.

Quanto ao primeiro decreto-lei que aprova o Estatuto dos Militares das Forças Armadas, o PSD mostrou disponibilidade para fazer alterações. Todavia, o deputado social-democrata Cardoso Ferreira escusou-se a especificar os pontos do Estatuto susceptíveis de merecerem a reapreciação do seu partido remetendo a definição de posições para os dias 9 e 10, quando a Comissão de Defesa proceder à discussão e votação na especialidade das propostas apresentadas pelo PCP e PRD.

Fontes parlamentares disseram, porém, à Lusa que na reunião da Comissão a bancada social-democrata manifestou indisponibilidade para «mexer» nas estruturas de carreira, tempo de permanência nos postos e na passagem à situação de reserva e reforma.

As 200 propostas, grande parte delas, apresentadas pelo PCP subiram ao plenário no início de julho depois de os comunistas terem solicitado a ratificação dos dois decretos-lei.

TOTOLOTO

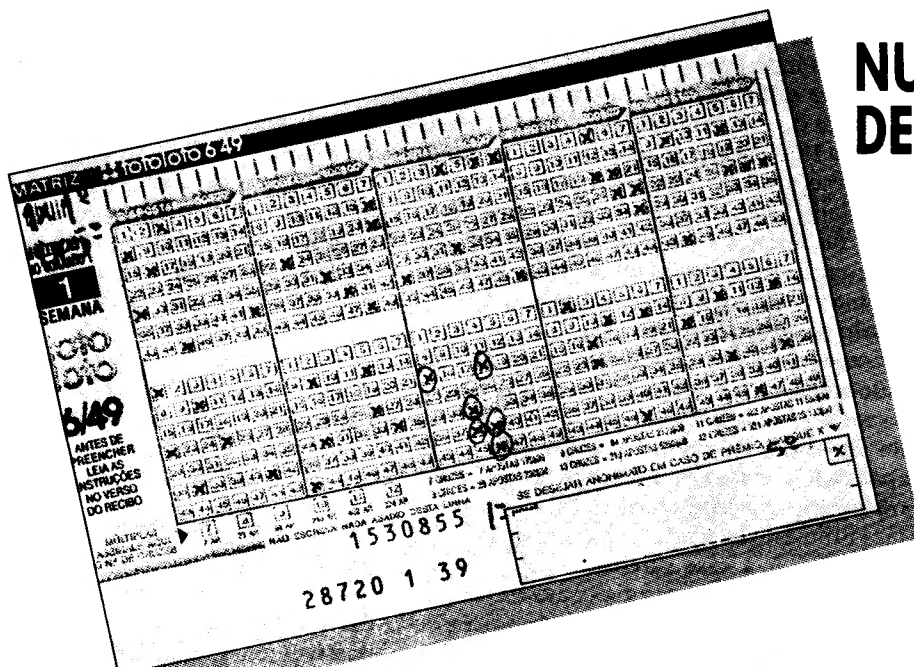
FAZ MAIS UM SUPERMILIONÁRIO

ANÔNIMO de GUIMARÃES

GANHA

190.908.672\$00

NUM BILHETE DE 10 APOSTAS



CINEVOZ

totoloto

É Fácil. É Barato. Dá Milhões

999

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho
de Administração: António Ruella
Ramos.
Administradores: Maria do Carmo
Ruella Ramos, João Manuel Ruella
Ramos, António Brás Monteiro
e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director
António Ruella Ramos

Exerceram anteriormente
a Direcção:
Joaquim Mano (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)
Mário Mesquita (1989/1990)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David,
Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira,
João Galamba de Oliveira,
José Luís Feronha,
Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques,
Alves Henriques,
Ana Mafalda Inácio,
Ana Paula Sá, Augusto Vilela,
Céu Neves, Daniel Reis,
Dina Soares, Elsa Andrade,
Emília Trindade, Ernesto Sampaio,
Fernando Braderode Santos,
F. Dias Brito, Gláucia Oliveira,
João Isidro, Jorge Ferreira,
José Rui Cunha (Bruzelas),
Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra
Botinas, Lurdes Faria,
Maria Antónia Martinho,
Maria João Martins, Maria João
Rocha, Maria José Belo Marques,
Marina Tavares Dias, Paulo Martins,
Pedro Alvim, Pereira de Almeida,
Rodrigues Borges, Rui Eduardo
Paes, Rui Ferreira e Sousa,
Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes
da Redacção: Alessandra Balsamo,
Francisco Paraiso, Isabel Joyce,
Jorge Fiallorca e Roby Amorim.

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador),
Emelinda Silva, Filipe Veríssimo
e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António
Carvalho, Jorge Santos,
Óscar Figueiredo
e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador),
António Lima e Maria
Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Cantelero

Redacção, Administração, Publicidade
e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano,
44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 -
Telegramas DIBOA - Telex 12363
DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso
na Renascença Gráfica, SA
- Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do
Norte, 115-117 - 1200 Lisboa
- Telef. 322100/322204/320784.
Delegação Norte: Rua Monte
dos Pípos, 326 - Custóias - 4450
Matosinhos - Telef. 9531566
Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço
do jornal: no Continente, 70\$00; na
Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

FORUM

UMA DESCARADA FRAUDE ELEITORAL

por Costa e Melo

«**L**adrões... ladrões... ladrões...». Foi dizendo isto, sem tirar nem pôr que eu utilizei, um dia, os dois minutos que solenemente acabavam de ser-me concedidos pelo representante duma qualquer autoridade, ao verificar, de relógio em punho e olhos em fusil, faltarem cento e vinte segundos para a meia noite, hora a que, impreterivelmente, teria de terminar esse Comício de propaganda eleitoral em pleno período do fascismo, essa mancha criminosa que alguns, ainda hoje, teimam em negar como realidade histórica de Portugal.

Era o período da «liberdade suficiente», no dizer nasalado do assassino-mandador do general Humberto Delgado.

Algum tempo depois, uns anos talvez, eu não teria dito, em triplicado como então fizera, as palavras que disse.

Em triplicado, talvez, mas tê-las-ia substituído, se depois de Vila Nueva del Fresno, por: *Assassinos... Assassinos... Assassinos...* referindo-me à mesma gentilha.

E como ambos os epítetos lhe calhavam bem, a essa gente!

Mas agora pediram-me, em relação a Delgado e por estar próxima a consagração do depósito do seu corpo no Panteão Nacional, que escrevesse umas linhas.

E aqui estou com elas, certo de que, seja de roubo, justificativo do *Ladrões... Ladrões... Ladrões...*, seja de assassínio, a justificar o outro grito, ambos são por igual adequados à maneira como a Liberdade foi roubada ou suprimida, durante os 48 anos do fascismo português.

Mas quero hoje ficar-me, tão-só e já não será pouco, pelo roubo cívico que negou a Humberto Delgado a Presidência da República para ofertar a chefia-acorçada do Estado a alguém que soubesse obedecer ao ditador e dele aceitasse os recados e as ingerências no poder.

Nem tudo está dito, embora contado e recon-tado, acerca do que então se passou nesse ano já distante de 1958 em que aquecia toda a desfaçatez dum regime, tão seguro de si que nem notara ter sido abalado, até aos alicerces, por uma frase simples de intenção verdadeira, repetida por todo o mundo, levada pelas tubas do salazarismo, como sintoma da ingratidão de um «pobre condecorado e dementado» general.

Vivi essas eleições como se vive a gota de água quando se tem sede e por elas senti que a sede era a da grande maioria de um povo, farto de não poder dar sinais da própria existência, e quase incapacitado de o fazer, tantas e tão prolongadas foram as amputações e os silêncios que sofreu.

Mas Humberto Delgado havia conseguido, tal era a sede, dar a esse povo um palor de esperança que em alguns surgia como certeza de que, a ser eleito, cumpriria a promessa solene de demitir Salazar.

Para muitos isso bastava para justificar o voto.

Para outros, os que sabiam não estarem inscritos no recenseamento eleitoral, era necessário ir mais longe, violentamente mais longe, até porque conheciam bem não ser Salazar capaz de aceitar uma decisão proveniente de acto público em que a indignidade cívica dele não poderia acreditar.

E tudo preparou, fria e cinicamente, para que o SE inerente à frase de Delgado, não pudesse,

nunca, verificar-se.

Que interessaria o número resultante da tabuada das urnas, se essa declaração de vontade colectiva da parte do povo com que contava, sofresse o cataclismo aritmético de ser menor que o esperado?

Que maior legitimidade poderia ser arvorada, acima da sua própria cegueira totalitária, acompanhada da «comunhão divina» que sempre invocara, mesmo quando, para satisfazer vaidades pessoais ou apetites inconfessáveis, desprezava ou até perseguia Membros da sua própria Igreja?

E de tudo quanto se passou nesse dia de escolha, apresentada como livre, resulta, claramente, a verdade legítima das palavras com que preenchi os dois minutos que, em mordada, me tinham sido dados:

Ladrões... Ladrões... Ladrões...

E ladrões, porquê?

Porquê, ladrões, esses a quem para além do de contar, era civicamente imposto o dever de contar bem e, para além disso, não deturpar quando ao povo era pedido como declaração de escolha, como manifestação clara de apoio ou de repulsa?

Hoje, raiado já Abril e passados que vão três lustros de liberdade, mais ou menos vivida mas sempre presente ao nível da cidadania democrática, difícil é explicar o sentido de mordada de toda a vida cívica dos tempos de Salazar, primeiro, e de Caetano, depois, sempre arvorada, dizia-se, em defesa da Pátria.

Mas nem por ser difícil deixa de ser necessário fazê-lo, ou pelo menos tentar fazê-lo, uma e muitas vezes, tão atreitos estão muitos ao esquecimento de crimes como aquele de que foi vítima Humberto Delgado e tantos, tantos outros.

E perdoe-se-me mesmo o atrevimento de entre todos escolher como o mais grave, aquele que negou uma vitória conquistada a golpes de povo, para servir, em bandeja de desvergonha, ao protegido de Salazar, o reverso dela.

É isso que é preciso repetir, sobretudo aos mais novos, aqueles que hoje alinham, por vezes, em saudável descontentamento, e ignoram que a liberdade de o fazerem nasceu de muitos, de demasiados anos de luta por ela em cumprimento cívico de um dever inerente à qualidade de cidadão.

Quase chega a ser desculpável que muitos estranhem, quase duvidem, da verdade de ter havido um governante, todo-poderoso e ainda mais descarado e cínico, que dava instruções para que a própria verdade das consultas eleitorais fosse falseada, desconfiado que sempre esteve, ele e os seus apaniguados, de que não bastaria reduzir os cadernos eleitorais a listas de apoiantes, se não incondicionais, pelo menos com grande possibilidade de acatarem as indicações dadas para o apoio do protegido do ditador.

Nessas eleições(?) de 8 de Junho de 1958 Salazar conseguiu, por si e pelos seus caudatários, uma das mais completas exhibições de impudor político, desfaçatez cívica, de baixa humana que é possível imaginar num homem que se dizia temente a Deus, respeitador da verdade e se vira guindado a todo-poderoso senhor, a coberto do manto silenciador da Censura a aplicar a tudo quanto pudesse contrariar os seus desígnios ou pôr em risco as suas posições.

Essa exibição, que é preciso sempre dar a conhecer para que não esqueça, mesmo que seja a prova evidente da nossa vergonha nacional, está consubstanciada numa nota confidencial, circulada aos Governadores Cívicos e por estes às

Câmaras Municipais de todo o país.

Dizia essa circular que emporcalhou as minhas mãos de cidadão, quando a li:

«Temos de ganhar por grande maioria, custe o que custar...»

Para cada assembleia de voto, devem ser também preparados alguns homens da nossa inteira confiança - *legionários e dedicados nacionalistas* - que julgamos capazes de em grupo ou individualmente, *intervirem em qualquer momento para acabarem repentinamente com qualquer oposição organizada* ou atitude hostil que possa surgir.

A palavra de ordem, será pois: *ganhar por maioria esmagadora custe o que custar*. Esta circular é extremamente confidencial pelo que rogo a V. Ex.^a o maior cuidado na sua divulgação.»

O estado era de terror reverencial, em relação ao ditador e ninguém ousava, sequer, sair das regras por ele fixadas. Todos tinham, com clara visão, a sensação de que, ao desobedecer àquele «*temos de ganhar por grande maioria, custe o que custar*» ficariam sujeitos a represálias traduzidas or perda de pão ou encerramento em cadeias e, cumprindo as instruções, se colocavam ao abrigo de castigos e de sacola bem aberta para as benesses.

E o resultado viu-se claramente.

Apesar do número de votantes estar longe de corresponder ao volume do eleitorado legítimo, aqueles que ousaram voltar, arrastados pelo entusiasmo que a campanha de Delgado ocasionou e pela ânsia de verem uma mudança no sentido da própria liberdade, motivaram uma votação maioritária e vitoriosa face ao abúlico protegido de Salazar.

Esse fenómeno foi visto, sentido e sofrido pelas mesas das Assembleias de Voto, todas formadas pela tal gente de «*nossa inteira confiança - legionários e dedicados nacionalistas*» e, dadas as distâncias que as separavam, em todas elas operou, por si, a obediência às instruções transmitidas pela tal indecorosa circular.

E, dessa ignomínia cívica resultou, como não podia deixar de ser, a acção demolidora de consciências orquestrada por «capangas» do regime, sempre que necessária a duplicação de actas e a clara falsificação dos resultados obtidos.

Foram apurados casos em que o número de votos atribuído a Américo Tomaz era em muito superior ao total do número de votantes da respectiva assembleia.

Dada a enorme votação de Humberto Delgado e em tentativa de melhor mascarar a fraude planeada, foram dadas instruções de última hora para que àquele fosse atribuído um número de votos significativo, embora pequeno, por forma a não prejudicar a «maioria esmagadora» que era preciso obter «custasse o que custasse».

E nem deve ter custado muito a mostrá-la, tão afeitos se encontravam à falsificação, à fraude, a mentira, à violência e aos silêncios de quanto lhes pudesse ser desfavorável ou mesmo só incómodo.

Por tudo isso, as eleições de 1958, para a Presidência da República, que Américo Tomaz venceu tendo sido claramente vencido por Humberto Delgado, foram nódoa numa História que se quer olhar como civilizada e bastariam para que, em defesa do todo da Nação, fossem regularmente mostradas como modelo acabado de perfídia política, como retrato, em corpo inteiro, de um ditador sem escrúpulos que, contra a vontade de alguns, importa não esquecer.

Por isso, ainda, o *Ladrões... Ladrões... Ladrões...* do meu grito, não ficará mal aqui, dobrados que foram já 32 anos!

FORUM

O SINDICALISMO E AS FATALIDADES DO DESTINO POR TUGUÊS

O Ministério do Emprego acaba de publicar os Quadros de Pessoal referentes a Março de 1989.

Com uma vasta informação sobre as entidades que utilizam trabalhadores por conta de outrem, estes quadros permitem retirar importantes conclusões sobre a evolução recente do tecido empresarial português, e recordam que apesar do rumo em direcção a uma Europa mais coesa o destino de Portugal continua envolto no tal nevoeiro que esconde o Desejado.

Os dados do Ministério do Emprego indicam que as empresas com menos de 10 trabalhadores são hoje 75,3 por cento do total, confirmando assim a existência de uma dispersão económica e social absolutamente contraditória com qualquer ideia de uma integração

com sucesso no novo Mercado Único Europeu, e suficientemente inquietante para que os sindicalistas portugueses pensem pelo menos duas vezes no futuro que lhes parece estar reservado.

Importa ainda salientar o facto desta tendência liliputiana das empresas portuguesas ter vindo a aumentar, mesmo depois de se saber que vamos a caminho de outras realidades e de outras exigências. Em 1985 essa percentagem andava então pelos 72,8 por cento.

Mas uma outra conclusão permitida pela leitura destes quadros do Ministério do Emprego vem ainda pôr mais nuvens sobre este destino traçado nas areias de Alcácer Quibir.

São tão assustadoras as indicações fornecidas pelo nível geral de habilitações dos trabalhadores portugueses, que nem mesmo o mais fanático optimista da nossa entrada na grande Europa comunitária deixará de deitar as mãos à cabeça quando tiver de pensar que cerca de 75 por cento da população activa tem menos que o ensino básico preparatório, e que 58 por cento só possui a instrução primária.

E para que não se julgue que isto só atinge os mais velhos ou os que estão em vias de reforma, fica a informação de que mesmo entre os trabalhadores com menos de 24 anos, cerca de 80 por cento possuem habilitações que não ultrapassam o ciclo preparatório,

baixando este valor para dois terços do total quando se considera o escalão etário dos 25 aos 34 anos, embora aqui seja maior o peso dos que apenas têm a instrução primária.

Estes são alguns aspectos que o Ministério do Emprego divulgou e com os quais Portugal vem preparando a sua entrada no Mercado Único e ao mesmo tempo o sindicalismo constrói o seu futuro.

Ainda há poucos dias ao intervir no Parlamento Europeu o deputado socialista e líder da UGT teve

As empresas com menos de 10 trabalhadores são hoje 75,3 por cento do total, confirmando assim a existência de uma dispersão económica e social

absolutamente contraditória com qualquer ideia de uma integração com sucesso no Mercado Único Europeu, e suficientemente inquietante para que os sindicalistas portugueses pensem, pelo menos duas vezes, no futuro que lhes parece estar reservado.

oportunidade de classificar de «profundamente negativo e frustrante o balanço das acções desenvolvidas pela CEE na área social». Na opinião de Torres Couto, «o mercado interno de 1993, sem um quadro harmonizador das políticas sociais, será uma espécie de circo romano, onde os mais fortes dilacerarão os mais fracos».

Entretanto, sabe-se também que a criação de novos empregos nos países da Comunidade, (7 milhões nos últimos quatro anos, e 2,5 milhões previstos para os próximos dois anos) não chega sequer para cobrir com um mínimo de alento o desemprego de longa duração que já existe no mercado de trabalho destes países. De facto, em cada 8 empregos criados só 1 foi ocupado por um desempregado. 40 por cento dos novos empregos são a tempo parcial e mais de metade dos empregos criados são ocupados por jovens ou mulheres pela primeira vez no mercado de trabalho.

A luta contra o desemprego de longa duração é tida como o maior desafio social desta Europa a que Portugal já pertence. A proporção de pessoas sem trabalho há mais de um ano tem aumentado de uma forma verdadeiramente aflitiva. De 37 por cento em 1978 passaram a ser 53 por cento dez anos depois, o que representa mais de 7

milhões de pessoas, 5 por cento da força de trabalho da Comunidade.

Se desde a sua origem o sindicalismo português foi sempre marcado pela ausência de uma classe operária suficientemente implantada e capaz de assegurar uma genuinidade histórica para as teses doutrinárias que adoptou ao longo da sua caminhada, hoje, quando não há mais hipóteses de o emprego na indústria acompanhar o crescimento dos serviços, e quando boa parte do esteio do sindicalismo não pode deixar de continuar assente em concentrações ao

nível de empresas com menos de 10 trabalhadores, como será o futuro do nosso sindicalismo, com Europa ou sem Europa?

Os nossos maiores bastiões sindicais não passam duns insignificantes 0,3 por cento de empresas onde o número de trabalhadores ultrapassa o meio milhar. Pensar em grandes

mobilizações para além dos festejos do 1.º de Maio, ou de uma ou outra justa manifestação contra o custo de vida, ou em qualquer greve geral que vá mais longe que um ou dois dias, é ambição que os sindicalistas portugueses sabem não poder alimentar com realismo e sinceridade conhecendo as circunstâncias que os rodeiam.

Com o mercado de trabalho europeu a evoluir para espaços que são preenchidos em grande força por jovens, por mulheres e por trabalhadores parciais, têm de ser pouco animadoras as esperanças do nosso sindicalismo no futuro próximo. Se já no melhor das suas possibilidades é o que está à vista, que esperar então quando o provir laboral vai passar por realidades sociais onde a presença sindical quase não existe, ou não existe mesmo?

No entanto, confinar todas as nossas esperanças a expectativas de um destino de nuvens invernosas do Norte de África é como ficar à espera que as anexações territoriais de Saddam Hussein acabem irremediavelmente por

chegar às refinarias de Sines ou de Cabo Ruivo, quer as nossas fragatas tenham ou não possibilidades de resistirem aos soldados de Bagdad.



José Brandão

* Sindicalista
(Sitra/UGT)

LETRA DE FORMA

o Diabo

De um artigo de João Fernandes:

Pessoalmente continuo a fazer as mesmas perguntas que faço desde o início. Porque é que alguém, depois de aceitar dinheiro (para si ou para outros, pouco interessa) para decidir a favor de um dos concorrentes de um concurso e, podendo fazê-lo, não o faz?

Porque é que alguém podendo — sem que ninguém nunca o soubesse, suspeitasse e em caso algum pudesse prová-lo — meter no bolso centenas de milhares ou mesmo milhões de contos, aceitaria meter-se em sarilhos para dividir com amigos de pouca confiança uns poucos milhares?

Nunca houve — e se calhar nunca haverá — respostas para estas perguntas. E agora também pouco interessam. Carlos Melancia voltou a ser um cidadão comum e por isso volta a ter garantias de defesa. O tribunal de opinião pública vai voltar-se para outras causas...

2 OUT. 90

PÚBLICO

De um artigo de João Carlos Espada:

Ao contrário do que foi espalhado pelo profetismo senil dos vários quadrantes, o processo de reunificação alemã está a correr bastante bem. O chanceler Kohl alargará o seu Executivo a cinco ministros sem pasta oriundos do Leste. Cento e catorze deputados de todos os principais partidos orientais tomarão lugar no Bundestag. E os cinco novos «lander» da Alemanha de Leste terão os seus representantes na segunda câmara federal.

Tudo isto foi acompanhado de garantias alemãs ao resto do mundo. Aos soviéticos foi prometido um largo subsídio para pagar a retirada das suas tropas. Aos europeus foi reafirmado o comprometimento alemão na construção europeia. Aos americanos, a fidelidade à NATO — a qual, por sua vez, foi aceite pelos soviéticos. Finalmente, a linha Oder-Neisse foi reconhecida como a fronteira oriental definitiva da nova Alemanha reunificada.

Pode-se certamente desconfiar de tantas e tão boas promessas, como faz «The Economist» de Londres. Mas é bom não esquecer que, há apenas alguns meses atrás, as grandes e obsessivas dúvidas não eram quanto à solidez das promessas: eram quanto à própria possibilidade da sua existência.

Por isso é legítimo dizer: até agora, tudo bem.

2 OUT. 90

Diário de Notícias

De um artigo de J. Baptista Comprido:

«A questão real alemã, que se põe daqui para a frente, não é nem económica, nem militar. É essencialmente política. Mas não parece avisado que os Europeus, e os outros países interessados, a deixem esbater ou acomodar pela ilusão de uma contribuição alemã pura para o concerto europeu e internacional. A análise do poder jogado durante o processo de reunificação já pode ilucidar algo a tal respeito.

Conhecem-se e sentiram-se as tentativas alemãs de unificação da Europa pela força. Foi possível evitar a sua consumação. A avaliar pelo presente, a Alemanha do futuro pode fazê-lo pacificamente através da cooperação e da integração, o que até parece ser do agrado de alguns países europeus mais proeminentes.

Mas, chegado o momento da verdade, não é difícil admitir que uma Alemanha superior venha a ressuscitar novas distribuições de poder e, desejavelmente, um equilíbrio natural, estável e pacífico de poder na Europa.

Teria sido efectivamente o regresso da verdadeira questão alemã. Mas seria, também, a sua resolução definitiva.

2 OUT. 90

INTERNACIONAL

Os nacionalismos na URSS Kremlin vai negociar com a Lituânia

A Lituânia e o Governo central da URSS decidiram criar um grupo de trabalho conjunto, visando a elaboração de um calendário das futuras negociações políticas.

O grupo de trabalho, chefiado pelo vice-presidente do Conselho de Ministros da Lituânia e pelo vice-presidente do Conselho de Ministros da URSS, deverá reunir-se dentro de duas semanas.

A iniciativa deste passo partiu do primeiro-ministro soviético, Nikolai Ryzhkov, e é o resultado de sucessivos encontros entre delegações da Lituânia e da URSS.

Até agora, a Lituânia tem insistido em manter a sua declaração de independência de 11 de Março último, enquanto o poder central defende a sua integração na união, como estado soberano.

Entretanto os ministros dos Negócios dos países bálticos (Estónia, Lituânia e Letónia) pediram aos 35 países da Conferência de Segurança e Cooperação na Europa (CSCE).

As três repúblicas soviéticas insistiram ontem em Nova Iorque em que a segurança e estabilidade na Europa não podem ser garantidas sem a recuperação dos seus direitos e participação no processo da CSCE juntamente com os demais países europeus.

Greve sem impacto na Ucrânia

Segundo a agência noticiosa Novosti, o apelo à greve geral na Ucrânia, lançado pela Comissão Coordenadora das Associações e Blocos Democráticos, para o passado dia 1, não conseguiu paralisar a capital ucraniana.

Esta forma de luta visava exigir a demissão do Governo ucraniano e a dissolução do Parlamento.

A mesma fonte diz que a greve, que não conseguiu mobilizar os trabalhadores dos sectores de maior impacto, teve os seus principais resultados nas regiões de Lvov, Ternobol e Ivano e junto de duas empresas de transportes interurbanos das regiões de Kiev e Jitomir.

Entretanto, dezenas de pessoas, entre as quais 15 polícias, ficaram ontem feridas em confrontos entre manifestantes e forças da ordem, registados em frente do edifício do Soviete Supremo (Parlamento) da Ucrânia, em Kiev.

Um grupo de pessoas, afectas a sectores da oposição, concentraram-se em frente do Parlamento, apesar de este ter aprovado na véspera uma resolução que proibia as manifestações nesse local da capital ucraniana.

Redacção «DL»/Novosti/Lusa

B R E V E S

Cuellar apela ao cessar-fogo na Libéria

O secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, formulou um apelo urgente ao cessar-fogo e a procura de uma solução pacífica para a guerra civil na Libéria, que se tem intensificado nos últimos dias. Jornalistas em Monróvia disseram entretanto que a embaixada de Espanha na capital liberiana foi saqueada, não se sabendo do paradeiro do único diplomata que ali exercia funções. Todas as tentativas para localizar Francisco Molins têm sido infrutíferas.

Buthlezi recusa conversações com ANC

O líder zulu Magosuthu Buthelezi recusou um convite para conversações de paz com o Congresso Nacional Africano (ANC) para conversações de paz. Buthelezi considerou que, para travar a onda de violência não basta um encontro entre os líderes do Inkatha e do ANC, mas que é preciso sentar à mesa as facções envolvidas nos conflitos étnicos na África do Sul, que desde Agosto já fizeram 800 mortos.

Malawi acusado de massacre recente

O regime do Malawi é totalitário, despótico e brutalmente repressivo, cuja polícia matou recentemente 20 manifestantes, acusou o grupo de direitos humanos «Africa Watch», sediado em Nova Iorque. O massacre, até agora não noticiado, segundo o grupo, ocorreu em Lilongwe, a principal cidade do Malawi, no dia 18 de Março último.

Mais de 30 estrangeiros entre os mortos de Cantão

Trinta e sete estrangeiros, entre os quais dois cidadãos de Macau, contam-se entre as 127 pessoas que morreram quando ontem um avião chinês desviado se despenhou em Cantão. A lista dos mortos, a que ainda não tivemos acesso, segundo a agência Nova China, só hoje foi divulgada.

Cessar-fogo pode acontecer antes do fim do ano

Luanda e Unita estão mais próximos da paz

Tudo aponta para que o cessar-fogo em Angola possa ser acordado até ao fim do ano e que as eleições gerais no país se realizem em 1991. O Governo de Luanda e a Unita atingiram nas negociações de paz um avanço que tornou «irreversível» o processo de paz, segundo o líder da Unita, Jonas Savimbi, que ontem foi recebido durante 30 minutos, na Casa Branca, pelo Presidente norte-americano.

O líder da Unita, que no prosseguimento da sua ofensiva diplomática é amanhã recebido pelo secretário de Estado norte-americano, James Baker, mostrou-se optimista no final do encontro com George Bush, tendo declarado ao «Washington Post» que a Unita já não exige, como condição prévia para o cessar-fogo, o reconhecimento do seu movimento como partido político.

Bush, que considera a pressão sobre Luanda como um «factor chave para o êxito» das negociações de paz, reafirmou o apoio de Washington ao líder rebelde angolano e ao seu movimento. Manifestou também a esperança de que as negociações em curso conduzam à paz e à reconciliação nacional em Angola.

O Presidente norte-americano declarou que os EUA estão dispostos «a fazer tudo o que puderem na promoção desse objectivo».

De referir que, segundo o «Times», Washington e



O líder da Unita, Jonas Savimbi, durante um discurso em que, na capital norte-americana, defendeu a realização de eleições em Angola

Moscovo aceitaram, pela primeira vez, propostas de Luanda e da Unita para a supervisão do cessar-fogo e das eleições, por uma força multinacional.

Esforços conjuntos

Em Moscovo, o primeiro vice-chefe do Departamento de Informação do Ministério dos Negócios Estrangeiros da URSS, Iuri Gremitskikh, disse por seu turno que representantes oficiais soviéticos mantiveram, também pela primeira vez, contactos com a Unita, com o propósito de contribuir mais completa e eficazmente para uma rápida reconciliação nacional em Angola.

A mesma fonte revelou que o encontro ocorreu na última

semana de Setembro, em Lisboa, no âmbito da quarta ronda de negociações entre o Governo de Luanda e a Unita, realizada sob os auspícios do Governo português.

Recorde-se que em resultado de um acordo entre as partes angolanas, peritos dos EUA e da URSS estiveram pela primeira vez na capital portuguesa, onde, à margem das conversações, desenvolveram esforços para facilitar a pacificação angolana.

Segundo o responsável da URSS, país que mantém relações de amizade com a República Popular de Angola, os esforços conjugados entre os EUA e o seu país merecem a compreensão de Luanda.

Vários analistas da problemática angolana defen-

dem igualmente a ideia de que o envolvimento das superpotências no processo de paz é um importante contributo, que poderá contribuir ao cessar-fogo.

AURSS e os EUA, citando ainda o «Times» estão empenhadas na assinatura do cessar-fogo, no mais curto prazo, dados os receios de que, a persistir o conflito, dentro dos próximos seis meses se possa assistir à generalização da morte pela fome em Angola.

Espera-se, portanto, que a próxima ronda de conversações, que deverá ter início no próximo dia 22, possa conduzir já a resultados mais palpáveis, que abram o caminho à paz em Angola.

Jorge Ferreira

Embargo começa a flexibilizar as posições do Iraque

O rei Hussein da Jordânia afirmou que o Iraque está disposto a negociar o problema da anexação do Kuwait num contexto árabe, mas que não o fará enquanto houver tropas estrangeiras na região do golfo Pérsico.

O soberano hachemita fez esta afirmação a um grupo de jornalistas japoneses, que se encontram na Jordânia para acompanhar a visita do primeiro-ministro Toshiki Kaifu, que hoje chegou a Amã para ajudar a coordenar o auxílio económico nipónico a este país.

A agência iraniana INA, por seu turno, noticiou que as autoridades iraquianas manifestaram a disposição de destruir o seu arsenal de armas químicas e todo o armamento de extermínio em massa.

No comunicado oficial divulgado pela INA, o Iraque põe no entanto como condição para a destruição dessas armas, que «os outros países façam o mesmo».

Segundo o rei jordano, «a intimidação, a provocação e as acusações não servem para nada» neste momento da crise que se vive no Golfo.

Hussein reafirmou que a Jordânia cumprirá as resoluções da ONU contra o Iraque, mas salientou que «o país está

a pagar cara a adesão aos seus princípios, para tentar preservar a paz e a estabilidade na região».

Mas apesar de a Jordânia afirmar que está a cumprir o embargo comercial contra o Iraque, meios de comunicação ocidentais continuam a acusar este país de manter uma posição ambígua em relação à crise do Golfo, acusando-o mesmo de apoiar o Iraque.

Os efeitos do isolamento

O general soviético, Mikhail Moiseyev disse entretanto que o embargo da ONU contra o Iraque está a produzir os seus efeitos, pelo que o uso da força não se justifica, a menos que seja autorizado pelas Nações Unidas.

A posição, expressa numa entrevista ao «New York Times», difere da posição adoptada pelos Estados Unidos, que disseram não excluir «nenhuma opção», incluindo um ataque sem aprovação das Nações Unidas.

«Não podemos aceitar que a resolução de crises como esta passe pelo recurso às armas», disse o general soviético, que está a efectuar uma visita aos EUA, a convite do chefe do Estado-Maior das Forças Armadas norte-ameri-

canas, general Colin Powell.

O general Moiseyev disse que o Iraque não poderá «sobreviver por muito mais tempo à situação de isolamento político e económico em que se encontra».

As deserções no Exército iraquiano estão a enfraquecer a força militar de Saddam Hussein e forçarão eventualmente o líder iraquiano a encontrar uma solução diplomática para a crise provocada pela invasão do Kuwait no dia 2 de Agosto.

Iniciativas árabes fracassam

A Imprensa marroquina de várias sensibilidades políticas dá hoje conta do fracasso das iniciativas de um triunvirato árabe liderado pelo rei Hassan II, mas insiste na necessidade de uma solução árabe concertada com a ONU, para pôr termo à crise no Golfo.

Entretanto, os nove franceses que se encontravam no Iraque retidos como «escudos humanos», deixaram também hoje Bagdad, depois de o presidente Saddam Hussein ter dito que eram livres de partir, segundo um funcionário da embaixada francesa na capital iraquiana.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

QUOTIDIANO

Câmara de Oeiras dá exemplo na política de habitação social

«Julgo que nenhum local poderia ser tão apropriado para a realização deste colóquio como o concelho de Oeiras», estas palavras do Ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, Ferreira do Amaral, encerraram o seminário «Bairros sociais - novos rumos, novas realidades, que ontem terminou. O ministro salientou a importância destas iniciativas por trazerem dados para a resolução de «um problema essencial do viver em sociedade».

E foram muitas as experiências trocadas entre os participantes, nacionais e estrangeiros, vindos da Bélgica, França e Itália. Falou-se mais de sucessos do que de insucessos. Todos referiram a inexistência de receitas para minimizar os carências do País na área da habitação.

A questão central é ampliar o parque habitacional, particularmente grave nas populações, economicamente e socialmente, desfavorecidas. Mas as respostas são múltiplas. Tarefa que cabe ao governo, câmaras, cooperativas e entidades oficiais e privadas. Só a articulação de equipas multidisciplinares com base em estudos sócio-económicos poderá avançar com êxito para uma solução.

O trabalho desenvolvido pela Câmara Municipal de Oeiras que, juntamente com o Instituto Nacional de Habitação (INH), organizou este seminário, parece, pelos dados apresentados, ser um exemplo a seguir. Acção já distinguida com o Prémio INH de Promoção Municipal, em 1990. Neste ano, foi igualmente premiada a cooperativa «As sete bicas», em Matosinhos.

Das experiências relatadas, ontem, na sessão da tarde, salientamos duas: a comunicação de Suzana Vieira, estudo antropológico de uma comunidade hindu, e a de Rui Losa e José Gomes Fernandes, recuperação do centro histórico do Porto.

Estas duas intervenções permitiram alargar ainda mais o leque da acção a desenvolver na promoção habi-

tacional. Por um lado, que destino a dar a comunidades étnicas fechadas e fortemente enraizadas na tradição e religião? Por outro, que tipo de recuperação deve ser feita num espaço importante, a nível económico, social e histórico?

O trabalho da antropóloga Suzana Vieira desenvolve-se junto de uma população de 700 indianos, a comunidade de Gujarate da Quinta da Holandesa, no Areeiro, em Lisboa. Têm representações sociais e culturais completamente diferentes dos vizinhos europeus. Levaram da Índia para Moçambique hábitos, práticas colectivas, medos e ambições. Forçados a vir para Portugal, tudo isto implantaram no bairro onde vivem, a começar pela casa que habitam.

«Até que ponto casos como este são contemplados nas políticas de promoção habitacional?», foi a questão colocada por aquela cientista.

Curiosamente, ou talvez não, ninguém da comunidade põe a hipótese de realojamento. No entanto, foi feito um recenseamento sócio-etnográfico com o objectivo de transferir aquela população.

No Porto, o trabalho de recuperação do centro histórico tem 12 anos de existência. O ritmo das obras é

um pouco lento, recuperaram-se 25 fogos por ano, orçados em 70/80 por cento do custo de uma casa nova.

Paralelamente a esta actividade, desenvolvida pela Câmara, têm surgido novos espaços comerciais, em particular, restaurantes e bares. «E, neste momento, já se sente que é necessário inverter este sentido e instalar outro tipo de equipamentos, por exemplo padarias, para devolver a identidade local», referiu Rui Losa na sua intervenção.

Na impossibilidade de comprovar, no local, os resultados dos trabalhos apresentados neste seminário, registamos a crítica de um sócio de uma cooperativa, em Moscavide, aos projectos de habitação social, no caso específico, a Zona N2 de Chelas, em Lisboa.

«A degradação desta zona começou pelos técnicos, a quem foram atribuídas casas, e por não se ter construído uma calçada à portuguesa onde as pessoas pudessem estar. Fizemos habitações para pessoas que viviam em baracas, no Inferno, e puseram-nas no Purgatório», referiu, ao mesmo tempo que lamentou o facto de só se pensar naqueles que vivem em bairros degradados.

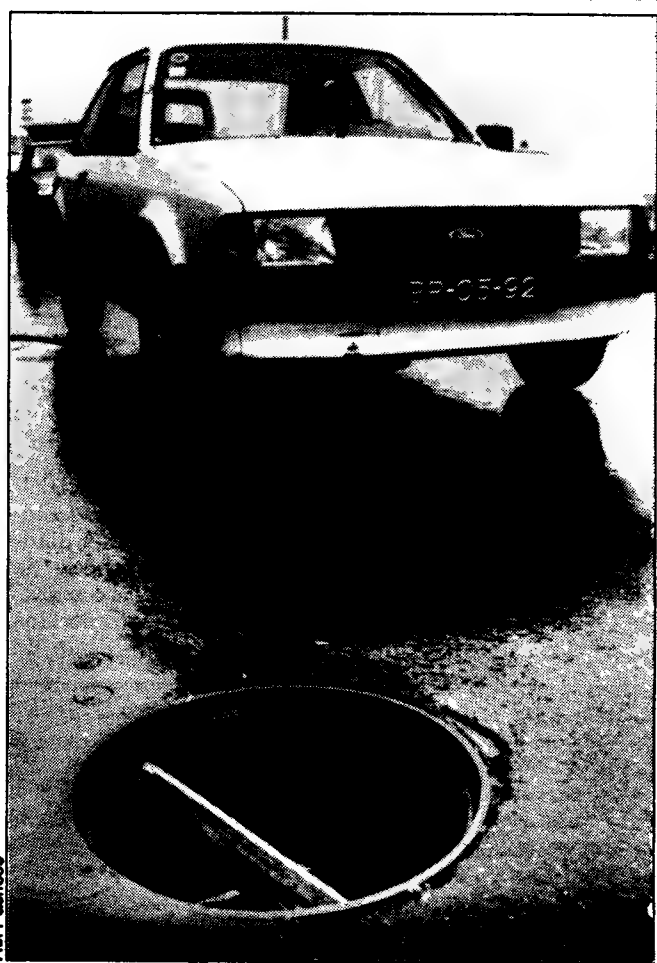
Gostaríamos de salientar um aspecto negativo da organização do seminário.

Trocaram-se constantemente a ordem das comunicações. Raramente se cumpriram os 20 minutos estipulados para cada intervenção, originando o adiamento do debate. Falhou o arquitecto Siza Vieira. Quando é que os organizadores deste tipo de iniciativas, e seus convidados, percebem que os programas são feitos para cumprir? No caso presente, a assistência, numerosa e interessada, merecia melhor.

A manhã de ontem foi preenchida com as intervenções dos participantes estrangeiros: os franceses Michel Bonetti, sociólogo, e Nancy Boucé, Ministério do Equipamento Social, Habitação, Transportes e do Mar, o italiano Claudio Russo, advogado, e o belga Luc Laurent, presidente do Comité de Especialistas do Conselho da Europa.

Na sessão de encerramento estiveram presentes Isaltino Moraes, presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Carlos Alberto Costa, secretário de Estado da Habitação, José Manuel Nunes de Carvalho, presidente do Instituto Nacional de Habitação e Ferreira do Amaral, Ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, tendo os dois últimos usado da palavra.

Céu Neves



Um perigo! Milhares de automobilistas que transitam pela Avenida Ribeira das Naus, entre o Terreiro do Paço e o Cais do Sodré, enfrentam, desde ontem, um grave risco de acidente. A tampa de um colector de águas partiu-se e os Serviços Municipalizados de Lisboa, informados da situação, limitaram-se a tomar nota do caso e a responderem não estar em situação de resolver o problema. Motivo: «não têm tampas em depósito». A armadilha mantém-se hoje, conforme mostra a fotografia, à espera que uma roda se introduza na bocarra negra, pouco visível entre o betume do piso de rodagem. As consequências são previsíveis, mas os respectivos serviços camarários não acautelaram a reserva de tampas nem deram outra solução.



Participantes da sessão da tarde, de ontem, observam os slides de uma das intervenções. O recurso a este meio foi uma constante nos trabalhos apresentados

Lisboa: nova urbanização

A abertura de três concursos internacionais para a construção de 440 fogos de habitação social no Casal dos Machados mereceu a unanimidade da vereação da Câmara Municipal de Lisboa. Ontem durante a reunião semanal do executivo camarário lisboeta, presidida por Jorge Sampaio, decidiu-se também que a base de licitação destas empreitadas deverá orçar em um milhão e

quatrocentos mil contos. A obra integra-se no âmbito do Plano de Intervenção a Médio Prazo, PIMP, celebrado entre o Estado e a autarquia da capital em Junho de 1987.

Após a aprovação das empreitadas Vasco Franco fez uma declaração de voto na qual refere que «se agrava a preocupação expressa na última reunião sobre os atrasos nos financiamentos por parte da Adminis-

tração Central».

As habitações em concurso constituirão o início de uma nova urbanização que, no seu conjunto, conta com 1.159 fogos a lançar até meados de 1991.

A Câmara Municipal de Lisboa aprovou também os termos de um protocolo que vai a celebrar com a Santa Casa de Misericórdia. O documento estabelece a cedência de um edifício

municipal para o acolhimento e integração de doentes vítimas da SIDA.

Como contrapartida, o município passará a poder utilizar dois fogos, propriedade daquela instituição de solidariedade social, situados no Bairro Alto. Desta forma a Câmara poderá proceder a realojamentos temporários no âmbito das obras de reabilitação daquela zona.

Na Ponte de Leça

Autocarro cai e mata quatro passageiros

Um autocarro de passageiros despenhou-se, esta manhã, da ponte de Leça e caiu na doca de Leixões, provocando quatro mortes e nove feridos.

A viatura, da empresa de viação Resende, transportava 15 trabalhadores da empresa Racor para a refinaria da Petrogal quando, pelas sete horas e 45 minutos, por causas ainda indeterminadas, se despenhou sobre a doca, ao aproximar-se da ponte que liga Matosinhos a Leça da Palmeira.

Os feridos foram inicialmente levados para o Hospital de Matosinhos, mas cinco deles seriam transferidos para o Hospital de S. João, no Porto, por o seu estado ser bastante crítico.

As vítimas mortais foram identificados como sendo António João Caldas, Manuel Lopes Pires, José Silva Vale e o condutor do autocarro que apenas se sabe chamar-se Mário.



**se pedalar
não beba!**

A Junta de Turismo da Costa do Estoril decretou a guerra ao lixo nas praias da Linha. Só que a operação não sai barata

Lixo limpo

Latas, plásticos, madeiras e outros detritos pouco simpáticos deixaram de ter lugar ao sol nas praias de Carcavelos e do Guincho. Tão pouco têm direito a banho, desde que a Junta de Turismo da Costa do Estoril, celebrou um contrato com a Ecolmare, serviços de despoluição. Um investimento de cerca de 70 mil contos onde tractores e barcos especiais para a recolha diária de lixo vão ser, durante sete meses, estrelas principais.

Decretada a guerra ao lixo,

a despoluição começou. Pelo Guincho e Carcavelos.

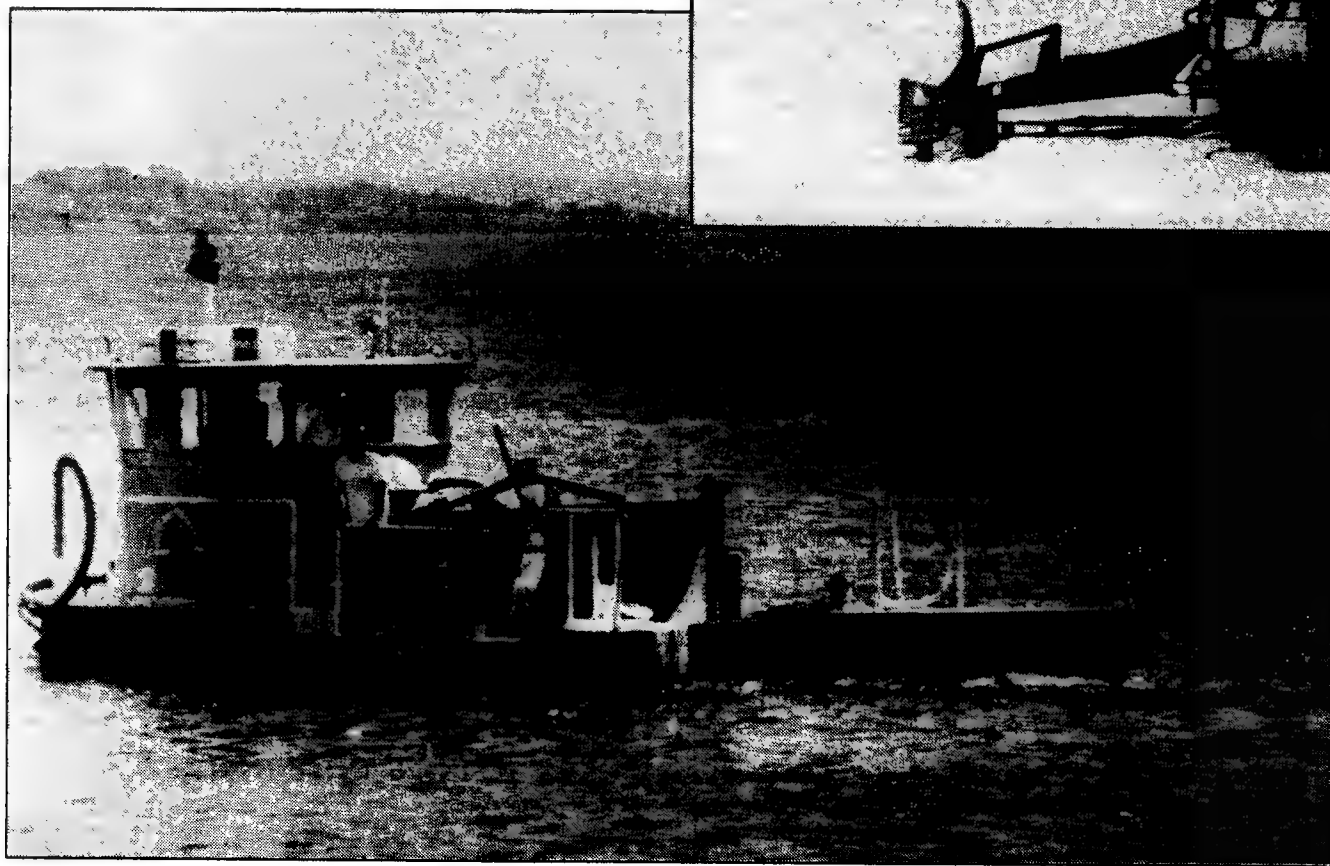
O Projecto Modular de Intervenção para a Defesa da Costa do Estoril, iniciado há pouco mais de um mês, parece estar já a dar os seus primeiros resultados.

Três barcos *Pelicans* e quatro tractores *Beach Cleaner*, últimas *coqueluches* da Ecolmare de Portugal, estão incumbidos da recolha diariamente toda a espécie de resíduos das águas e areias.

Segundo dados fornecidos pela Junta de Turismo da



Areias mais limpas, filtradas, após a passagem dos tractores



Os *Pelicans* dispõem de tenazes para a recolha de materiais sólidos à superfície e semi-submersos

Costa do Estoril, nos primeiros 40 dias de actividade, o equipamento «despoluidor» recolheu, em média, cerca de 1,3 metros cúbicos de resíduos, no areal e 1,5 metros cúbicos de resíduos, no mar. Ao todo, cerca de 500 toneladas retiradas das 8,6 milhas quadradas de zona marítima e 4,8 quilómetros quadrados de areal que a operação piloto de recolha de lixo, até agora, cobriu.

Alberto Romano, presidente da Junta de Turismo da Costa do Estoril e Rui Teixeira Santos, responsável pela Ecolmare no nosso país, estão satisfeitos com os resultados obtidos. Uma sondagem junto da opinião

pública trouxe-lhes perspectivas animadoras, afirmam.

Para além disso, segundo Alberto Romano, «o equipamento e os serviços prestados pela empresa vão permitir a criação de um sistema de defesa e de prevenção civil, com meios para combate a incêndios no mar e de um serviço laboratorial capaz de analisar os parâmetros físicos e químicos das águas».

Esta é, afinal, a grande novidade. Os *Pelicans*, capazes de limpar as águas até 40 cm de profundidade são polivalentes, facilmente reconvertidos, e preciosos auxiliares na defesa do meio ambiente.

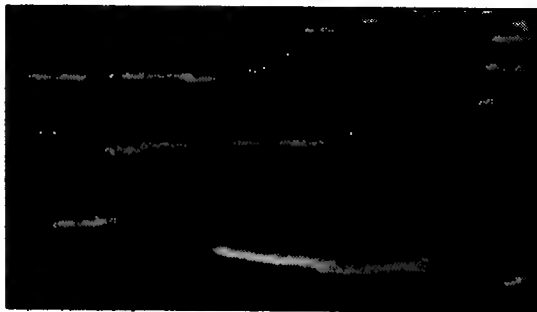
Ambientalistas vão reverdecer o Gerês

O Fapas — Fundo para a protecção dos animais selvagens anunciou ir desenvolver este mês as primeiras acções com vista à plantação de dez mil teixos no Parque Nacional da Peneda-Gerês.

Entre essas acções, avulta a criação em viveiro florestal de exemplares daquela árvore, que os incêndios florestais e a opção por espécies de crescimento rápido, além de outros aspectos da pressão humana, colocaram, segundo a Fapas, na lista das plantas mais ameaçadas de extinção no nosso País.

Os dirigentes da associação ambientalista pretendem obter dentro em breve dez mil exemplares jovens de teixo, com que repovoar as suas tradicionais áreas de incidência no Gerês, a fim de reforçar e expandir os precários núcleos da espécie ainda ali existentes.

Um apoio conseguido para a iniciativa foi o da empresa internacional de produtos de higiene e beleza Body Shop, que se propõe subvencionar a plantação de seixos em nome de seus clientes. Empresa patrocinadora de grandes campanhas pela defesa do meio ambiente, a Body Shop, hoje com cinco estabelecimentos em Portugal, pratica a reutilização das embalagens dos seus produtos, e pagará a colocação



de uma árvore por cada cliente que a ela recorra para reencenar um recipiente.

No comunicado em que anuncia a iniciativa, a Fapas refere a antiga abundância do teixo em Portugal, que relaciona com a vulgaridade de topónimos como Teixeira, Teixeira, Teixeira, Teixoso, Teixeira, Teixedo, Teixinho, Teixo e Teixoeira, salientando os efeitos nocivos da sua regressão em muitas espécies animais, que dele dependem.

Designada cientificamente por *taxus baccata*, esta árvore, de acordo com a Fapas, antes mesmo da dizimação causada pela expansão do eucalipto, foi muito flagelada pela procura da madeira, de características especialmente adequadas para a construção civil.

Psiquiatras apreensivos com a futura política de Saúde Mental

As alterações que o Governo se prepara para introduzir na área da Saúde Mental têm suscitado a mais viva polémica. Desta feita, um prestigiado grupo de psiquiatras subcreve um abaixo-assinado, no qual consideram as anunciadas intenções do Ministério da Saúde neste campo um presságio de uma «regressão da qualidade a nível da legislação e da política da Saúde Mental».

Os médicos lembram ao ministro da Saúde, Arlindo Carvalho, que, desde 1963, foram encontrados consensos na política de Saúde Mental implicando os mais diversos Governos e Associações Profissionais, sendo recomendados esse princípios básicos formalmente pelo

Conselho da Europa e assumidos por todos os ministros da Comunidade Europeia.

A continuidade de cuidados valorizando não só a relação médico-doente mas também a continuidade a nível da equipa terapêutica, assim como o desenvolvimento privilegiado da consulta externa e hospitalização parcial, abreviação dos tempos de hospitalização completa, a desinstitucionalização humanizada e a articulação da Psiquiatria com outras actividades médicas são alguns dos consensos apontados no abaixo-assinado.

«O não respeito por estes princípios provocará enormes custos económicos e sociais ao País, favorecendo a croni-

ficação institucional dos doentes, mal tratados desinseridos do seu meio familiar e social. A prazo provocará a oposição e o confronto com a maioria dos técnicos de Saúde Mental, os utentes e seus representantes», afirmam os psiquiatras.

O abaixo-assinado é subscrito, entre outros, por Eurico Figueiredo, professor catedrático e chefe de Serviço de Psiquiatria, Dias Cordeiro, presidente da Associação Portuguesa de Psiquiatria, Margarida Mendo, presidente da Associação Portuguesa de Psiquiatria da Infância e da Adolescência, e José Manuel de Almeida e Costa, presidente da Sociedade Portuguesa de Terapia Familiar.

QUOTIDIANO

Afinal chama-se «Parque Europa» o antigo projecto urbanístico de Abecasis. Os promotores asseguram que Sampaio assinou tudo e, como seria previsível, o primeiro prédio será para realojar os habitantes das barracas. Um «escândalo» que dará muito que falar

Lumiar de luxo

«Parque Europa» é como se chamará o prometido bairro a construir no Alto do Lumiar. Não se trata, propriamente, de uma zona preferencialmente de habitação social, de que tanto falou Krus Abecasis, mas sim de um «moderno e inovador» projecto constituído por uma imobiliária nacional associada a um conjunto de prestigiadas empresas de construção civil portuguesas.

O «DL» não conseguiu obter, de fonte oficial da Câmara Municipal de Lisboa, a confirmação da forma como o projecto foi aprovado. Sabe-se simplesmente que se tratará de um empreendimento de luxo, cujos dividendos possibilitarão o tão falado «realojamento» das pessoas que actualmente habitam na zona.

No anúncio da obra à Imprensa, feita ontem pela SGAL, Sociedade Gestora do Alto do Lumiar, Lda., foi dito aos jornalistas que a fase mais adiantada do programa é exactamente a que se refere à construção de habitação para as pessoas que hoje moram em condições degradadas.

Como se refere num documento distribuído à Imprensa, «o «Alto do Lumiar» possui um plano geral de organização para uma área de 300 hectares dentro do concelho de Lisboa, limitada a Nascente pelo aeroporto, segunda circular/Campo Grande a Sul, construções da Alameda das Linhas de Torres a Poente, e o Eixo Rodoviário Norte/Sul

a Norte, estando prevista a construção de cerca de vinte mil habitações».

O complexo «disporá de um parque de zona verde com 25 hectares, várias piscinas e ginásios, três mercados, nove escolas, duas dezenas de parques infantis e 14 creches, sendo, neste momento, a maior zona de expansão intra-muros da cidade de Lisboa».

A primeira fase do projecto do Alto do Lumiar contempla a construção de 1800 fogos num prazo de quatro anos, orçamentada em cerca de cinco milhões de contos.

Os primeiros 400, destinados à prometida «habitação social», estão em construção e prevê-se a sua conclusão em dois anos. Situa-se junto à Alameda das Linhas de Torres e à futura estação de Metropolitano que servirá a zona.

Em paralelo com a realização desta primeira fase será executada uma das principais infra-estruturas rodoviárias do Alto do Lumiar: o prolongamento da avenida Rainha D. Amélia, e parte dos acessos ao parque das Conchas - um «pulmão» verde esquecido - que se construirá de modo natural, como espaço privilegiado de lazer da urbanização.

Para a restante parte desta primeira fase, cujo início está previsto para 1991, com a duração de três anos, prevê-se reforçar a componente terciária em instalações vocacionadas para esse fim, e

onde as infra-estruturas de raiz possibilitam o uso imediato de novas tecnologias, tanto na área da burocracia como na própria «gestão inteligente» dos edifícios.

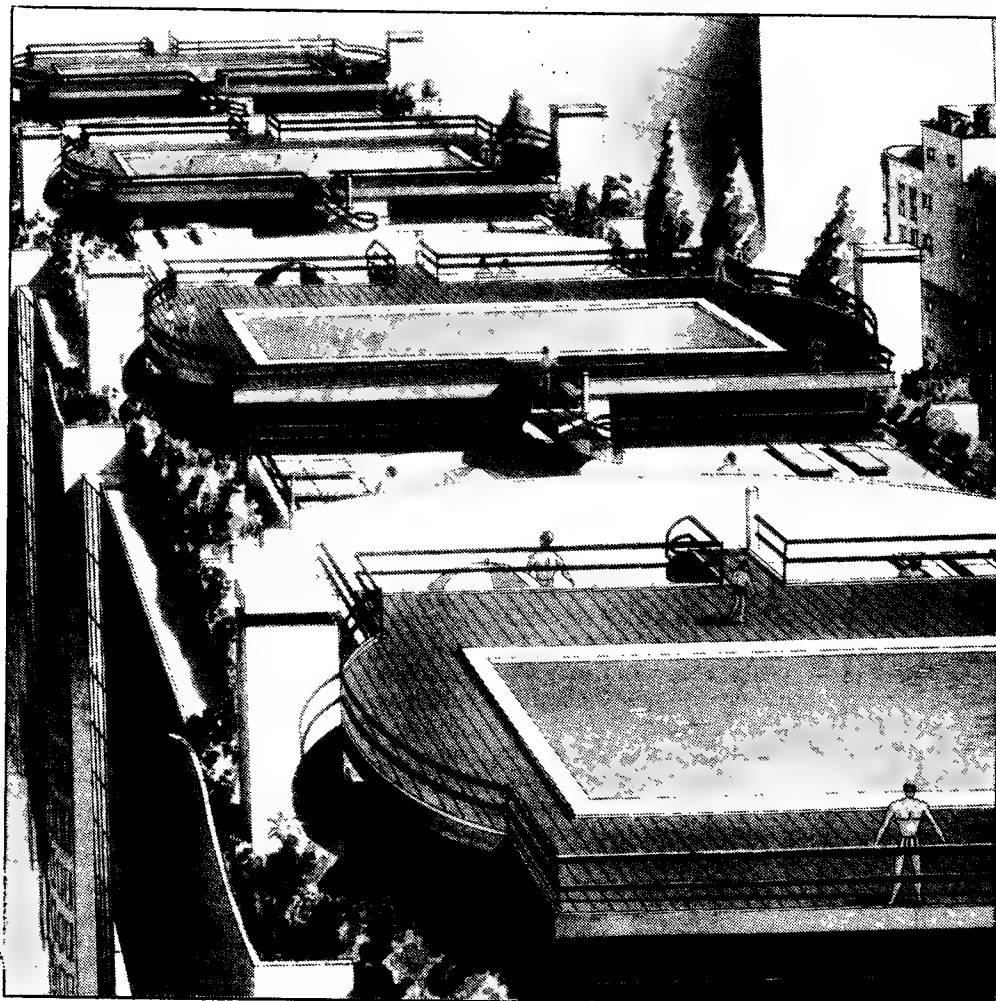
O lançamento comercial destes fogos, e naturalmente de todo o luxuoso projecto, estará a cargo de um consórcio estrangeiro de mediadoras imobiliárias, com provas dadas em muitos países com destaque para o Brasil onde, como se sabe, é cada vez maior o fosso social que separa o mercado deste ramo.

Os promotores asseguram uma sólida e agressiva campanha publicitária nos veículos de maior penetração do «grupo-alvo» que se procura obter, visando criar o «impacto e notoriedade» que estabeleça uma perfeita «identificação do produto e razões de distinção do mesmo».

Os responsáveis asseguram, como seria de prever, que «pela dimensão do empreendimento, pelo empenho e meios técnicos postos em conjunto pelas empresas envolvidas neste projecto, pela vontade firme de abordar os problemas de habitar, conviver, trabalhar e usufruir os tempos de lazer numa perspectiva de modernidade podemos, com propriedade, dizer que o «Parque Europa» será já sinal iniludível de um virar de página na habitação em Lisboa».

Com o conhecimento de Abecasis e o selo de Sampaio.

Pereira de Almeida



O Alto do Lumiar afinal chama-se «Parque Europa» e vai ser assim

População de Nisa sem assistência médica

Uma situação considerada «gravosa» em termos de cuidados de assistência médica às populações de Nisa durante este Verão levou o presidente da Câmara Municipal daquela vila, José Manuel Basso, a endereçar uma carta ao primeiro-ministro denunciando o problema. Segundo o edil, muitas das vilas e aldeias do concelho, algumas com mais de 2 mil utentes, viram-se, durante largas semanas, sem qualquer tipo de cuidados de saúde.

Situação que - continua a carta - conduziu ao fenómeno de generalizado auto-consumo de medicamentos, sem controlo médico algum, mesmo esse só possível pela colaboração de utentes, funcionários e farmácias locais. «Parece-me uma situação injusta para as populações do concelho sujeitas a tão desumana privação, tanto mais grave quando se acaba

de publicar uma Lei da Bases de Saúde que privilegia os cuidados primários de saúde e nos queremos integrar plenamente na Europa», comenta José Manuel Basso.

Em tom irónico, o presidente da edilidade nicense estabelece na sua missiva uma comparação esclarecedora: «Seria como se o município (por absurdo) nos meses de Verão, em que há mais resíduos sólidos (e em que também há mais população) deixasse de recolher o lixo nas diferentes localidades e obrigasse os munícipes a vir depositar os contentores à sede do concelho, suportando os custos do transporte a partir da sua localidade»...

Para José Manuel Basso, o direito a férias, em qualquer estrutura da administração, não pode acarretar automaticamente o sacrifício da generalidade da população utente. Refere ainda que «o

caso é tanto mais caricato quando no actual momento, em termos municipais, em processo realizado com a colaboração frutuosa com Sectores dependentes do seu Governo a que V. Ex.^a preside, estamos a implementar um processo de descentralização, modernização e desburocratização, que aproxima Serviços das populações, evitando-lhes deslocações, sacrifícios, despesas desnecessárias».

Convidando Cavaco Silva a visitar o concelho, o presidente da Câmara Municipal de Nisa termina a carta com um apelo: «Trata-se de uma situação que me parece desumana e que é desejável não se repetir em próxima ocasião em que se verifiquem as mesmas circunstâncias. Espero, por razões de serem as questões colocadas, o empenho efectivo de V. Ex.^a»

**QUINZENA
DA
MULHER**

1 a 15 de Outubro

As portas do Outono abriram-se já. As novas colecções trouxeram mais magia e sedução. As cores da moda são quentes, ternas e sublimes como a ternura dum olhar de mulher. Por isso nunca uma quinzena foi tão desejada. A Lanalgo sabe porquê, mas não diz. A si a oportunidade de descobrir...

Lanalgo

porque a mulher é eterna e você também!



BRITO

Em Portugal dedicaram-se ao ensino e à obra mi-
mas nem sempre os governos estiveram d

Amados os jesuítas o seu me

Três vezes foram expulsos de Portugal. Três vezes regressaram. E aí continuam, para ficar, ao que presumem. Os jesuítas, que estão a comemorar o meio milénio do nascimento do seu fundador e os seus 450 anos de existência. Um longo período de altos fastos políticos e religiosos, de perseguições, de zonas sombrias, de tragédias. Meio milhar de anos têm o seu peso, ainda que sobre a Companhia de Jesus continuem a pesar graves acu-

sações, ou, pelo menos, graves preconceitos.

A Companhia de Jesus nasce num período histórico, simultaneamente conturbado e criativo. Por um lado, é a Contra-Reforma que está a desenvolver-se na Europa, por outro é o desafio lançado a essa mesma Europa pelos Descobrimentos. O papa Paulo III aprova a existência dos jesuítas, em 1540, por meio da bula «Regimini Militantis Ecclesiae». E estes não tardam em lançar-se à conquista do que lhes pode ficar à mão. O Velho Mundo, com o domínio prático do ensino, os novos mundos, onde chegam mesmo a pensar criar um reino privado. O choque com os poderes anteriormente constituídos torna-se evidente e eminente, mas os jesuítas, em Portugal, terão ainda muito tempo para se tornarem autênticos senhores do país, até que o Marquês de Pombal ganhe o poder suficiente para lhes bater o pé. Não por muito tempo. Morto Sebastião José, aí estão novamente, para levarem nova ordem de despejo em 1834, perante a vitória liberal, após a Convenção de Évora Monte, por último em 1910, na altura da implantação da República.

Mas a ordem de expulsão determinada pelo Marquês de Pombal teve consequências muito sérias para a Companhia. O exemplo de Lisboa foi seguido por Madrid, por Paris, por Nápoles e por vários estados alemães. A desconfiança e o ódio ao jesuíta alastravam como uma nódoa de óleo, na verdade não sem o indispensável apoio dos jansenistas franceses. O Papa Clemente XIV, velho e débil, é, assim, forçado a suprimir a ordem, o que acontece a 21 de Julho de 1773.

Mas naqueles 200 anos que mediam desde a morte de Inácio de Loyola, a Sociedade de Jesus cresceu

desmesuradamente, em número e em influência. Em 1556 existiam cerca de mil membros em 11 províncias; em 1749, nas vizinhanças da supressão da ordem em Portugal, esta possuía 22 589 membros, dos quais 11 293 eram sacerdotes, espalhados por 39 províncias e os jesuítas possuíam 669 colégios, 176 seminários e 273 missões no estrangeiro.

A supressão da ordem não se prolongou por muito tempo: 65 anos mais tarde, em 1814 assistia-se à sua restauração e a Sociedade voltava a crescer apreciavelmente, apesar de sucessivas interdições nacionais tanto em França, como na Itália ou na Espanha e em Portugal, perante a vitória dos liberais, contra os miguelistas, em 1910 após a implantação da República.

Amados e odiados, os jesuítas tinham, em 1960, quase 35 mil membros, dos quais quase 4 mil em missões no estrangeiro. Um pouco em todo o mundo, a Sociedade dirige 5 211 instituições educacionais, incluindo 341 seminários (que podem não ser jesuítas), a maior das quais é a Universidade Gregoriana de Roma, frequentada por quase 3 mil estudantes de todos os pontos do mundo. A cargo dos jesuítas está, ainda, o Instituto Bíblico de Roma.

A Sociedade de Jesus mostra-se especialmente activa em dois outros campos: a publicação de literatura periódica e a organização de retiros (olhados do exterior como estranhas formas de ascensão política — o que sempre tem sido o gado).

A Ordem publica 1 320 periódicos, dos quais 130 são universitários ou científicos, 200 dedicados à devoção, 45 relacionados com as missões, e uns 150 sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

Por outro lado, num só ano, os jesuítas organizaram 19 483 retiros, que vão de um

O «Papa Negro» sempre alerta

Hans Peter Kolvenbach é holandês, fala uma dezena de línguas e, desde há 10 anos, que se tornou o responsável pela ordem religiosa mais importante da Igreja Católica, sucedendo ao controverso mons. Escrivá. É o 29º sucessor de Inácio de Loyola e foi na cidadezinha espanhola do mesmo nome que respondeu a algumas perguntas dos jornalistas.

A explicação do chamado «Papa Negro» para os sucessivos diferendos que a Companhia tem enfrentado com numerosos governos e até mesmo com a própria Roma, é de que «a paixão pela Igreja levou os jesuítas, em certas ocasiões, mais a denunciar do que a anunciar».

Sobre a situação actual da Companhia de Jesus, quase meio milénio após a fundação, opina:

«Neste momento, a Companhia tem o mesmo alento para as mesmas motivações que sentia, quando foi fundada por Inácio de Loyola, há 450 anos. Em primeiro lugar, um grande desejo, ia dizer paixão, pelos Exercícios Espirituais, a experiência que Inácio teve em Manresa (Barcelona) e que continua a estar à disposição de qualquer homem que deseja que Deus lhe transforme a sua vida quotidiana à luz do Evangelho.

A isto acresce o desejo de ajudar o próximo para que se transforme naquilo que é no mais profundo do seu ser. Além do mais, a Companhia continua a manter o seu dinamismo, mobilidade e disponibilidade, sem se identificar com nenhuma classe social, embora muitas vezes esta atitude não seja lá muito bem com-

preendida por muita gente.

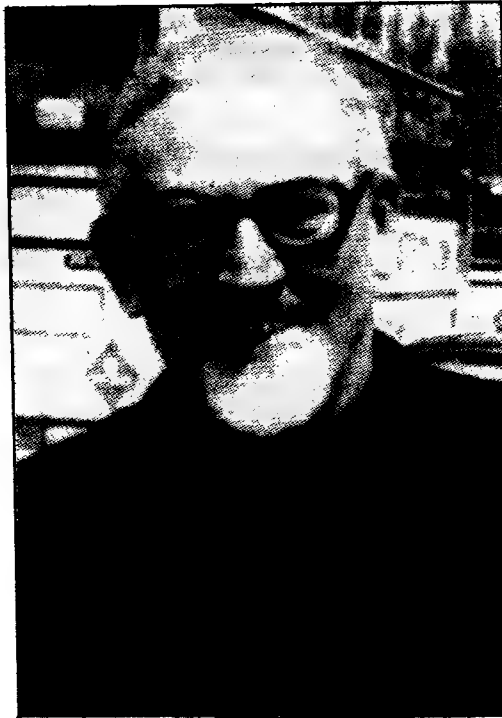
Constata-se, também, uma paixão pela Igreja que por vezes levou a Companhia a denunciar, mais do que a anunciar. Isto denota, talvez, mais impaciência do que esforço de contenção evangélica. A razão de ser da Companhia continua a ser o serviço da Igreja, com relações leais para quem é o sucessor de Pedro».

Política e compromisso social

Mais cauteloso, Hans Kolvenbach quando se refere à América Latina. Ali, sabe-se, contrariamente às múltiplas referências do «Papa Negro» para que os membros da Companhia não se emiscuem na política, em numerosos lugares e ocasiões os jesuítas vivem o seu compromisso com os pobres, um compromisso simultaneamente social e político.

«Para mim é menos motivo de preocupação o que pode ter sido a teologia da libertação no passado do que a capacidade, no momento da desintegração de uma classe de comunismo, que deverá ter que responder aos desafios de hoje. Visitando os jesuítas da América Latina, pude ver que estão a procurar reorientar a sua actividade dadas as alterações que estão a surgir nos seus países. Estou convencido de que só conseguem alcançar esse objectivo se seguirem os ensinamentos da doutrina social da Igreja, que dará eficácia à teologia da libertação ao serviço dos pobres e da justiça.»

Quanto à tensão entre a Companhia e o Vaticano, as coisas parecem ter melhorado consideravelmente.



Hans Peter Kolvenbach

«As relações são, neste momento, cordiais em todos os aspectos e João Paulo II manifesta-nos constantemente a sua confiança, como acabou de o fazer por meio da carta que enviou à Congregação dos Provinciais de Loyola.»

Cuidado nas palavras também em relação aos acontecimentos do Leste europeu:

«A companhia está já presente em alguns destes países e está sempre alerta ante os desafios que se lhe apresentam»



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

CONCESSIONÁRIOS

ra missionária (com a sua política pelo meio),
ram de acordo com as suas actividades

os e odiados as celebram meio milénio

em nú-
a. Em
de mil
ências;
as da
m Por-
2 589
11 293
lhados
e os
669
rios e
geiro.
m não
muito
tarde,
na res-
le vol-
ciavel-
ssivas
tanto
lia ou
rtugal,
berais
e, em
ção da

os, os
1960,
os, dos
missões
pouco
a So-
insti-
inclu-
s (que
cos), a
iversi-
Roma,
e 3 mil
os pon-
go dos
o Insti-

Jesus
nte ac-
ampos:
eratura
ação de
exterior
mas de
o que
ado).

1 320
130 são
ntíficos,
ção, 45
s mis-
e a de-
Coração

um só
nizaram
o de um

CINA

a 30 dias e que congregam cerca de um milhão de participantes laicos.

Um mundo a ganhar

A Sociedade de Jesus surgenos anos em que Inácio de Loyola passou em Paris como estudante. Ali conseguiu congregar um grupo de jovens aos quais entregou a sua mensagem de uma vida de pobreza e castidade e da ajuda espiritual do próximo.

O pequeno grupo começa a trabalhar em Veneza, onde todos eles, excepto Peter Favre, que já era padre, foram ordenados. Os seus esforços apostólicos tornaram-se tão evidentes a Roma, que decidiram organizar-se como uma sociedade. Logicamente, Inácio foi eleito como chefe da nova organização religiosa e encarregado de escrever os seus estatutos, a partir de um resumo apresentado ao Papa Paulo III.

Inácio de Loyola passou os 10 seguintes anos a escrever esses estatutos, aprovados em 1550 por Júlio III.

Os estatutos descrevem pormenorizadamente os objectivos da ordem e os meios pelos quais pretende conseguir os seus objectivos.

O quase ilimitado campo de acção apontado por Inácio de Loyola levou-o a introduzir grandes alterações na habitual vida religiosa: a recitação individual dos ofícios divinos, em vez do coro usual, a não utilização de um hábito distintivo e a fusão prática da

oração contemplativa com a actividade apostólica.

Outro ponto completamente novo foi o da eleição do Geral da Companhia por um período vitalício e a ausência de reuniões gerais. Procuradores reúnem-se, cada três anos, em Roma, para determinarem se há razões, dentro ou fora da Companhia, para a realização de um concílio, que, caso contrário, só ocorrerá na morte do Geral para a escolha do seu sucessor.

Os noviços são forçados a um período de provação de dois anos, ao fim dos quais fazem votos simples, mas perpétuos. Após completarem os estudos e receberem a ordenação, os jovens sacerdotes têm que completar um ano de treino ascético, após o qual, a seu tempo, são admitidos aos votos finais.

No exterior, a Sociedade tem-se mostrado sempre extremamente activa em missões nos novos mundos. Mesmo ainda antes da morte de Inácio de Loyola, os jesuítas estavam estabelecidos no Extremo-Oriente, na Etiópia, no Brasil, no Congo e em Marrocos e, a partir da Índia portuguesa, Francisco Xavier preparava uma missão na China, quando morreu em Goa, no ano de 1553.

Desde os seus primeiros dias, os jesuítas sempre se mostraram profundamente empenhados nas questões doutrinárias e foram extremamente activos a apontar as heresias. Peter Favre (1506-46), acompanhando Pedro

Ortiz, embaixador de Carlos V, tomou parte na Dieta de Ratisbona, onde teólogos católicos e protestantes tentaram infrutuosamente resolver os seus desacordos doutrinários.

Pela mesma altura, Pedro Canisius, praticamente isolado, levava a batalha da sua igreja contra as heresias em Colónia, Augsburg, no Reno, na Baviera e no Tirol, até mesmo a Viena e à Boémia. Catedrais e universidades, bispos e príncipes, as cidades do Santo Império Romano-Germânico, bem como os próprios concílios da Igreja renderam-se a este homem que foi denominado de «o machado de Deus».

Em Portugal, os jesuítas começaram por se estabelecer em Coimbra, em 1542, fundando o Colégio de Jesus ou das Onze Mil Virgens, actual Sé Nova e edifícios complementares, destinado a formar teólogos e missionários. Hoje dirigem três colégios no nosso país, além de orientarem, na prática, os vários ramos da Universidade Católica.

Entre as grandes figuras que deixaram para a História de Portugal são de assinalar: Simão Rodrigues, restaurador da Universidade de Coimbra, os evangelizadores do Brasil, José Anchieta e Manuel da Nóbrega, este fundador da cidade de São Paulo, António Vieira, visionário e, provavelmente, o homem que melhor maneja a língua portuguesa, e muitos outros.

Roby Amorim

Companhia de Jesus

Um Estado dentro da Igreja

Conhecidos vulgarmente como jesuítas, eles são a maior Ordem do mundo. A Portugal, assim como ao resto da Europa, chegaram em 1540 e, desde logo, deixaram bem claro que não nasceram para desempenhar uma tarefa específica. «Não somos uma ordem viada para nós próprios, somos para aquilo que em cada momento é julgado de maior urgência e universal» - dizem. A sua característica é, precisamente, estarem prontos e disponíveis para qualquer missão na Igreja.

Ao longo dos séculos conheceram a perseguição e a clandestinidade. Pode mesmo dizer-se que no nosso país a sorte não lhes sorriu. Foram três vezes expulsos oficialmente, mas três vezes regressaram para conquistar o seu lugar na sociedade e na Igreja. «As expulsões e a oposição que os jesuítas sempre encontraram devem-se, em grande parte, à sua influência na comunidade, à inveja e às posições destemidas que têm assumido em todos os lugares onde se fixam, nomeadamente em Portugal e na América Latina» - diz-nos o padre Vaz Pinto, um dos membros da Ordem portuguesa.

Homens cuja missão é dedicarem-se inteiramente ao serviço da fé e à promoção da justiça, os jesuítas construíram uma postura frontal e afirmativa, que muitos classificam de incómoda e desrespeitadora. «Quando as pessoas são muito afirmativas há sempre reacções de oposição e de escárnio. É a nossa sina. Queira Deus que continue» - afirma Vaz Pinto.

representante de Cristo para a resolução do mais urgente e universal. No entanto, nunca existiu uma ligação muito forte ou especial com Sua Santidade. Quando João Paulo II foi eleito, provavelmente por deficiente informação, interveio com bastante dureza na vida interna da Ordem. Esta reagiu com maturidade, respeito e obediência. A partir daí as tensões diminuíram e ele próprio tem tido o cuidado de renovar a sua total confiança na Companhia» - explica este jesuíta português.

Foi mais um período, agora nos tempos da modernidade, em que várias vezes se levantaram para criticar e invejar o poder conquistado através dos séculos por esta que é considerada a maior Ordem da Igreja católica.

Em Portugal, as tensões entre Estado e Companhia de Jesus acalmaram após o 25 de Abril. Já que, quer o regime liberal quer o republicano não lhes deram guarida. Só em 1923 puderam regressar e em 1941 é que Salazar os reconheceu como corporação missionária. Não deixando de controlar, no entanto, a sua ascensão política e o seu poderio socioeconómico, que foram quase sempre motivo de cobiça e dos conflitos com os novos poderes.

«Os nossos políticos aprenderam. Em 1974 houve o cuidado de todas as forças políticas não meterem a Igreja nesta guerra e de a própria Companhia não ser atacada. Apenas nos roubaram a primeira Faculdade de Sociologia, que tínhamos criado em Évora. E não foi o Estado, foi o PCP. Mas, não houve uma guerra religiosa e os cristãos dividiram-se pelas diferentes forças políticas» - diz Vaz Pinto.

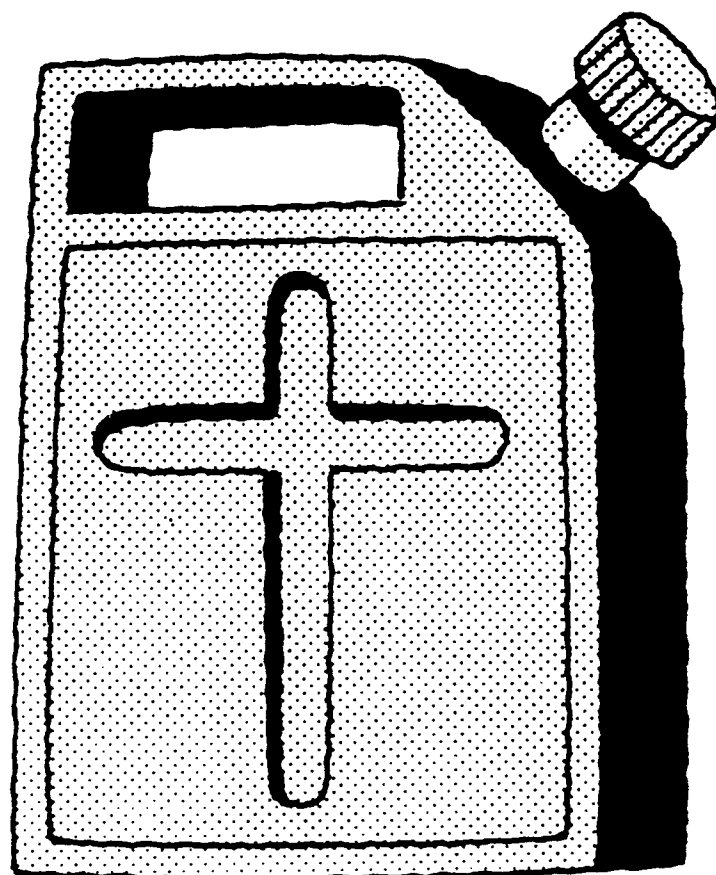
Hoje, continuam a dizerem-se e a assumirem-se como incómodos, mas não nas mesmas proporções. Segundo eles, «o pluralismo político e religioso instaurou-se na sociedade e tudo isso fez com que as tensões diminuíssem».

A sua actividade por excelência é o ensino. Diz-se que por ser uma forma de controlar o poder e a sua posição na sociedade. No entanto, Vaz Pinto contesta tal perspectiva. «Não é por uma vocação especial, nem pelo poder. Quando a Companhia nasceu não estava directamente vocacionada para o ensino. Simplesmente, na Europa verificou-se que era necessária a criação de colégios para obstar à expansão dos protestantes. Fomos nós os percursores do ensino secundário e quando os jesuítas foram expulsos deu-se um dos maiores colapsos do ensino dos portugueses. De repente, mais de 700 instituições fecharam» - afirma.

Tempos houve em que os jesuítas dominaram a formação escolar em Portugal através de colégios em Lisboa, Évora, Braga, Bragança, Angra, Funchal, Faro, Portalegre, Ponta Delgada, Santarém, Porto, Elvas, Horta, Setúbal, Portimão e Beja, entre outros. Agora, dirigem o Colégio São João de Brito, em Lisboa e o colégio de Santo Tirso.

Centro de poder e de cobiça, a Companhia de Jesus sempre soube manter a sua posição de Estado dentro da própria Igreja.

Ana Mafalda Inácio



BRITO

Há bem pouco tempo, um conflito que os opôs ao Papa João Paulo II provocou, mais uma vez, reacções adversas na sociedade e no seio da própria Igreja. Para muitos, tratou-se de um braço de ferro que Sua Santidade perdeu. Procurava-se definir quem manda na Igreja. Ou de outra forma, se os jesuítas, pela sua história e vivência, são independentes ou se regem por um estatuto especial.

«A Companhia de Jesus esteve desde sempre à disposição do Papa como

Comemorações

As comemorações dos 450 anos da fundação da Companhia de Jesus começaram a 27 de Setembro e irão prolongar-se até 31 de Julho de 1991, altura em que se celebram os 500 anos do nascimento de Santo Inácio Loyola.

Segundo o padre Vaz Pinto, são comemorações que não pretendem assumir um cariz folclórico, mas revelarem-se como um momento de renovação espiritual e apostólica da Companhia em todo o mundo.

Além de várias celebrações solenes realizar-se-á na Páscoa uma peregrinação de jovens a Loyola e em Fátima terá lugar uma semana de espiritualidade.

Em Janeiro, decorrerão encontros sobre «Fé e Justiça» e «Fé e Cultura». O ponto alto será atingido em Março com a realização do Congresso Histórico do Ano Inaciano.

Durante este período, uma exposição itinerante, com várias publicações alusivas à vivência dos jesuítas, percorrerá todo o país.

Mas, um pouco por todo o mundo se preparam as comemorações do Ano Inaciano. Em Macau, é como um «desafio do futuro» que os jesuítas encaram os anos que se aproximam e as comemorações que agora se iniciaram. É objectivo da Companhia residente naquele território «trabalhar na construção de uma China renovada e de uma Igreja que testemunhe o seu compromisso».

Nas comemorações, quatro blocos de actividades principais estão perspectivados. A inauguração, um período dedicado a São Francisco Xavier e à Imaculada Conceição, a Páscoa e finalmente um tempo reservado a Santo Inácio.

ECONOMIA

B R E V E S

Cooperação científica luso-espanhola

A criação de condições para a participação conjunta nos programas europeus de investigação e desenvolvimento foi acordada entre os secretários de Estado das Universidades, de Espanha, e da Ciência e Tecnologia, de Portugal, numa reunião realizada em Lisboa. Foram consideradas prioritárias as áreas das ciências e tecnologias da informação, biotecnologia, novos materiais e ciências e tecnologias do mar.

Apple Computer e Interlog renovam exclusividade

A Interlog renovou o contrato de exclusividade para a representação dos produtos Apple Macintosh em Portugal, agora alargada a Angola e Moçambique e com a duração de três anos. A Interlog representa a marca americana desde 1986.

ABB abre o capital aos trabalhadores

A Asea Brown Boveri (ABB), o maior grupo europeu de engenharia electrotécnica, lançou um programa de abertura de capital a cerca de 160 mil dos seus trabalhadores, incluindo 600 portugueses. As acções a distribuir, no valor de 600 milhões de dólares (cinco por cento do capital), estão listadas em várias bolsas internacionais e pertencem às empresas sueca ABB e a suíça ABB Brown Boveri, cada uma detendo 50 por cento da ABB.

Primeira pedra da sede do Montepio Geral

A cerimónia de lançamento da primeira pedra da futura sede do Montepio Geral, a erguer na Praça de Espanha, em Lisboa, realiza-se amanhã, pelas 15 horas, integrando-se nas comemorações do 150º aniversário da instituição, que culminam com uma sessão solene a realizar à noite no auditório do Montepio. Na Praça de Espanha, a primeira pedra será depositada pelo presidente do Conselho de Administração, Costa Leal. O padre Vítor Melícias procederá à sua bênção. De seguida será lançado o livro sobre os 150 anos do Montepio, da autoria da Vasco Rosendo, acto que terá lugar na Fundação Gulbenkian.

Defendida reestruturação do sector, tendo em conta alterações a Leste, numa altura em que representantes no Uruguay Round apresentam propostas de redução de auxílios

Italianos estão pessimistas com agricultura da CEE

Enquanto a presidência italiana do Conselho de Ministros da Agricultura da CEE se manifesta pessimista quanto ao futuro do sector, na perspectiva de uma reestruturação da produção nos países de Leste, os representantes do GATT começaram a submeter as suas listas com vista à redução dos auxílios agrícolas que, segundo o calendário, deverão estar concluídas a 15 deste mês.

Um documento da presidência italiana refere, quanto ao primeiro caso, que, «na ausência de escolhas quanto às tendências produtivas, por parte dos países da Europa Oriental, a produção de cereais e carne poderá vir a ser, dentro de 5 a 10 anos, superior à procura, continuando a produção de sementes oleaginosas a ser inferior».

Este documento foi discutido pelos ministros da Agricultura dos Doze, que se reuniram em sessão informal em Palermo, na Sicília, sob o tema «Novas Perspectivas para a Agricultura na Europa», decorrentes da reestruturação produtiva dos países de Leste das negociações do GATT sobre a redução dos subsídios ao sector.

Segundo foi afirmado em Palermo, a presidência italiana considera que as novas relações entre a CEE e a Europa de Leste levarão a uma recomposição e a uma redistribuição geográfica dos



Agricultura, um sector preocupante na Comunidade

fluxos comerciais com reflexos sobre as relações entre as duas áreas e países terceiros pelo que, neste contexto, destacou eventuais pressões dos Estados com os quais a Comunidade mantém relações preferenciais, entre eles os países africanos da costa mediterrânica.

No âmbito da política comercial, as perspectivas postas em destaque pela presidência italiana são pessimistas, quer segundo um cenário de políticas competitivas, quer de uma tendência de cooperação entre os países da Europa de Leste e da Comunidade. No primeiro caso os italianos concluíram que os rendimentos dos agricultores aumentariam rapidamente, exigindo um desen-

volvimento das produções no espaço de cinco a dez anos e, como consequência, o início de fluxos de exportação mais importantes.

EUA versus CEE

No que se refere às negociações do GATT, que decorrem no âmbito do Uruguay Round, tudo aponta para um diferendo entre os Estados Unidos e a CEE, devido ao facto de ambos terem proposto diferentes níveis de redução dos auxílios financeiros aos agricultores, questão quem, em Bruxelas, gerou uma certa polémica, devido à proposta avançada pelo comissário Mac Sharry.

Segundo observadores presentes no GATT, as previsões indicam que será difícil

encontrar a plataforma de acordo, entre os EUA e a CEE, até Dezembro próximo, data prevista para a conclusão das negociações do Uruguay Round.

Recorde-se que os Estados Unidos, que defendiam, no início das conversações, o corte total das ajudas financeiras no sector agrícola, adoptaram uma nova posição, sugerindo a redução até 70 por cento, nomeadamente nos apoios federais à agricultura, direitos aduaneiros e subvenções à exportação de produtos agrícolas. Quanto à CEE, esta já declarou que a proposta norte-americana é inaceitável, tendo em conta que as exigências dos EUA «seriam a morte dos agricultores europeus».

COTAÇÕES



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	45825	51825
ALEMANHA FED. (marco)	87990	89810
ÁUSTRIA (xelim)	12850	12870
BÉLGICA (franco)	40879	40329
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	118800	121830
(notas de 5 a 1000)	119830	121880
DINAMARCA (coroa)	23800	23840
ESPAÑA	18368	19408
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	137810	140860
(notas de 5 a 1000)	137860	141810
FINLÂNDIA (marka)	37900	37960
FRANÇA (franco)	26825	26895
HOLANDA (florim)	78800	79810
IRLÂNDIA (libra)	237810	241810
ITÁLIA (lira)	8107	8122
JAPÃO (lêpe)	9559	19014
NORUEGA (coroa)	22865	23815
REINO UNIDO (libra)	258895	263845
SUÉCIA (coroa)	23885	24835
SUÍÇA (franco)	105860	107810
VENEZUELA (bolívar)	28397	38197

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

CIP define paz social

A Confederação da Indústria Portuguesa (CIP) afirmou ontem, pela voz do seu presidente, Ferraz da Costa, que a regulamentação do direito à greve e a legislação relativa aos despedimentos e aos contratos a prazo são os principais pontos a serem alterados para que seja assinado o acordo no Conselho Permanente de Concertação Social.

Ferraz da Costa afirmou, no final da reunião do conselho de presidentes da CIP - que tinha como ponto único de agenda a análise da negociação no CPSC - que, relativamente à regulamentação do direito à greve, «terá de existir uma cláusula de paz social que dê, como contrapartida, o facto de não se recorrer à greve como

primeira arma de combate dos sindicatos, mas só como última, consistindo numa tentativa de criar uma instância de conciliação e arbitragem».

Numa altura em que as organizações empresariais perspectivam uma maior abertura às reivindicações sindicais, como contrapartida das maiores exigências que irão apresentar ao Governo, Ferraz da Costa, ao referir-se às alterações na legislação dos despedimentos individuais, afirmou que «parece essencial que sejam consideradas como justa causa objectiva de despedimento a inaptidão e a inadaptação do trabalhador ao posto de trabalho e a perda de confiança, no caso dos quadros superiores das empresas».

Deficiência nos canais de distribuição dificultam penetração dos produtos Empresas portuguesas investem em Espanha

Mais de vinte empresas portuguesas desejam intervir em Espanha nas áreas de comercialização e distribuição ou em sistema de «franchising».

Este interesse foi sublinhado pelo ministro da Indústria e Energia, Mira Amaral, no início desta semana, na presença de Jordi Pujol, presidente do Governo Regional da Catalunha, durante um seminário subordinado ao tema «Portugal e Catalunha dois mercados ibéricos numa Europa unida».

Registe-se que nos últimos anos, as relações comerciais luso-espanholas tiveram um incremento importante. A Espanha é hoje o terceiro cliente das exportações portuguesas a seguir à Alemanha e à França e o primeiro fornecedor de Portugal.

Cerca de 15 por cento das importações portuguesas ao estrangeiro provêm de Espanha, enquanto as vendas se situam nos 13 por cento, segundo dados do primeiro semestre do corrente ano.

Os veículos automóveis e suas componentes representaram cerca de 16,2 por cento das exportações, tendo o mercado tradicional alargado o seu âmbito à pasta de papel, às madeiras, aos têxteis-lar e às confecções. Os fios e os cabos eléctricos encontram-se no conjunto dos 10 primeiros produtos de exportação.

Mira Amaral salientou, porém, algumas dificuldades na penetração de produtos portugueses no mercado espanhol. Os canais de distribuição, a deficiência na cobertura das redes de importadores/distribuidores no mercado, as dificuldades em abrir firmas comerciais próprias, são obstáculos que ainda não foram ultrapassados em Espanha.

CULTURA

Aos vinte e seis anos, o wonder boy da América cometeu a maior das suas tropelias: «O Mundo a Seus Pés», o filme entre os filmes. Datado de 1941 (e nesse ano estreado em Portugal!) surpreendeu tudo e revolucionou o cinema. A crítica gostou, a Academia nem tanto. Agora, em vídeo e em regime de venda directa... para deleite de todos nós

Um conto americano

O mundo a desabar e Hollywood a produzir como nunca. Só no ano de 1941, ao mesmo tempo que os Estados Unidos aderiam à causa aliada, saíam da «forja» maravilhas como estas: «As Três Noites de Eva» de Preston Sturges, «Relíquia Macabra» de John Huston, «Sargento York» de Hawks e, evidentemente, «O Mundo a Seus Pés», de um rapazito chamado Orson Welles.

Acontece, no entanto, que este rapazito era, aos vinte e seis de idade, o orgulho do «Tio Sam». A história da sua juventude é um pouco a do cidadão Kane: orfandade precoce e um tutor ilustrado que o tornou um pouco o miúdo certo no lugar certo. Ilusionismo com Houdini, em Paris, teatro em Dublin, rádio, de regresso aos Estados Unidos; tudo isto Orson Welles experimentou com uma insaciável curiosidade. Em Outubro de 1938 tornava-se uma celebridade: a famosa radiotransmissão de «A Guerra dos Mundos» fomentara o pânico desde a costa Leste a São Francisco, numa demonstração do que era o poder da rádio no tempo em que os nazis (infelizmente) também andavam pelo mundo.

Não tardou, porém, que o jovem Orson se tomasse de amores pelo cinema. E foi o que se viu: uma tentativa gorada de adaptar «O Coração das Trevas» de Joseph Conrad e esse monumento da Sétima Arte que é «O Mundo a Seus Pés».

Orson era então um privilegiado no seio da RKO. O contrato, assinado em 1939, garantia-lhe um cachet de cem mil dólares, caso realizasse um filme por ano e uma liberdade de movimentos de que poucos cineastas se podiam gabar, desde que ao serviço das «grandes fábricas». «O Mundo a Seus Pés» é, assim, uma das raras obras desta época que se podem ter como filhas da livre expressão artística.

A originalidade de que Orson Welles dá mostras não o impede, todavia, de nos narrar um conto nitidamente americano, ainda que com consideráveis nuances. Veja-se o protagonista e sua história. William Randolph Hearst, herdeiro invejado, só tem olhos para uma ínfima parcela do seu património: um pequeno jornal nova-iorquino que ele jura transformar num colosso. E consegue-o, à custa de muitas horas em que arregaçou as mangas na redacção. O sonho americano é também isto: à medida que a tiragem



Orson Welles e Joseph Cotten em «Citizen Kane»

do jornal progride, o proprietário notabiliza-se e torna-se, mais do que um árbitro de elegâncias, um interventor político constantemente auscultado.

Há, no entanto, as nuances e, a partir daí, «O Mundo a Seus Pés» deixa de ser uma doce história de ascensão, tal como Hollywood gostava de as cultivar. William Randolph Hearst não era apenas um homem trabalhador que, contrariando as regras matemáticas, multiplicava dinheiro por dinheiro. Não era sequer, na perspectiva de Orson Welles, um VIP sedento de honras e lisonjas. Alimentava ideais, lá para o meio do filme, faz esta declaração espantosa: «Que grande homem eu podia ter sido, se não fosse um homem rico!» O ideal! Conduzia-o muitas vezes à megalomania: Xanadu, o palácio que constrói para a sua frágil e encantadora esposa demonstra-o quanto basta. Só que essa esposa não era rapariga

para um palácio de ângulos futuristas e chão forrado a espelho, mas, quanto muito, para um acolhedor apartamento na City. William não compreende um comportamento assim e desilude-se. Resta-lhe Rosebud, qualquer coisa de muito querido e inatingível, uma palavra que o acompanha até na morte. Os homens de negócios retratados por Hollywood poucas vezes são assim: amam o dinheiro com todas as suas forças e, se, no fundo, não temessem Deus, propunham-se arrendar as nuvens do céu.

Os méritos de «O Mundo a Seus Pés» não se ficam pelo argumento, aliás, escrito pelo próprio Orson, em parceria com Herman J. Mankiewicz. A utilização da câmara encerra, por exemplo, toda uma revolução: nunca ninguém filmara assim, tão próximo da essência do cinema. E, no entanto, Orson era um homem das tábuas,

tal como o eram os actores a quem recorrem. Veja-se Joseph Cotten. Em 1940, ele era um dos membros da companhia teatral, dirigida por Orson Welles. «O Mundo a Seus Pés» abriu-lhe perspectivas para uma carreira cinematográfica importante, com filmes da estirpe de «O Esplendor dos Amberson», «Duelo ao Sol», «Retrato de Jennie» e «Garça».

A crítica aplaudiu de pé a primeira longa-metragem de Orson Welles. A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas nem tanto. Nomeado para cinco Oscars de primeira, consolou-se com um; para o melhor argumento adaptado. O grande vencedor da noite americana desse ano foi John Ford e o seu «O Vale Era Verde». De Welles a Spielberg (salvas as devidas distâncias), Hollywood nem sempre se deu bem com os prodígios que criou.

Maria João Martins

B R E V E S

Boulez amanhã no Beato

Pierre Boulez, um dos grandes compositores deste século, dirigirá o seu Ensemble Intercontemporain num concerto único que se realizará amanhã no Claustro do Convento do Beato, às 21 e 30. Duas obras de sua autoria serão tocadas, «Répons» e «Dialogue de l'ombre double», a primeira estreada em 1981 no Festival de Donaueschingen, destinada a instrumentos acústicos, computador e dispositivo de espacialização, e a outra uma peça para clarinete e banda magética, de 1985.

Ciclo da cinema no S. Luiz

Por iniciativa da CML, começou ontem no S. Luiz a Festa do Cinema, um ciclo de dezoito filmes a exibir até 31 de Outubro, com sessões de terça a sexta-feira, sempre às 18 horas. O programa desta semana é o seguinte: hoje, «Ligações Perigosas», de Stephen Frears; amanhã, «Valmont», de Milos Forman; e depois de amanhã, «Cotton Club», de F.F. Coppola. Para a semana passam os seguintes filmes: «Viver e Morrer em Los Angeles», de William Friedkin (dia 9); «Intriga ao Amanhecer», de Robert Towne (dia 10); «O Nome da Rosa», de Jean-Jacques Annaud (dia 11); «Os Marginais», de F.F. Coppola (dia 12).

«Ai Cavaquinho» a partir de hoje no Capitólio

A revista «Ai Cavaquinho» regressa esta noite ao Parque Mayer, mais concretamente ao Capitólio, assinalando outro regresso: o de Fernanda Baptista, a fadista que reaparece depois de uma longa ausência.

Expolingua Portugal 90 começou hoje

Abriu esta manhã ao público no Forum Picoas a Expolingua Portugal 90, iniciativa da Sociedade de Intercâmbio de Línguas e Culturas que reúne cerca de 80 expositores espalhados por 100 stands, estando representados os doze países da Comunidade Europeia, o Japão, os EUA e a Austrália. Objectivo: alertar para a necessidade da aprendizagem de línguas, como factor de qualificação profissional.

Literatura sul-americana na SPA

O ensaísta mexicano Sergio Fernandez irá proferir três conferências sobre questões da literatura sul-americana no Auditório da Sociedade Portuguesa de Autores. Esta tarde, pelas 18 e 30, o tema é «Pedro Paramo: una sesión espiritista», no próximo dia 9, à mesma hora, será a vez de «Torotumbo: la nostalgia del paraíso de Miguel Asturias» e a 11 os interessados poderão ouvir o especialista dissertar sobre «El reino de este mundo: el destino de los dioses fuertes de Alejo Carpentier».

Brasileiros e portugueses discutem barroco em Coimbra

Tem hoje início na Reitoria da Universidade de Coimbra o Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte. Tema comum para os três dias de debate previstos é a presença no Brasil do neo-manuelino, o pombalino ou do barroco português. A organização é do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, conjuntamente com a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Burmester e Laginha no Orfeon de Coimbra

Os pianistas Pedro Burmester (música clássica) e Mário Laginha (jazz) assinalarão amanhã em concerto conjunto, em Coimbra, o centésimo-décimo aniversário do Orfeon Académico. No programa, que será apresentado no Teatro Académico de Gil Vicente, constarão peças contemporâneas de autores americanos.

Bonifrates de volta

«Os Homens e as Suas Sombras», texto de Alfonso Sastre encenado por José Oliveira Barata, será reposto hoje, com repetições marcadas para os dias 20 e 31 do corrente mês, no Teatro Estúdio Bonifrates.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Como todas as cidades do Leste, também a capital checoslovaca atrai os investidores. Qual irá ser o resultado? Três livros agora publicados em França, recenseados pelo «Le Monde», dão o alerta. Um alerta dado também por dois jornalistas do «DL» que, neste Verão, passaram férias em Praga. Rodrigues da Silva (texto) e Marina Tavares Dias (fotos) deixam o seu testemunho



Um espaço prestes a desabar

Arqueologia urbana

Assim, recuando uma época a seguir a outra, o diligente peão de Praga vai delineando a arqueologia de uma cidade. Esgaravando com a unha o reboco esfarelado, ele vai encontrar sucessivamente os traços deixados pela «democracia popular», o protectorado nazi, a feliz primeira república de entre as duas guerras, o império austro-húngaro; e a arte «déco» e a arquitectura cubista, a secessão de Viena, os estilos «neo» do fim do século, o rococó, o barroco tardio e a seguir o primeiro. Cada vez menos identificáveis sob uma confusão de pedras retrabalhadas e sob cores mal apagadas são os frontões Renascença, as nervuras do gótico flamejante e, finalmente, o mais humilde e discreto dos vestígios, o redondo das pedras romanas.

Este livro desliza exactamente entre as duas peles que revestem Praga: a dos anos de chumbo e a epiderme de papel da liberdade. Ninguém sabe o que se vai seguir, mas uma coisa é certa: o novo rosto que a cidade adquiriu em 1989, com uma alegria e uma civilidade exemplares, está voltado para o futuro, juntando-se aos rostos antigos e recobertos, no espírito da grande estratificação que faz a história de Praga. Portanto, é principalmente no que precedeu a mudança que é preciso procurar a alma da cidade recente, para melhor compreender as conquistas que faz e, com ela, toda a Checoslováquia.

Tradução de Maria Otília Moreira

(Extracto da introdução de Xavier Galmiche
• Petr Kral, «Praga, Segredos e Metamorfoses», Ed. Autrement)

A praça central da cidade antiga (Staroměstské Namesti). Aquele, onde os alemães largaram as bombas da retirada em 1945, juntam-se hoje milhares de turistas em demanda duma mitologia esquecida

As cidades do Leste caem umas atrás das outras, por elas investem as mais variadas gentes e dificilmente se distinguem os turistas dos empresários, dos comerciantes, dos repórteres, dos ministros da Cultura, dos secretários de Estado da Acção Social e das equipas de Televisão. Com as suas

divisas, toda esta gente traz consigo a noção de que é a economia dita «livre». Mas se é uma realidade que o negócio de caviar nos hotéis traz lucros imediatos, verdade é também que este constitui muitas vezes a parte principal da permuta cultural entre os viajantes do Ocidente e os residentes do Leste.

Este Verão, em Paris, alemães da RDA ou checos, em férias, dormiam ao ar livre e alimentavam-se de conservas que tinham trazido consigo. Simpático: pudemos assim constatar, ao vivo, como se processava a aceitação do fluxo Leste-Oeste. Só que não temos a certeza que seja esta a forma

mais correcta, mas também não sabemos se isto poderia ter sido evitado.

Têm de ser os espíritos pioneiros — que também são muitas vezes os mais brutais — a partir da conquista comercial do Leste. Têm de ser igualmente os turistas mais empreendedores ou os homens da Cultura que fixem como objectivo das suas viagens à Boémia, à Prússia ou à Transilvânia. Resultado: toda a gente está de acordo em que o turismo, e mais ainda, a indústria das viagens, são as melhores áreas para investir. Portanto, constroem-se aeroportos e grandes hotéis. Como os grandes hotéis têm de ter muitos quartos e óptima situação e como qualquer um, mesmo sem ser arquitecto, pode fazer os planos respectivos, exercem-se indizíveis violências sobre paisagens e cidades, durante muito tempo protegidas pela incompetência administrativa. Não vale a pena ter muitas ilusões. Em redor destas cidades históricas preservadas ou, como Varsóvia, reconstruídas, as pessoas vivem em desumanizados blocos de imóveis pré-fabricados, todos eles construídos segundo o mesmo modelo. Esses bairros não se visitam, mas, pelo seu contraste, contribuem para dar a noção de cidade-museu. O choque entre uma construção «moderna», cuja mediocridade se aceita porque é útil e é barato e uma arquitectura antiga, que parece ter obedecido a critérios inversos, existe tanto no Leste como no Oeste, mas em modelidades diferentes.

No Ocidente, sabemos como é. A Leste, a ausência de especulação permitiu até agora poupar conjuntos consideráveis, cidades inteiras,



Ponte Carlos: tertúlias, pequeno comércio de rua, música em redor das estátuas. O mundo volta a passar pela Europa Central

Praga: da última vez primeira

No Verão, fiz o mesmo que centenas de milhares de outros europeus em férias: fui a Praga descobrir aquela que é conhecida como a mais bela cidade do Leste. Que Praga possui em alto grau o brilho enebriante da Europa Central está fora de causa, mas isso, só por si, não explica o número de ocidentais que este Verão a demandaram. Digamos, antes, que, talvez inconscientemente, através deste fluxo turístico, o Ocidente procurava apaziguar os seus fantasmas, libertar-se dum complexo de culpa, pagar à Checoslováquia inteira um tributo que há mais de meio século lhe devia.

É que a Checoslováquia (ou, se quisermos, a Boémia e a Morávia) durante mil anos, histórica e culturalmente, tinham feito parte integrante do Ocidente. Mas o Ocidente, em 1938, abandonara-a a uma sorte funesta, trocando-a, em Munique, por uma paz sem princípios que não duraria mais de um ano. E Hitler ocupara-a.

O nazismo seria vencido, mas o novo Tratado de Tordesilhas do pós-guerra deixaria a Checoslováquia ao dispor de uma nova sombra tutelar que lhe era estranha: a URSS.

O golpe de Praga, em 1948, não faria mais, pois, do que instituir ali e na prática, a nova partilha da Europa que os vencedores da guerra tinham ajustado.

Vinte anos passados e eis que o desfecho trágico da Primavera de Praga coloca de novo o Ocidente face às suas culpas. Um país escolhera livremente ser fiel às suas raízes civilizacionais, mas uma intervenção militar estrangeira de tal o iria impedir, ante a complacência ocidental, fruto não agora da paz, mas da guerra fria.

E iriam ser precisos outros vinte anos para que a Checoslováquia se libertasse, reencontrando o seu destino histórico: o Ocidente. E o Ocidente, neste primeiro Verão da liberdade checa, corria para Praga, como se a festa também lhe pertencesse.

Era, finalmente, a descoberta da cidade símbolo de um país devolvido à sua História. Mas era, também e enfim, o reencontro de nós todos, ocidentais, com esse marco maior da nossa cultura comum, cuja memória, durante décadas, sentíamnos aprisionada a Leste: Kafka.

Kafka, mas não só, porque outros vultos da Pátria checa povoam há muito o imaginário ocidental: Jaroslav Hasek e «O Valente Soldado Scheiwk», Karel Capek e «A Guerra das Salamandras», Alfons Mucha, grafista e pintor; Leos Janacek e Smetana, músicos; tantos mais.

Entre eles, também Kundera — importa dizê-lo. Kundera que, com «A Insustentável Leveza do Ser», demais romances e um fabuloso artigo publicado em 1980 em França, dramaticamente, chamara a atenção do Mundo para o país donde se exilara.

«Praga, Poema que Desaparece» dizia Kundera e era o alerta para uma identidade à beira de se perder, aí, nesse Leste, onde o legado da Europa (occidental), mais do que em qualquer outro lugar, estava culturalmente a ser hipotecado.

Bela, mas triste?

Não: belíssima e eufórica

Tinham-me dito que Praga era uma cidade muito bela, mas triste. Fui descobrir uma cidade belíssima e...eufórica. Não sei se essa euforia vai perdurar, mas Praga, neste Verão, vivia um verdadeiro estado de graça só comparável, para nós, portugueses, aos primeiros meses pós 25 de Abril.

Foi talvez isto que mais me encantou em Praga: a liberdade sentida à flor da pele por toda a gente, uma gente que, ávida do Ocidente, não renegara a especificidade da sua História e da sua Cultura, antes disso se orgulhava. Enfim — pensei — a alegria de um povo faz aqui jus à beleza do espaço que habita.

Um espaço que, quase milagrosamente, foi preservado ao longo dos séculos, as várias ocupações. O Império Austro-Húngaro, se colonizou a Boémia, fez de Praga uma jóia da coroa comparável a Viena. O mesmo acontecera antes com outros ocupantes, e assim o gótico, a renascença, o barroco, a arte nova, o «déco» se encontram em Praga confundidos num todo harmonioso e intacto.

A ocupação nazi, mesmo ela, deixaria Praga quase incólume, até porque a cidade, praticamente, não foi bombardeada. O barbarismo final das tropas alemãs em retirada, deixaria, porém e por vingança, um triste

testemunho: a destruição, em Starometska Namesti, em pleno centro histórico, do edifício gótico da antiga Câmara Municipal.

De 1948 para cá, do ponto de vista da defesa do património arquitectónico e urbano de Praga, tudo o que há a dizer é que as autoridades se comportaram da melhor maneira. Nada foi deixado ao abandono, muito foi restaurado, tudo foi defendido. Neste aspecto, pelo menos, Praga não se pode queixar do «socialismo».

Agora, as mudanças em curso na Checoslováquia trazem consigo alguns riscos, um dos quais é, obviamente, o turismo e suas sequelas. Praga fica no centro da Europa, próxima de tudo, a Norte e Sul, Leste e Oeste. Mesmo que, como cidade, não exercesse sobre os europeus um fascínio quase mítico, a proximidade relativa de tantos países e a fragilidade monetária da Checoslováquia tornariam Praga desejável e apetecível. E não só Praga, outras cidades do país também, como Bratislava, chamada de «Gratíslava» pelos austríacos, monetariamente possidentes e do outro lado do Danúbio.

Tudo isto pode-se virar contra a Checoslováquia e, antes de mais, contra Praga. Mas, neste Verão, Praga eufórica não parecia dar-se conta disso, antes de um perigo remoto: o de lhe poder acontecer o mesmo que a Bucareste sob o domínio de Ceausescu. «O bulldozer de Ceausescu em Praga não» — lia-se em cartazes espalhados pela cidade, aludindo a riscos que, francamente, penso que Praga não corre.

Mas se Praga não corre o risco de um «terramoto» urbanístico, corre, sem dúvida, o de muitos pequenos «sismos» provocados pelo afluxo turístico de que, aliás, o país precisa para equilibrar a sua balança comercial. E seria uma pena se Praga, de cidade, se transformasse num museu ou numa espécie de centro histórico-comercial, como já se vislumbra na Slatá Uliska (Rua dos Ourives), no castelo. Aí, onde Kafka e a minúscula casa que habitou e está intacta, mais do que memória cultural, são hoje já um chamariz.

«Structure...»

Compreender-se-á, assim, que neste Verão o mais difícil para mim não fosse ir a Praga, mas arranjar lá hotel. Não se desse o caso de ter um amigo checo e, talvez, nem chegasse a partir, a menos que me dispusesse a pagar por um quarto (e em dólares antecipadamente enviados de Lisboa) o mesmo que pagaria em Paris num hotel de luxo.

Finalmente, acabei por ficar instalado no mais belo (mas não o mais caro) hotel de Praga: o Grand Hotel Europa, em plena Praça Venceslau. Uma sorte espantosa — constatei, depois — porque

não só o Europa estava esgotado, como esgotados estavam todos os hotéis centrais de Praga e mesmo o característico Intercontinental que só aceitava reservas para daí a...dois meses.

Entra-se no Grand Hotel Europa em Praga e é difícil ficar insensível perante a harmonia do conjunto, onde, a um primeiro olhar, tudo até ao pormenor tem ainda a marca de origem: 1905 e o esplendor da arte nova.

Chegados ao quarto, os ânimos, contudo, arrefecem, se, como me aconteceu, descobrirmos que não há casa de banho, muito burocraticamente acessível, das tantas às não sei quantas, num outro andar, mediante pagamento adiantado na portaria... Uma chatices.

Protestei. Que era só por uma noite, nas outras tudo se arranjava. Eu, que não, que era naquela noite, já, que queria um quarto com casa de banho. E é então que a responsável pelo hotel, num inglês tipo esperanto, ao mesmo tempo enternecedor pela vontade de se fazer compreender, diz qualquer coisa como isto: «This hotel is beautiful, very old, modern stile, proud, sorry, structure». Sentime um selvagem novo rico.

Estava a gozar do privilégio de estar em Praga e no Hotel Europa e não era capaz de passar uma noite sem casa de banho no quarto; não era capaz de perceber que aquela cidade e aquele país, que tanto tinham sofrido no último meio século, mais não podiam fazer do que oferecer o que tinham e o que tinham era muito e eu nem o merecia.

E comecei a pensar nas obras que se anunciavam no hotel, noutras por toda a cidade, em Praga, uma própria, que futuro. Ela cidade, assim, de repente, forçada a adaptar-se a um novo ritmo de vida, obrigada a ter capacidade de resposta para os estrangeiros que, às centenas de milhares, a procuram com dinheiro, esse dinheiro que a Checoslováquia (onde nada falta, de resto) necessita para se integrar numa economia de mercado e usufruir a sua democracia.

E inquietei-me por Praga, que senti como se a visse pela última vez primeira. Que será desta cidade sublime se tiver que se render ao investimento estrangeiro, ao turismo massificante e a uma aculturação insensata? Mas será que o Ocidente, que tantas vezes abandonou Praga, agora que ela se lhe entrega, vai mais uma vez traí-la? Esperemos que não, mas, confesso, que os meus protestos desabridos na primeira noite no Grand Hotel Europa e as tímidas desculpas que obtive fazem temer o pior. De tanto mitificarmos Praga, oxalá não venhamos a destruir o que ela tem de melhor: ser uma cidade, muito bela e habitável.

Rodrigues da Silva



Alpendre do Hotel Europa, sobre a Praça Venceslau. Milagrosamente salvo dos bombardeiros alemães em 45 e das rajadas de metralhadora em 68, poderá agora sobreviver à "modernização"?

capitais. Mas chegámos ao momento em que tudo isto vai desabar. Portanto, é urgente que você vá a Praga, a mais deslumbrante das pérolas orientais que até agora ficaram ao abrigo dos perigos do urbanismo contemporâneo. A cidade ainda está «intacta» muitos passeios estão protegidos com andaimes da queda de varandas, placas de reboco ou até de anjinhos de estuque. Certamente que amanhã estes imóveis serão restaurados, mas quem nos garante que o horizonte que agora é dominado pelos campanários das igrejas ou pelos castelos não venha a apanhar com uma torre de Montparnasse ou com qualquer outra daquelas brutalidades que fizeram a desgraça de Londres ou Bruxelas?

A partir deste momento há três livros no mercado, três obras notáveis para se compreender Praga ou para nos obrigar a lá ir. A primeira, de Léon e Xavier de Costar, dois arquitectos, descreve de forma simples e clara catorze passeios que nos podem revelar uma cidade como esta, tão cheia de monumentos, uns visíveis outros secretos. A obra foi preparada e publicada antes da «segunda Primavera». Ela conserva a seriedade e a austeridade que caracterizavam todas as publicações de Leste, embora o seu editor seja belga. A segunda obra é uma recolha organizada pelas edições Autrement. Dirigida por Xavier Galmiche e Petr Kral, é uma obra exaustiva, testemunho de uma cultura generosa. É ainda a Xavier Galmiche que se deve uma terceira obra dedicada a Santini, o arquitecto mais importante de que o autor chama o «gótico-barroco» na Boémia. Sem fugir ao barro-

co (para simplificar), Santini (1677-1723) conseguiu encontrar uma forma de o ultrapassar simultaneamente irónica, onírica e espiritualista, que lhe confere um lugar à parte na história de uma arquitectura sempre tentada a impor modelos. Por último, a revista «Muséart», no seu número de Setembro, dedica a Praga um caderno inteiro.

Frédéric Edelmann
Serviço exclusivo

«Le Monde»/«DL»

Tradução de Maria Otília Moreira

«Catorze Passeios em Praga», de Léon e Xavier Costar, Éditions Universitaires, Begedís (Bélgica)

«Praga», obra colectiva dirigida por Xavier Galmiche e Petr Kral, Ed. Autrement

«Santini, arquitecto gótico-barroco na Boémia», de Xavier Galmiche, Ed. Jacques Damase



Galerias e salão do Hotel Europa: a Arte-Nova incólume, ao melhor estilo do Império austro-húngaro



CULTURA E ESPECTÁCULOS

Que fazer depois de ir ao teatro? Depende dos espectadores. Os da Cornucópia vão para casa, os da Comuna nem pensar nisso, os da Casa da Comédia, esses vão para a cama...fazer amor. Não é uma receita, é uma sondagem revelada durante a homenagem ao actor José de Castro. Sondagem que permite concluir também que, se a ida ao teatro depende mais da opinião dos amigos do que da crítica, o público mais culto de todos é o da Cornucópia

O mistério do público

Sabia o leitor que os espectadores da Casa da Comédia, embora em pequeno número, são os únicos que falam em fazer amor depois de ver um espectáculo, assim como são os que mais se conhecem na salinha das Janelas Verdes, os que mais lêem ensaios e os que não se importam por não perceber o que diz a peça? Nisso, aliás, são parecidos com os da Comuna que declaram, preto no branco, que o entendimento da peça não lhes é essencial, o que talvez a sua juventude, são os mais jovens, explique.

A essa pergunta capciosa — para onde quer ir depois de um espectáculo de teatro? — a maioria (45%) responde querer ir para casa, para a cama, presume-se, e nisso os espectadores do Teatro da Cornucópia foram peremptórios. Pelo contrário, o público da revista prefere ir a uma fadistada, comer mariscos ou ir ao Casino do Estoril. Do público da Comuna, só 5% quer ir para casa (35% no caso do TC, 30% no caso do D. Maria II), o resto prefere «boîtes» e coisas do género. Note-se que o público da Comuna, do D. Maria II, da Casa da Comédia, da revista vai ao teatro em par ou em grupo, enquanto entre o público do TC há mais es-

pectadores solitários.

Sabia o leitor que o mais interessado público do teatro é o que frequenta os espectáculos do TC? Não sabia, mas calculava. É um público constituído por universitários, licenciados ou não. E por espectadores que vão mais vezes ao teatro e, mais do que outros, frequentam outras manifestações artísticas, como a música erudita e a dança; é o único público que se interessa pela leitura de peças de teatro. Ao contrário do público do Teatro Nacional que prefere biografias e obras de divulgação científica e vão ao teatro especialmente para aprender e para se cultivar. Curiosamente, segmentos de públicos da revista e do D. Maria II cruzam-se, caso raro no teatro português, no qual os públicos estão bastante compartimentados; por isso, como dizia com graça Paulo Filipe, a revista «Passem por Mim no Rossio», no Teatro Nacional, será o espectáculo ideal para esses segmentos do público.

Talvez não se esperasse que o público ou públicos do teatro português fosse tão sábio ao revelar as principais motivações que o levam ao teatro: em primeiro lugar, o prazer, o divertimento a seguir. É o

que acontece prioritariamente com o público da Cornucópia que é o que mais se interessa pelos aspectos formais do espectáculo, como a encenação e a cenografia. Mas é o actor que constitui a principal atracção teatral, o actor anónimo e o actor vedeta, no caso da revista e do teatro de boulevard, cujos espectadores vão pouco ao teatro, uma vez por ano, em média, ao contrário do que acontece com outros públicos, como os da Casa da Comédia e Comuna (3/4 vezes); também os da Barraca e do Teatro Aberto frequentam mais vezes o teatro. Os espectadores da Comuna, como os de outros grupos — CC, NG, Barraca, por exemplo — interessam-se não só pelos actores como pelos temas das peças.

Para voltar às leituras, os espectadores que mais frequentam o teatro (os militantes cornucopianos) são os únicos que se interessam pela leitura de poesia, enquanto os outros preferem romances, livros policiais, os do D. Maria II, repito, manifestam a sua reverência pelos valores culturais através da leitura de obras de divulgação científica.

Não é apenas o público do D. Maria II que vai à revista, o da Comuna também (14%;

aliás, a revista é o único género atravessado por segmentos diversificados de público, sob o ponto de vista social e etário.

Quais as influências que explicam o interesse pelo teatro? Os resultados, neste caso, são relativamente surpreendentes: amigos — 22.2; jornais (semanários, «DL», «O Diário») — 21.2; televisão — 17.3 (sobretudo o público de revista); outras influências menos importantes: escola, rádio, família, colegas, cônjuge. Quanto à frequência das salas, vai dos 14.5 do D. Maria II aos 6.5 do T. da Graça, incluindo T. Aberto/Comuna (11.5); Cornucópia/Casa da Comédia (8.5).

Terá interesse conhecer os escalões etários dos que frequentam algum do nosso teatro. Em 1987, a área etária mais elevada era a dos 20-29 anos (35%), seguida dos 30-39 (23%); em 1988 — 25-34 anos (30.5), 35-44 (22%), 15-24 (21.5). Por grupos: 1987 — Teatro Aberto (1987) — 20-29 anos — (42%); Comuna — 20-29 (46.4); Barraca — 30-39 (34%); D. Maria — 40-49 (31.9).

1988 — D. Maria II — 15-24 anos (37.5); Cornucópia — 35-44 (40%); Comuna — 15-24 (40%); Casa da Comédia — 15-24 (37.5); ABC — 25-34 (33.3); Villaret — 25-34 (33.3). Verifica-se um rejuvenescimento evidente dos públicos do teatro, assim como se verifica um alargamento do público de fora da Grande Lisboa (de 5% para 13%), com 19% do teatro de revista e 5% do outro teatro.

Olhar desfocado

Estes dados que aqui trago e que permitem um primeiro olhar, naturalmente desfocado, sobre a realidade de algum teatro português, recolhi-os numa das comunicações que constituíram o painel intitulado «Os Públicos de Teatro», sessão de homenagem ao grande actor José de Castro, realizada em Paço d'Arcos por iniciativa da Câmara Municipal de Oeiras e dinamizada pela respectiva vereadora do pelouro da Cultura, Nair Delgado Peleira. Trata-se de um trabalho dirigido e elaborado por Paulo Filipe Monteiro que além de criador teatral é também sociólogo e nesta qualidade tem nos últimos anos estudado a situação real do teatro português numa das suas vertentes essenciais: o(s) público(s). Utilizou para isso três inquéritos que constituem, sem dúvida, trabalhos pioneiros nesse campo cuja

importância não carece de ser assinalada. Foram esses inquéritos realizados por um grupo de alunos do I.S.C.T.E., Ana Maria Baião da Luz, Isabel Garcia, Isabel Valente e Jorge Gonçalves, trabalho realizado em 1987, com a auscultação de 204 espectadores dos teatros D. Maria II, Barraca, Comuna e Teatro Aberto; um segundo inquérito realizado por Maria José Janardo, também no I.S.C.T.E., com a inquirição de 197 espectadores nos teatros ABC, Villaret, D. Maria II, Comuna, Teatro da Cornucópia e Casa da Comédia, em Abril e Maio de 1988; um terceiro inquérito organizado por Antonino Solmer a cerca de 120 alunos da opção de teatro do liceu D. Pedro V, de 1981 a 1985.

Paulo Filipe sublinhou a precariedade destes inquéritos e da insegurança dos resultados obtidos, o que não significa que ponhamos em dúvida o seu interesse, quanto mais não seja como processos de sondagem sobre os quais interessa reflectir. Em certos casos, os resultados são distorcidos por outras realidades, como é o caso dos actores mais conhecidos, com Nicolau Breynar à cabeça e a ausência de Eunice Muñoz, números que correspondem, como é óbvio, à influência da televisão.

Mas não são as excepções que contam, nesse como noutros casos, mas sim as pistas que as percentagens, as inclinações, as tendências os sinais, nos permitem vislumbrar.

A crítica Eugénia Vasques falou também de público do teatro e divulgou uma realização sueca no campo do inquérito, salvo erro, original. Neste caso, em vez de uma sondagem aleatória através de espectadores anónimos, tratou-se de criar um grupo de pessoas (amigos, colegas, etc.) que assistiu a seis espectáculos durante sete semanas; o grupo reunia-se depois de cada espectáculo para analisar e discutir o que tinha visto. Não se pode dizer que o resultado desta investigação fosse surpreendente: o que mais interessara os componentes do grupo fora o trabalho dos actores, como acontecia com a sondagem portuguesa.

Não me foi possível assistir, infelizmente, à primeira comunicação do painel a cargo do actor Varela Silva com o título «O público que ele teve, o público que nós temos».

Este debate foi o que de mais interessante aconteceu nesta sessão realizada em Paço d'Arcos, como produtiva forma de homenagear José de Castro. Muita gente, sobretudo gente de teatro, no salão do Grupo Desportivo de Paço d'Arcos, e muitas intervenções, entre elas, de Rogério Paulo, José Viana, Armando Caldas, Igrejas Caeiro, Glória de Matos, Anna Paula, Joaquim de Carvalho, Varela Silva, que lembraram José de Castro e recordaram, nalguns casos, o seu próprio passado no teatro. Houve, parece-me, uma certa tendência para o revivalismo, embora toda a gente o negasse, mas as coisas são como são, o tempo não volta para trás, o teatro é o que é, vanguarda ou recataguarda, com ou sem público, melhor ou pior. Muito melhor, claro, ao que suponho. Destaco a intervenção de uma professora, Maria Amélia, que falou com garra, com emoção, com alegria, do seu trabalho na escola com os seus alunos a favor do teatro, das incompreensões que esse trabalho levanta, do interesse que está a despertar entre os colegas mais jovens. O público futuro do teatro passa por professores como esta, tanto mais quanto é certo que raramente o interesse pelo teatro passa pela escola como as sondagens demonstram. Ao actor José Lopes coube a tarefa inglória de desancar a Comunicação Social, a grande ausente. Desafiou quem estivesse presente para se manifestar, mas só o representante do «DL» levantou timidamente um dedo. Não foi aceite por ser considerado suspeito. A grande vítima foi a RTP, como de costume, justamente. Trata-se, porém, de um caso mais complicado. Admite-se que um telespectador de Trás-os-Montes não se interesse por um colóquio realizado em Paço d'Arcos. É o problema dos programas especializados e das emissões regionais. Sem solução à vista.

Antes desta sessão, o programa começou junto à estátua de José de Castro, em Paço d'Arcos, e seguiu-se um jantar, sem discursos. É preciso prestar atenção ao que se passa em Oeiras no campo do teatro, num programa diversificado que inclui formação, criação, debate, dinamizado por Paulo Filipe com o apoio da autarquia. Voltaremos ao assunto na primeira oportunidade.

Carlos Porto



COMUNA

TEATRO DE PESQUISA

2 SALAS • 2 ESPECTÁCULOS

SALA NOVA
SALA 1

TERÇA A SÁBADO — 21.30 • DOMINGO 17H

2.º MÊS

O ESTRANGEIRO EM CASA

TEXTO • RICHARD DEMARCY
MÚSICA • JOSE MARIO BRANCO

UM ELECTRICO CHAMADO DESEJO

TEXTO • TENESSEE WILLIAMS
TRADUÇÃO • M. JOAO GOMES

ENCENAÇÃO - JOÃO MOTA

M/16

«... brilhantes interpretações.» — O JORNAL

«... excelente encenação.» — A CAPITAL

«... surrealista, absurdo, épico, cruel.» — O EXPRESSO

«... verdadeira fruição teatral.» — O EXPRESSO

«... um espectáculo perturbador, pujante de força.» — A CAPITAL

APÓS I DULBENKIAN • REMÉDIO S. MÚSICA
CINE FOTO AVIZ • CABELEIREIRO CITY PÚBLICO

MARCAÇÕES T. 726 08 18

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Falar de Cinema

Cruise(s) canhoto!

Dias de Tempestade (Days of Thunder) — R: Tony Scott (EUA, 1990); A: Robert Towne, segundo história de Robert Towne e Tom Cruise; F (cor): Wood Russell; M: Hans Zimmer; Mont: Billy Weber e Chris Levenson; P: Don Simpson e Jerry Bruckheimer/Paramount; I: Tom Cruise, Robert Duvall, Randy Quaid, Nicole Kidman, Cary Elwes, Michael Rooker, John C. Rely, etc. D: 107 m; Dist: Sif; Est: Alfas, Amoreiras, Berna, Fonte Nova, Império, Mundial, Politeama, Star e S. Jorge (Lisboa), Charlot, Foco e S. João (Porto) e ainda Albufeira, Braga, (Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Póvoa do Varzim, Setúbal, Vilamoura e Vila Nova de Famalicão (21.9.1990); Cl: 0 (M/12 anos).

Dias de Tempestade é uma espécie de *Top Gun* passado no ambiente das corridas de automóveis, sendo a inversa também verdadeira, ainda que, apesar de tudo, *Top Gun* seja um filme relativamente mais interessante, o que parecia impossível de se dizer, antes de se ver este novo exemplo de Tom Cruise para adolescentes.

Tom Cruise é um excelente actor. Basta ver *Encontro de Irmãos*. *A Cor do Dinheiro* ou *Nascido a 4 de Julho* para se ter a certeza do que se afirma, e para (quase) ninguém duvidar. Mas Tom Cruise é um actor que caiu no gosto da malta nova, que faz dinheiro que se farta na bilheteira com filmes como *Cocktail* ou *Top Gun*, produtos leves e espirituosos, para almas pouco exigentes e espíritos tacanhos, e vai daí factura anualmente um filme deste género, enquanto se prepara para mais uma aventura de maior ressonância interior.

Nesta época de «pragmatismo» (parece que é esta a palavra certa para definir os que aproveitam bem a onda), não se lhe pode levar a mal. É assim mesmo. Mas, já

que tem de interpretar obras para adolescentes em crise de pensamento, podia não exagerar na estupidez dos argumentos. Mas não. Já que tem de ser, pois seja: o que tem de ser tem muita força. Com argumento de Robert Towne, segundo ideia sua e de Tom Cruise (não venham cá dizer que o rapaz não tem culpa, que só lhe aparecem histórias destas!) e realização do publicitário Tony Scott, eis *Days of Thunder*, e que tempestade!

Tom Cruise é Cole Trickle, um ás do volante que anda sempre à compita com um rival, até que um dia se engalfinham os dois numa corrida e vão ambos parar ao hospital, onde se encontra uma lindíssima médica neurologista... estão a perceber a ideia por este lado? Por outro lado, Trickle, que viu a morte passar por perto, amedronta-se, não quer correr, até que surge outro rapaz jeitoso nestas coisas de autódromos que lhe ocupa o lugar. Ele reage mal, mesmo muito mal (atira-lhe com o carro para cima do dele), a coisa está feia, até que consegue ultrapassar a crise e mostrar o seu verdadeiro valor na pista mais importante dos EUA.

Como argumento que passe por todos os estereótipos e banalidades do género, não há melhor. Como realização, Tony Scott não podia ser mais feérico a ilustrar o vazio. Um verdadeiro manual da arte de embulhar em seco. Efeitos, efeitos, sempre gratuitos, tudo para vender o produto, que não existe.

A única coisa bonita do filme é a médica, com a presença exaltante (Tom Cruise que o diga!) de Nicole Kidman. Gostáramos de a ver, em cinema, em algo de mais substancial (para já, ela é a protagonista de *Regresso a Banguécoque*, RTP-1, sábados às 22.50 horas!). Quanto a Tom Cruise, aqui limita-se a contar os dólares. Para a próxima, talvez represente.



Lauro António

Cinema de Paris

Do cinema como viagem

Passar uma noite no comboio Paris-Roma, com Alberto, é uma aventura estranhamente cinematográfica -insólita, absurda, fascinante...

O realizador é Arthur Joffé, Alberto é Sérgio Castellito, e o filme intitula-se «Alberto Express», sem lugar preciso numa produção que raramente (francesa ou não...) se arrisca por caminhos de fantasia e de irrealismo, de ternura e de burlesco, de interrogações que se suspendem, de uma melancólica alegria, feita de memórias e de ritos -e deste inesperado permanente, em que tudo pode acontecer, numa unidade de tempo e de lugar, bastantes à sua imaginação.

História vivida tanto quanto sonhada, no caminho sem fim que o comboio percorre para gosto e espanto deste Alberto recém-casado que dificilmente passa a uma idade adulta, como seu pai passara. Peripécias e encontros inesperados e sem sentido, são provas de uma demanda que é preciso cumprir, entre o surrealismo da textura e todas as variações acidentais do acontecido enquanto acontecimento, como poderia dizer-se, tratando a obra a uma altura poética que ela quase merece -ou que, pelo menos, merece, ao nível das intenções que o cinema poucas vezes formula.

Um filme com quê? «Helzapopin» moderno, em que a memória de Charlot esteja presente, com seu sentimentalismo? Para ambas as referências, importa, porém, considerar que o cinema perdeu muito da sua inocência, e que esta viagem de Alberto no seu expresso, algo iniciática, de fantasia, e de choque em choque, precisa, do lado do espectador, de uma inocência recuperável, nos dias de hoje.

O «Alberto Express» não é um comboio como os outros, na medida em que não é um filme como os outros, e Arthur Joffé, que tanto tempo esteve sem filmar, teve a coragem de reaparecer, em contra-corrente de modas ou de «marketings», para apresentar uma obra assim inesperada -em que, com Nino Manfredi, Jeanne Moreau e Marie Trintignant aparecem também, no meio de imagens barrocas, pontuando os acontecimentos, reais ou imaginários (que tanto faz...) desta viagem em caminho-de-ferro, para ilustração de um jovem marido, franco-italiano...

J. - A. França

Companhia do ABC estreia no Capitólio

A companhia do teatro ABC estreia-se hoje no Capitólio, depois deste teatro ter sofrido as alterações que lhe permitem receber a revista «Ai, Cavaquinho». Hoje, é também o dia em que a presidente da junta de freguesia de São Mamede, Maria Ana Plancha da Costa, entrega um total de trezentos contos para os trabalhos de restauro do ABC, esperando-se, para já, que no Natal venha a ser entregue nova quantia.

Álbum dos Madreus conquista disco de prata

O segundo álbum dos Madreus, «Existir», acaba de conquistar um disco de prata por vendas superiores a dez mil exemplares. Três semanas após a sua edição, este álbum alcançou o primeiro lugar do top português.

Carlos do Carmo já regressou a Lisboa

O fadista Carlos do Carmo teve ontem alta do hospital de Bordéus, onde se encontrava internado. O fadista regressou ainda ontem a Lisboa, acompanhado pelo filho, devendo permanecer em convalescença cerca de dois meses.

Manuela de Azevedo homenageada pelo TEC

Domingo à tarde, o Teatro Experimental de Cascais presta homenagem à jornalista e crítica Manuela de Azevedo. Será uma das raras vezes que o teatro presta homenagem a um crítico, neste caso, descerrando-lhe uma placa nas próprias instalações. Manuela de Azevedo foi uma das entusiastas do TEC desde a sua fundação, em 1965 e, desde então, através da sua actividade de crítica.

Registe-se que a homenagem a Manuela de Azevedo ocorre no dia da última representação de «Rei Lear» em Portugal. O TEC põe fim à carreira da peça para a ir representar a Bayonne, participando, assim, no Festival Internacional de Teatro que se realiza naquela cidade francesa.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
SERVIÇO DE MÚSICA

TEMPORADA DE MÚSICA E DANÇA 1990/1991

4 OUTUBRO

21.30 CLAUSTRO DO CONVENTO DO BEATO

(Rua do Beato, 44)

Répons

de PIERRE BOULEZ

Obra para solistas, grupo instrumental, computador 4X em tempo real e dispositivo de espacialização

Assistente musical: Andrew Gerszo

ENSEMBLE INTERCONTEMPORAIN

PIERRE BOULEZ, direcção

Solistas:

PIERRE-LAURENT AIMARD, piano

FLORENT BOFFARD, piano e órgão electrónico

MARIE-CLAIRE JAMET, harpa

MICHEL CERUTTI, cymbalum

VINCENT BAUER, vibrafone

DANIEL CIAMPOLINI, xilofone e glockenspiel

Dialogue de l'ombre double

de PIERRE BOULEZ

(versão «algarismos romanos»)

Obra para clarinete, fita magnética e dispositivo de espacialização

Assistente musical: Andrew Gerszo

Solista: ALAIN DAMIENS, clarinete

Realização técnica IRCAM

Som: Daniel Raguin, Didier Arditi, Xavier Bordelais

Régie 4X: François Gibouin / Controlo 4X: Andrew Gerszo

Controlo Matrix 32: Denis Lorrain / Régie Geral: Alain Jacquinet, Marthe Souris / Luz: Eric Benoît

Apoios:



BILHETES À VENDA

APOIO PUBLICITÁRIO: Rádio Comercial, Correio da Manhã Rádio, Antena 2

Programa Sujeito a Alterações

DESPORTO

Na 1.ª mão foi assim

Taça dos Campeões Europeus

	1.ª mão	2.ª mão
• Estrela Vermelha (Jug.)-Grasshoppers (Sui.)	1-1	
• Olympique Marseille (Fra.)-Dinamo Tirana (Alb.)	5-1	
• F.C. Tirol (Aus.)-Kuusysi Lathi (Fin.)	5-0	
• Lillestrem (Nor.)-F.C. Brugge (Bél.)	1-1	
• Sparta Praga (Chec.)-Spartak (URSS)	0-2	
• Nápoles (It.)-Ujpest Dozsa (Hung.)	3-0	
• Malmö (Suéc.)-Besiktas Istambul (Turq.)	3-2	
• Dinamo Bucareste (Rom.)-St. Patrick (Ir.)	4-0	
• U.S. Luxemburgo (Lux.)-Dinamo Desden (Al.)	1-3	
• F.C. Porto (Por.)-Portadown F.C. (Ir.N.)	5-0	
• Odense BK (Din.)-Real Madrid (Esp.)	1-4	0-6
• Lech Pozan (Pol.)-Panathinaikos (Gre.)	3-0	
• La Valeta (Malta)-G. Rangers (Esc.)	0-4	0-6
• Apoel (Chi.)-Bayern Munique (Al.)	2-3	0-4
• Knatt. Akureyar (Isl.)-CSKA (Bulg.)	1-0	

O A.C. Milão, actual detentor do troféu está isento da 1.ª eliminatória.

Taça dos Vencedores das Taças

• Légia (Pol.)-Swift Hesperange (Lux.)	3-0
• Trabzonspor (Turq.)-F.C. Barcelona (Esp.)	1-0
• Viking Stavanger (Nor.)-F.C. Liège (Bél.)	0-2
• F.C. Silven (Bulg.)-Juventus Torino (It.)	0-2
• Manchester United F.C. (GB)-Pecsi (Hung.)	2-0
• Kuopion (Fin.)-Dinamo Kiev (URSS)	2-2
• Schwerin (Al.)-Austria Viena (Aus.)	0-2
• Sliema (Malta)-Dukla Praga (Chec.)	1-2
• F.C. Famagusta (Chi.)-Aberdeen F.C. (Esc.)	0-2
• Montpellier (Fra.)-PSV Eindhoven (Hol.)	1-0
• Olimpiakos Pireu (Gre.)-Flamurtari Vlora (Alb.)	3-1
• F.C. Glentoran (Ir.N.)-Steaua (Rom.)	1-1
• Wrexham (Gales)-Lyngby (Din.)	0-0
• E. Amadora (Por.)-Neuchatel (Sui.)	1-1
• Fram Reykjavik (Isl.)-Djurgardens (Suéc.)	3-0
• F.C. Kaiserslautern (Al.)-Sampdoria (It.)	1-0

Taça UEFA

• Brøndby (Din.)-Eintracht Frankfurt (Al.)	5-0
• Dnepr Dneprop. (URSS)-Hearts (Esc.)	1-1
• Derry City F.C. (Ir.)-Vitesse (Hol.)	0-1
• MTK Budapest (Hung.)-F.C. Luzern (Sui.)	1-1
• Sporting C.P. (Por.)-KV Mechelen (Bél.)	1-0
• Lausanne (Sui.)-Real Sociedad (Esp.)	3-2
• Avenir Beggen (Lux.)-Inter Bratislava (Che.)	2-1
• Borussia Dortmund (Al.)-Chemnitz (Al.)	2-0
• IFK Norrköping (Suéc.)-F.C. Köln (Al.)	0-0
• Hafnarfjörður FH (Isl.)-Dundee United (Esc.)	1-3
• F.C. Antwerp (Bél.)-Ferencváros (Hung.)	0-0
• Zagłębie (Pol.)-Bologna (It.)	0-1
• Glenavon (Ir.N.)-Gir. Bordeaux (Fra.)	0-0
• Torpedo (URSS)-Gottelberg (Suéc.)	4-1
• Aston Villa F.C. (GB)-Banik Ostrava (Chec.)	3-1
• F.C. Magdeburg (Al.)-Roda Vianen (Fin.)	0-0
• Vejle BK (Din.)-Admira Wacker (Aus.)	0-1
• Bayer Leverkusen (Al.)-F.C. Twente (Hol.)	1-0
• Tchern Odessa (URSS)-Rosenborg (Nor.)	3-1
• Katowice (Pol.)-Turun Palloseura (Fin.)	3-0
• Iraklis Salónica (Gre.)-Valência (Esp.)	0-0
• RSC Anderlecht (Bél.)-Petrolul (Rom.)	2-0
• Atalanta Bergamo (It.)-Dinamo Zagreb (Jug.)	0-0
• Slavia Sofia (Bul.)-Omonia Nicosia (Chi.)	2-1
• AS Roma (It.)-S.L. Benfica (Por.)	1-0
• Roda JC (Hol.)-AS Mónaco (Fra.)	1-3
• Sevilla F.C. (Esp.)-PAOK (Gre.)	0-0
• Partizan (Alb.)-Universitatea Craiova (Rom.)	0-1
• Timisoara (Rom.)-Atlético Madrid (Esp.)	2-0
• Rapid Viena (Aus.)-F.C. Internazionale (It.)	2-1
• Fenerbahçe (Turq.)-V. S. Clube (Por.)	3-0
• Hibernians (Malta)-Partizan Belgrado (Jug.)	0-3

Dos encontros antecipados realizados ontem, ressalta que o Real Madrid, Glasgow Rangers e Bayern de Munique já estão apurados na Taça dos Campeões, enquanto que, para a Taça UEFA, estão firmes na 2.ª eliminatória os seguintes clubes: Vitesse, Lucerna, Real Sociedad, Borussia de Dortmund, Borussia e Admira Wacker.

Porto nas calmas e os demais em perigo

Por essa Europa fora, jogase hoje a 2.ª «mão» da eliminatória inicial das diversas provas do futebol uefeiro, com cinco emblemas portugueses envolvidos na corrida.

O cortejo, no tocante às cores lusitanas, vai ter início pelas 18 e 30, quando os irlandeses do Portadown receberem o F.C. do Porto, em duelo que conta para a Taça dos Clubes Campeões Europeus. Sob arbitragem do islandês Sveinsson, as turmas devem inicialmente formar do modo seguinte:

Portadown: Keunan; Major, Strain, Stewart e Curlliss; Cunningham (ou Fraser), McCreade, Dooling, Davidson, Magee e Cowan (ou McKeever).

Treinador: Ronnie McFaul.

F.C. do Porto: Vítor Bafa; João Pinto, Geraldão, Aloísio e Branco; André e Kiki; Semedo e Jorge Couto; Madjer e Paille.

Treinador: Artur Jorge.

Curiosidades: na caravana seguiram figuras conhecidas (Adriano Pinto, presidente da Associação de Futebol do Porto; Lourenço Pinto, que vai relaxar-se da ingrata tarefa de dirigir a arbitragem nacional; o ex-juiz internacional António Garrido, habitual acompanhante dos «dragões»; Vieira de Carvalho, presidente da Câmara Municipal de Maia e da Assembleia Geral da Federação de Futebol; António Oliveira, treinador da selecção de «esperanças» e Fernando Oliveira, presidente do Vitória de Setúbal). Além deste bloco, também fizeram viagem Emílio Macedo (Desportivo de Chaves), representantes do Felgueiras e do Gil Vicente, estes carregando na bagagem presunto, salpicão e vinho verde, pretexto para ceia bem regada e muito conversa-da.

Estrela bem acompanhado

Pelas 19 horas, terá início o difícil confronto dos comandados de Manuel Fernandes frente aos suíços do Neuchatel e, segundo informações que nos chegam do país helvético, deverão estar presentes alguns milhares de portugueses dos cerca de nove mil que trabalham em Neuchatel. O encontro terá como palco o Estádio La Maladière sendo dirigido



Sporting: sorrisos na caminhada

pelo árbitro checo Dusan Krchnak e quanto às formações iniciais Roy Hodgson e Manuel Fernandes deverão apresentar:

Neuchatel Xamax: Pascolo; Egli, Rothenbuler, Luthi e Fernandez; Jeitziner, Perret, Gigon e Bonvin; Chassot e Sutter.

Treinador: Roy Hodgson.

Estrela da Amadora: Vital; Duffio; Rui Neves, Abel Xavier, Valério e Dimas; Abel Campos, Miranda, Paulo Jorge e Paulo Bento; Ricky.

Treinador: Manuel Fernandes.

A comitiva do Estrela onde se regista a ausência de Álvaro, Agatão e Rebelo, encontra-se instalada em Yverdon-Les-Bains a cerca de 50 quilómetros do estádio, o tempo encontra-se bom ainda que se prevejam aguaceiros e reina grande optimismo entre jogadores, dirigentes, técnicos e os demais portugueses presentes.

Sporting:

Cintra levou champanhe

Sousa Cintra ordenou que na bagagem fossem incluídas muitas garrafas de champanhe, num gesto de «incitamento psicológico» para com os artistas do seu emblema. O encontro terá o seu começo pelas 19 e 30 no Estádio Ferniere des Cavernes cabendo ao italiano Pietro Della dirigi-lo o confronto. Muitos «vips» integraram a comitiva desde Moisés Ayasch a Firmiano Miguel, Hasse Ferreira e João Manuel Mateus, Ilídio Dinis e os gémeos Castro, Borges e Castro e outros indefectíveis adeptos do grémio «leonino». Ontem foi inaugurada a sede da casa do Sporting em Bruxelas ficando prometida uma velha ambição do nosso bom amigo António Sustelo. Foi uma bonita gesta com Cintra e Sustelo

lo nos discursos de circunstância.

Douglas está «OK» e jogará inicialmente. Quanto às formações anunciadas serão assim:

MALINES — Preud'Homme: Sanders, Clysters, Albert e Deferm; Emmers: partrick Versavel, Ingresson e Bruno Versavel; Eykelkamp e Wil-mots.

Treinador: Van Hoof.

SPORTING — Ivkovic; Carlos Xavier, Venâncio, Luizinho e Leal; Litos, Oceano, Douglas e Careca (Filipe); Gomes e Cadete.

Treinador: Marinho Peres.

Cadorin foi uma visita muito festejada e contou todo o êxito na sua carreira de industrial de têxteis, mantendo ligações com Portugal, através de importações feitas directamente de Guimarães e de Vizela.

O estádio tem uma capacidade para 15 000 espectadores estando vendidos 13 000 lugares. Confiança é o que não falta e oxalá Sousa Cintra veja o esvaziar das garrafinhas.

Já agora refira-se que em caso da necessidade de desempatar por remates de grande penalidade, Marinho Peres já nomeou os cinco: Carlos Xavier, Oceano, Luisinho, Cadete e Douglas (Bozinovsky e Filipe estão de «reserva»).

Benfica

com Mário Soares

O convite foi feito e de Belém dizem-nos que é bem provável que o Presidente Mário Soares esteja, logo à noite, no Estádio da Luz. O primeiro êxito benfiquista está assegurado com a entrada nos seus cofres de 300 mil contos provenientes da venda de bilhetes e dos direitos de transmissão a pagar pela RAI-Uno. Quanto ao mais importante, logo se saberá se Rui Águas e seus

companheiros terão «arte e manha» para superar o 0-1 trazido de Roma. Thern e José Carlos serão os grandes ausentes e isto porque Schwartz recuperou por forma a poder ser integrado no onze inicial. Arbitrará o jogo o germânico Schmidhuber (recorde-se que foi ele o juiz da final de Riade que proporcionou o título mundial aos «putos» de Carlos Queiroz e as equipas deverão alinhar assim:

BENFICA — Silvino; Ricardo; Samuel, Veloso e William; Schwarz; Vítor Pereira, Valdo e Paulo Sousa; Rui Águas e Isaias.

Treinador: Sven-Goran Eriksson.

ROMA — Peruzzi; Comi; Berthold, Aldair, Nela e Tempestilli; Salsano e Giannini; Desideri, Voeller e Carnevale.

Treinador: Ottavio Bianchi.

O prémio prometido por João Santos e seus parceiros do executivo é de 1200 contos e Valdo certamente que irá fazer a última tentativa para tomar o rumo do futebol italiano.

Guimarães: ou tudo ou nada

Superar a diferença de três golos é tarefa muito difícil dos minhotos, mas, a avaliar pela diferença dos valores em presença, não será ousado admitir a possibilidade do obstáculo ser transposto pelos comandados de Pedro Rocha. Quanto ao estado físico dos jogadores apenas Bené continua impossibilitado de actuar e psicologicamente é positivo o estado geral dos vimaranenses. Quanto aos turcos (que foram forçados a treinar no Estádio da Maia) estão confiantes de que o peccilho conseguido no seu país irá manter-se.

O árbitro será o italiano Lo Bello e as turmas apresentarão:

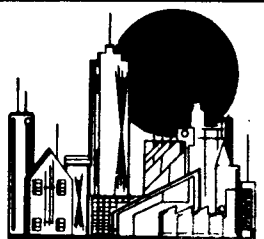
Guimarães: Jesus; Nando, Germano, Jorge e Basílio; N'Dinga, Carvalho, João Baptista e Soeiro; Chiquinho e Ziad.

Treinador: Pedro Rocha.

Fenerbahçe: Schumacher; Erdi, Ercan, Mujdat e Semih; Turhan, B. Senol, Oguz e K. Senol; Vokri e Aykut.

Treinador: Guus Hiddink

Resta o voto do «DL». Que a sorte favoreça a nossa gente.



urbicidade
MEDIADORES
ALMADA

TEMOS PARA VENDA

EM LISBOA: LOTES DE TERRENO — PRÉDIOS DEVOLUTOS
COM PROJECTO APROVADO — EM TODAS AS ZONAS DA CIDADE AOS MELHORES PREÇOS

HABITAÇÃO — ESCRITÓRIOS

CENTROS COMERCIAIS — HOTÉIS — APARHOTÉIS

CONTACTE-NOS:

Avenida D. Nuno Álvares Pereira, 46, 1.º, Esq. — 2800 ALMADA-PORTUGAL — Telef.: (01) 274 42 56 - 274 42 57 — Fax 274 36 53 — Telex 61004 TRIALM P — Apartado 33 — ALMADA-PORTUGAL

DESPORTO

«Chicotadas psicológicas» chegam ao ténis

Nuno Marques e Bernardo Mota rompem com Cordeiro e Damasceno

Os campeonatos nacionais de ténis (1.ª categoria) ficaram marcados por alguns factos curiosos. Sofia Prazeres e Nuno Marques conquistaram o seu 1.º título, num ano em que são os portugueses melhor classificados nos «rankings» mundiais feminino e masculino. Eva Mendonça, José Nunes e Paulo Coelho atingiram pela 1.ª vez as meias-finais de singulares. Cunha e Silva, que não perdera um «set» nas quatro edições anteriores, mostrou-se incapaz de ganhar uma única partida na final, frente a Nuno Marques. E o Lawn Tennis Clube da Foz, que assistira (em 1986) ao fim de um ciclo dominado por Pedro Cordeiro, quatro vezes titular nacional (entre 1982 e 1985), testemunhou desta feita o terminar do reinado de outro tetracampeão: João Cunha e Silva.

No entanto, estes 66.º campeonatos nacionais perderão nos anos do nosso ténis por outra coincidência: dois dos melhores valores portugueses romperam as relações profissionais com os respectivos técnicos. Nuno Marques deixou de ser treinado por Pedro Cordeiro, enquanto Bernardo Mota ficou desvinculado de Luís Damasceno. As duas situações são, porém, bem diferentes. A «rescisão» entre Mota e Damasceno foi amigável, e deveu-se a uma natural saturação por parte do técnico, devido às constantes deslocações ao estrangeiro nas duas últimas épocas, que o impediam de conviver com a sua família. A prova de bom entendimento que ambos mantêm é o facto de Luís Damasceno estar a aconselhar o seu ex-pupilo no «Círculo Sênior TLP» que ontem se iniciou no Estádio Nacional.

Num breve balanço, pode dizer-se que a ligação profissional entre Bernardo Mota e Luís Damasceno foi frutuosa, embora as constantes lesões

do jogador tivessem impedido a prevista projecção internacional. No 1.º ano, Bernardo Mota competiu no circuito júnior sul-americano, cotando-se como um dos bons tenistas mundiais no escalão de sub-18, como ficou mais tarde comprovado com o lugar de 4.º finalista nos campeonatos da Europa. Ao nível profissional, o benfiquista logrou alcançar alguns resultados interessantes em circuitos satélites espanhóis, tanto na época transacta como na presente, colocando-se muito perto dos 800 primeiros classificados do mundo. Contudo, uma gravíssima lesão no ombro direito, que se prolongou de Outubro de 1989 a Julho de 1990, seguida de outra lesão nos músculos abdominais, impediram a necessária regularidade de treinos e competições para mais altos voos.

Em termos nacionais, os resultados revelaram-se bem mais positivos, Bernardo Mota tornou-se vice-campeão absoluto em 1989; e, este ano só perdeu para Nuno Marques, nos quartos-de-final. Foi convocado para a selecção portuguesa da Taça Davis, onde parece ter assegurado o lugar de 3.º jogador e integra os quadros do Benfica, cuja equipa de ténis chegou aos quartos-de-final da Taça dos Clubes Campeões Europeus, na presente temporada.

No plano técnico foi onde o trabalho de Luís Damasceno marcou mais pontos, dotando o arsenal de Mota com outras soluções de jogo, sobresaindo a esquerda batida e o 1.º serviço, embora ainda houvesse muito a melhorar no volei e no jogo de pés. Fisicamente, Bernardo encontra-se claramente mais forte, apesar de revelar uma certa fraqueza muscular quando os encontros se prolongam por mais de duas horas. No aspecto mental do jogo, Bernardo Mota tornou-se num «duro», capaz

de medir forças com qualquer um, mas taticamente ainda se encontrava no início da aprendizagem. Urge (por isso) encontrar uma alternativa a Luís Damasceno, pois ao contrário de Cunha e Silva e Nuno Marques, Bernardo Mota ainda não adquiriu maturidade competitiva suficiente para enfrentar sozinho o circuito profissional.

Luís Damasceno também não vai parar a sua actividade como técnico, dedicando-se agora quase exclusivamente a Pedro Sousa, um jovem que vem orientado há alguns meses (simultaneamente com Mota), tendo já obtido resultados palpáveis, como comprovam os títulos de campeão nacional de juniores e campeão nacional de pares masculinos (ao lado de Emanuel Couto), arreadados no último mês pelo jogador do Clube de Ténis do Jamor.

Já a ruptura entre Nuno Marques e Pedro Cordeiro não teve nada de amigável. Antes pelo contrário: os antigos companheiros encontram-se mesmo de relações cortadas desde há exactamente uma semana, impossibilitando qualquer tentativa de reconciliação. O ex-tetracampeão nacional refugiou-se no habitual e lacónico «não comento», enquanto Nuno Marques pouco acrescentou, adiantando apenas ter-se tratado de «questões pessoais».

Segundo o «DL» conseguiu apurar, o imbróglie despoletou cerca de duas semanas antes do início dos campeonatos nacionais e só a acção mediadora do preparador físico (Pinto Lopes) terá permitido a manutenção das relações profissionais até à conquista do título. No entanto, nem isso chegou a ser possível. Os contactos deterioraram-se ao ponto da ruptura acontecer já durante a prova: e nas duas últimas rondas do torneio, Nuno Marques foi visto com outro

treinador (Nuno Allegro).

Abordámos ainda João Lagos, na tentativa de descobrir um pouco a ponta do véu. Recorde-se que Pedro Cordeiro é o responsável pela filial da Escola de Ténis João Lagos, sediada no Sport Clube Alberto de Sousa (em Miramar, a poucos quilómetros do Porto). Ora, desde que rompeu com Luís de Sousa (em Agosto de 1989), Nuno Marques vinha utilizando aquelas instalações, bem como os serviços de Pedro Cordeiro e do prof. Pinto Lopes, o preparador físico da ETJL. Sabíamos, ainda, que Pedro Cordeiro reunira-se com João Lagos na 6.ª feira e sábado passados para discutir a situação. Porém, o empresário da Sotenis não quis meter-se numa questão meramente pessoal entre Marques e Cordeiro, mas não se escusou a falar à nossa reportagem, acabando por elaborar um pequeno balanço da passagem de Nuno Marques pela escola que ostenta o seu nome:

«O importante em toda esta questão é mostrar que o nosso investimento (vultoso) no Nuno Marques produziu resultados indelmentáveis. Esta época ele não só conquistou pela 1.ª vez o campeonato nacional de 1.ª categoria, como ainda se tornou no tenista português a obter a melhor classificação de sempre no «ranking» ATP, com o número 118, melhorando mesmo a 126.ª posição que alcançara no ano passado. Agora que a separação é inevitável, desejamos as maiores felicidades ao Nuno Marques e cada um seguirá o seu caminho». Hugo Ribeiro

Cunha e Silva: nova derrota

João Cunha e Silva foi eliminado pelo holandês Mark Koevermans na 1.ª ronda do Torneio Internacional de Ténis de Atenas. Koevermans derrotou o tenista português em apenas dois «sets» e pelos parciais de 6-4 e 6-2.

EM FOCO

PAULO AUTUORI iniciou ontem mais um ciclo da sua carreira de treinador, ao dirigir o primeiro treino ao serviço do Marítimo. A sessão decorreu no campo de Santo António, prolongou-se por cerca de duas horas e foi presenciada por algumas centenas de adeptos do clube. Rui Fontes (presidente) teve palavras de circunstância, enquanto Autuori falou em privado com os jogadores. Refira-se, a propósito, que o zambiano Chikaballa está a prestar provas com vista ao seu eventual ingresso nos marinistas.

VÍTOR MANUEL é o novo treinador do Penafiel, depois do afastamento de Joaquim Teixeira. Recorde-se que Vítor Manuel iniciou a sua carreira na Académica, transitando, seguidamente, para o SC Braga e presentemente encontrava-se no «desemprego». O novo técnico penafielense continua a contar com o adjunto Joaquim Jorge sendo José Vítor o preparador físico. Quanto a Joaquim Teixeira é provável que ingresse no Freamunde de onde recentemente saiu Fernando Festas.

ROSA SANTOS continua a ser o árbitro português mais credenciado pelos dirigentes da UEFA e hoje estará a dirigir o Grasshoppers-Estrela Vermelha de Belgrado, para a Taça dos Campeões, sendo auxiliado por Vítor Correia e Jorge Coroado. Aquele reputado árbitro de Beja foi, igualmente, nomeado para quarta-feira dirigir o Milão-Sampdoria para a Supertaça com a colaboração de Francisco Silva e Fortunado Azevedo e no dia 17 irá coordenar o Roménia-Bulgária para o Europeu com a colaboração de Vítor Correia e Francisco Silva.



Dirigentes do CACO colocam a Rego Mendes, os problemas mais graves com que se debate a popular colectividade

Rego Mendes visitou o CA Campo de Ourique

A Câmara Municipal de Lisboa, através do Pelouro do Desporto, vai ajudar o Clube Atlético de Campo de Ourique (CACO) a resolver alguns problemas, nomeadamente a recuperação dos balneários e a infiltração de águas no âmbito da campanha «Um chapéu de chuva para as colectividades».

O vereador do Pelouro do Desporto, Rego Mendes, acompanhado pelo presidente da Junta de Freguesia de Santa Isabel, Rui Marchante visitou a popular colectividade e o auxílio financeiro foi anunciado

da reunião com os dirigentes, entre os quais Manuel Costa, presidente da direcção.

Recorde-se que o CACO é uma colectividade com enorme prestígio e mantém mais de 600 atletas nas modalidades de ginástica, hóquei em patins, andebol e judo. No hóquei em patins o entusiasmo dos jovens praticantes continua, na procura de uma evolução até à posição cimeira alcançada por grandes figuras da modalidade a nível nacional e internacional como Vaz Guedes e Bernardino.

Basquetebol: Ovarense em frente

A equipa da Ovarense garantiu o apuramento para a 2.ª eliminatória da Taça Europeia dos Vencedores das Taças em Basquetebol Masculino, ao bater os belgas do Leuven, no recinto destes, por 79-65. O encontro pertencia à 2.ª «mão» da 1.ª eliminatória da competição e ao intervalo a Ovarense ganhava já por 37-30.

No encontro da 1.ª «mão» (em Ovar) o conjunto português triunfou por 95-88, pelo que no conjunto das duas «mãos» o balanço lhe é favorável or 174-153. No encontro de ontem os melhores marcadores da Ovarense foram Robertos (29), Ferreira (20) e Howard (15).



Primeiras pedaladas

Organizado pelos nossos colegas «JN» e «O Jogo», disputou-se o 9.º Prémio Nacional da Juventude de Ciclismo, cabendo a José Anjos, António Serra, Hélder Santos, Lino Gonçalves, Cândido Barbosa e Nuno Alves a subida ao pódio de honra.

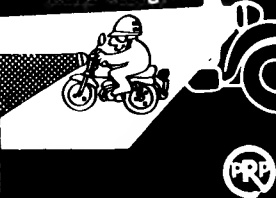
Casinha independente a 150m da Barragem. Todas as actividades náuticas

AGRO — TURISMO Barragem de Magos (60km Lx.)



Reservas: tel. 01-979022 063-58516

quem me avista meu amigo é



«TURISMO — INVESTIMENTOS TURÍSTICOS E IMOBILIÁRIOS, S.A.»

JOSÉ ATAÍDE ROCHA, 1.º Ajudante da Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, CERTIFICOU que foi depositada a fotocópia da acta da assembleia geral de que consta a nomeação do conselho de administração e fiscal para o ano de 1990:

ADMINISTRADORES: Presidente: Bertil Jörgen Stridh. Vogais: Claes Harry Embert Eriksson e José Lima dos Santos. CONSELHO FISCAL: Presidente: Henrique Pontes Lopes; Vogais efectivos: Manuel Maria Oliveira da Cunha; João Duarte Lopes Ribeiro (ROC) — VOGAL SUPLENTE: Oliveira, Reis & Associados, S.R.O.C).

Foram ainda depositados os documentos respeitantes à prestação de contas referente ao ano de 1989.

Está conforme. Lisboa, 16 de Julho de 1990. O Ajudante, José Ataíde Rocha

«DL» - 3/10/90

DESPORTO

A um passo da concretização

Marco Chagas como treinador na Tensai/Mundial Confiança

A turma ciclista da Tensai, que não tinha declarado profissionalismo entre os seus representantes, prepara-se para entrar decididamente nas altas andanças velocipédicas.

Na sequência do empresário Manuel João Preto ter ligado a sua organização à seguradora Mundial Confiança e, a partir daí, a dupla procurar dar corpo a uma grande formação, o campeãoíssimo Marco Chagas foi convidado para treinador e (já) dar o seu parecer no respeitante a recrutamento de valores que possam brilhar nas estradas portuguesas com a camisola da organização de Santa Marta de Portozelo.

Assim, perante a aliciante proposta (o orçamento permite contratações de bom nível) o triunfador oficial em quatro edições da Volta a Portugal parece disposto a concluir o actual compromisso com a Orima/Cantanhede e trocar a equipa de Mário Miranda de

Almeida por outra turma em parte substancial representante de diferente marca de electrodomésticos. Entretanto, até ao conclusivo *sim* de Marco Chagas a Manuel João Preto, a Tensai/Mundial Confiança ganha consistência, com a contratação do titular nacional Joaquim Salgado (que deixa a Avibom/Valouro/Lousa), a promoção a profissionais de seniores que já estavam na colectividade (Paulo Ferreira, Rui Belo, Joaquim Sampaio, Eduardo Felgueiras, Luís Machado e João Silva) e ainda o recrutamento de três outros atletas que, na última «Volta», actuaram de molde a dar indícios de bom futuro no ciclismo. Nomes? Manuel João Preto remete-se ao silêncio: «Só quando a época terminar é que posso divulgar os nomes que já estão certos na Tensai/Mundial Confiança».



Marco Chagas: da Orima para a Tensai?



Francisco Parafio

Eusébio vai ter estátua na Luz

Gesto bonito: um núcleo de emigrantes, radicado nos Estados Unidos da América, vai oferecer ao Sport Lisboa e Benfica uma estátua em bronze reproduzindo Eusébio numa remate à baliza. O monumento, com 2,5 metros de altura, será brevemente colocado perante a entrada principal do estádio da Luz.

Schuster próximo do Anderlecht

O médio alemão Bernd Schuster poderá assinar pelo Anderlecht nos próximos dias.

Schuster está em negociações com os dirigentes do Anderlecht, que pretendem contratar um centrocampista a pedido do treinador Aad de Moss, mas o jogador alemão pede um vencimento mensal de dois milhões de francos belgas (10 mil contos), verba considerada elevada em relação ao nível do futebol belga e da idade do jogador, que tem 31 anos.

Atlético de Madrid na ponta das flechas

Gil Y Gil ameaça toda a gente

Jesus Gil y Gil, o polémico presidente do Atlético de Madrid, que começou como vendedor de automóveis em 2.ª mão, defronta-se actualmente com quase todos os organismos do futebol espanhol: e ameaça com o escândalo.

Gil (que se define como um homem que se fez a si próprio, um vendedor, um ditador liberal, um líder de massas, e que em 1987 se declarou admirador de Adolf Hitler) quer levar até às últimas con-

sequências a sua intenção de mudar as estruturas do futebol na Espanha (sobretudo as arbitragens) e ameaça retirar a sua equipa de futebol do campeonato espanhol.

O presidente do Atlético de Madrid, que se diz cansado da constante perseguição das arbitragens à sua equipa, desde que assumiu a chefia da colectividade (Julho de 1987) pretende realizar no sábado uma assembleia de associados, onde será votado o abandono (ou

não) na Liga Espanhola.

O deflagrar da situação foi a arbitragem de Mauro Socorro Gonzalez no Estádio de San Mamés (Bilbau) no sábado, que não assinalou uma grande penalidade a castigar «mão» flagrante de um jogador de Bilbau, quando os locais venciam por 2-1, que seria o resultado final. Gil ameaça também abandonar a presidência do clube, de forma a trabalhar com maior liberdade na «sombra», sem pesar sobre ele a

tentativa de suspensão.

Desde que assumiu a presidência, Gil tentou revolucionar o futebol espanhol, não hesitando em defrontar os principais organismos da modalidade, embora não tendo conseguido o seu objectivo inicial, de fazer do Atlético de Madrid uma equipa forte e temida e encher o Estádio «Vicente Calderón», onde a média é de 30 mil espectadores por jogo, quando a capacidade é de 70 mil pessoas.

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA

3.º JUÍZO ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção do 3.º Juízo do Tribunal de Família de Lisboa, correm termos uns autos de Divórcio Litigioso, com o n.º 7304, que Maria da Conceição Pereira de Carvalho, residente na Rua Herculano de Carvalho, lote 77-1.º Dt.º Reboleira, 2700 Amadora, move contra VALDEMAR NARCISO GOMES CAMPENHE DE ALBUQUERQUE, ausente em parte incerta, com última morada conhecida, na Rua dos Lusíadas, n.º 24-4.º Dt.º em Lisboa, sendo este réu citado, para, querendo, contestar no prazo de VINTE DIAS, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, decorridos que sejam trinta dias de dilação, o pedido de divórcio pelos fundamentos constantes da petição inicial, cujo duplicado se encontra na secretaria deste Juízo à sua disposição. Lisboa, 24 de Setembro de 1990.

O Juitz de Direito, Cândido Gouveia
A Escrivã Adjunta,
Maria Natália Soares Madal

-DL- - 2.º Pub. - 3/10/90

Motociclismo: António Lopes no Rali dos Faraós

Pela 1.ª vez na história do motociclismo, um piloto português irá participar no Rali dos Faraós, a célebre competição africana que começa no próximo domingo. António Lopes é o homem desta participação pioneira. Aos comandos de uma Honda XR 600, substancialmente transformada nas instalações da Hon-Cascais, António Lopes terá por objectivos imediatos concluir a prova e alcançar um bom resultado.

A única competição africana disputada anteriormente por António Lopes foi o Rali dos Atlas (1989) prova de características muito próprias e sem paralelo com as outras disputadas no mesmo continente. A ida ao Rali dos Faraós constitui uma etapa necessária antes da participação na principal maratona africana (o Paris-Dakar) que constitui a grande meta de António Lopes. A deslocação aos «Faraós» per-

mitirá ao piloto da Hon-Cascais familiarizar-se com a pilotagem no deserto, com pleno recurso ao uso de «road-book» e instrumentos de orientação, factores característicos e indispensáveis em provas desta natureza. Na prova egípcia, o nosso representante encontrará as condições, as máquinas e os adversários que, em Janeiro próximo, serão dominantes no «Paris-Dakar».

Amanhã, o piloto português integra a caravana de participantes que seguirá directamente para Alexandria, cidade onde é dada a partida para a prova.

A organização exige uma autonomia mínima de combustível de 450 km. para o conseguir, a moto de António Lopes foi equipada com um depósito principal de 26 litros e um depósito suplimentar em alumínio (propositadamente construído na Hon-Cascais)

com 16 litros de capacidade, o que perfaz um total de 42 litros.

A 9.ª edição do Rali dos Faraós disputa-se no Egipto, entre os dias 7 e 17 do corrente. O percurso tem uma extensão total de 5302 km, dos quais 3392 km integram doze «especiais» de classificação. Trata-se de uma luta quase constante contra o cronómetro, que obrigará à manutenção de uma cadência elevada por parte dos concorrentes. A maior parte do percurso situa-se numa zona militar de acesso interdito, em que o deserto é a tônica dominante. Para este Rali dos Faraós estão inscritos 80 carros e camiões e 130 motos, pois esta é uma prova mista: auto-moto.

António Lopes é o único piloto, ainda em actividade regular, que alinhou na 1.ª prova de Enduro disputada no nosso país: o Enduro das Duas Praias, em 1979. Desde

essa data e até 1985, o nosso piloto foi participante assíduo nas competições de Enduro e Moto-Ralis, firmando um início de carreira marcada pela escassez de apoios económicos.

Desde 1985 que António Lopes disputa integralmente o campeonato nacional de Enduro e sempre na categoria principal (250/500 cc). Por variados motivos nunca logrou conquistar o título de campeão. Isso pode acontecer este ano, pois lidera confortavelmente o campeonato quando restam por disputar apenas duas provas. Em termos internacionais, a coroa de glória foi a vitória (partilhada com o seu primo João Lopes) na Baja de Aragon, em 1989. No mesmo ano participou no Rali do Atlas, mas um joelho lesionado ditou o abandono no 3.º dia de prova.

Após duas épocas (1985 e 86) aos comandos de uma

KTM 250 privada, tornou-se piloto oficial da Honda.

Nascido em Lisboa a 1 de Julho de 1961, António Lopes detém no seu palmarês os seguintes resultados em Enduro, com boas classificações no campeonato nacional: 1985: 4.º em 250/500 cc (KTM); 1986: 7.º em 250/500 cc (KTM); 1987: 3.º em 250/500 cc (Honda); 1988: 3.º em 250/500 cc (Honda); 1989: 2.º em 250/500 cc (Honda); 1990: com seis provas disputadas e duas em falta, está destacado no comando do campeonato, em 250/500 cc. Na prova de Bajas: em 1987: 2.º na Maratona de Portalegre; 1988: 1.º na Maratona de Portalegre (fazendo equipa com seu primo João Lopes) e 1.º nos 500 km do Guadiana; 1989: 1.º na Baja de Aragon (fazendo equipa com seu primo João Lopes) e 3.º na Maratona de Portalegre.

DESPORTO

Ténis: Navratilova é a mais bem paga

A subida da espanhola Arantxa Sanchez Vicario, do 7.º para o 6.º lugar, é o facto mais saliente da classificação mundial do ténis feminino. Por seu lado, Navratilova comanda a tabela das receitas obtidas por cada tenista nos torneios em que participa. Finalmente a classificação do circuito feminino continua a ter à frente Steffi Graff.

As dez primeiras do «ranking» mundial são as seguintes: Steffi Graff (Alemanha), Martina Navratilova (EUA), Mónica Seles (Jugoslávia), Gabriela Sabatini (Argentina), Zina Garrison (EUA), Arantxa Sanchez Vicario (Espanha), Katerina Maleeva (Bulgária), Marjorie Fernandez (EUA), Manela Maleeva (Suíça) e Conchita Martinez (Espanha).

Circuito feminino mundial: Steffi Graff (Alemanha), 4120 pontos; Martina Navratilova (EUA), 3290; Mónica Seles (Jugoslávia), 3253; Gabriela Sabatini (Argentina), 2335; e Zina Garrison (EUA), 2072.

Prémios monetários: Martina Navratilova (EUA), 1 027 030 dólares; Steffi Graff (Alemanha), 999 070; Mónica Seles (Jugoslávia), 875 474; Gabriela Sabatini (Argentina), 648 533; e Jana Novotna (Checoslováquia), 513 482.

Por seu lado, o sueco Stefan Edberg lidera a tabela de prémios em circuitos ATP (Associação de Tenistas Profissionais), tendo recebido na presente temporada 1 137 176 milhões de dólares (cerca de 160 mil contos). Classificação dos dez primeiros: Stefan Edberg (Suécia), 1 137 176 dólares; Boris Becker (Alemanha), 905 902; Ivan Lendl (Checoslováquia), 797 802; André Agassi (EUA), 785 212; Andres Gomez (Equador), 784 055; Pete Sampras (EUA), 732 697; Goran Ivanisevic (Jugoslávia), 593 325; Emilio Sanchez (Espanha), 529 839; Thomas Muster (Áustria), 490 447; e Brad Gilbert (EUA), 473 853.

Vidago convida

A Sovipe (Sociedade de Desenvolvimento Turístico de Vidago e Pedras Salgadas) em colaboração com a Associação Regional de Ténis de Vila Real, vai levar a efeito o seu I «Open» de Ténis que decorrerá nos «courts» de Vidago e Pedras Salgadas, de 5 a 14 do corrente, com a final a realizar-se no domingo, em Vidago. O «prize money» do torneio é de 400 contos e o melhor classificado pontuará 270 pontos APT. Este «Open», que é o mais importante realizado no distrito de Vila Real, tem o apoio da Comissão Regional de Turismo do Alto Tâmega, da Câmara Municipal de Chaves e do grupo Vidago.

Gêmeos Castro: atracção em Espanha

Os sportinguistas Domingos e Dionísio Castro participam no crosse internacional de Llodio, popular corrida que se disputa a 16 de Dezembro a Norte de Espanha. Além dos gêmeos Castro, a 7.ª edição da prova terá também a participação de alguns dos melhores atletas do Quénia que na anterior realização não se deslocaram a Espanha devido à preparação para os Jogos da Comunidade Britânica. Os vencedores da corrida de 1989 foram Ezequiel Canario e a inglesa Jane Shields.

Estafeta juvenil

Troféus, medalhas, camisas e diplomas de participação são alguns dos prémios a distribuir pelos participantes na 1.ª Estafeta Juvenil da Paz, que se realiza no próximo domingo, nas principais artérias do bairro Avelar Brotero, em Odivelas. «A prova está incluída nos 5.ºs Jogos da Paz

do Concelho de Loures e tem espírito olímpico», declara José Fonseca (director da prova, que conta com o apoio da Câmara Municipal de Loures e Junta de Freguesia de Odivelas. As inscrições para os diversos ramos da estafeta estão abertas até ao próximo sábado, devendo os atletas ser portadores do bilhete de identidade.

Avintes-Gaia

A 14 do corrente, o Futebol Clube de Avintes organiza uma prova de atletismo denominada 6.ª Meia-Maratona Avintes-Gaia, com o aliciente de se disputarem prémios extensivos aos primeiros 500 atletas que cruzam a linha de chegada. Com inscrições a 100 escudos (no Futebol Clube de Avintes) a corrida tem apoios da Sogrape, Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Junta de Freguesia de Avintes e Governo Civil do Porto.



Espanha é uma tentação para os Castros

Golfe: Teresa Abecassis ganha no «Pine Cliffs»

A final do «Troféu do presidente», disputada no Pine Cliffs Golf and Country Club, teve como vencedora Teresa Abecassis e contou com a presença de Nigel Mansell, na qualidade de presidente do clube de golfe.

O «Troféu do presidente» é um torneio anual para o qual são convidados amigos e companheiros do conhecido piloto de Fórmula 1, assim como os golfistas nacionais e estrangeiros que, ao vencerem uma das quatro provas qualificativas, ficam apurados para a final. A 2.ª edição do «Troféu do presidente» ocorreu pela 1.ª vez no magnífico campo deste aldeamento exclusivo, situado junto à Praia da Falésia. O campo, que foi inaugurado oficialmente em 19 de Maio (durante a qualificativa) encontra-se perfeitamente integrado na paisagem que envolve todo o empreendimento.

Consistindo num torneio de 18 buracos, na modalidade de «Medal», a final do «Troféu do presidente» foi disputada em duas «mãos». Teresa Abecassis (a melhor jogadora portuguesa da



Nigel Mansell e Teresa Abecassis

va (ex-campeã nacional) aproveitaram, mais uma vez, a oportunidade para jogar em Pine Cliffs, tendo o profissional português estabelecido um novo recorde do campo, ao fazer 62 pancadas. Mansell, durante a cerimónia da entrega de prémios, anunciou oficialmente que irá patrocinar Daniel Silva, pois considera que o nosso golfista tem todas as potencialidades para, dentro de alguns anos, vir a ser um dos grandes do «ranking» mundial.

Espinho em grande

Nuno Carneiro, presidente do Oporto Golf Club (OGC), garante que as edições deste ano do «Nixdorf Gold Cup e European Cup», «serão de longe as melhores de sempre».

A 6.ª edição da prova e a 2.ª da «European Cup» disputam-se de 11 a 13 do corrente, nos «greens» do OGC (em Espinho) o 3.º clube de golfe mais antigo da Europa continental, que comemora este ano o seu 100.º aniversário. Na competição participaram, para além da formação nacional, seleções da Dinamarca, Espanha, Inglaterra, Escócia e Suécia, consideradas por Nuno Carneiro como «a fina flor do golfe amador, na Europa».

As duas competições que, em termos de classificação final se «fundem», são disputadas num total de 54 buracos, por equipas de qua-

tro, na competição «European» e individualmente na «gold».

«Contamos com a participação de cerca de 20 golfistas com 'handicap' zero ou ainda melhor, o que nos garante à partida a realização de um grande torneio», comenta o presidente do OGC. Para o dirigente nortenho e exceptuando os Campeonatos do Mundo realizados em Portugal, «esta competição constitui, em termos de torneios particulares, a prova de maior nível competitivo alguma vez disputada no País».

A competição, que tem um orçamento previsto na ordem dos oito mil contos, visa «promover e dinamizar a modalidade no País, bem como dar a conhecer os países participantes a realidade do golfe nacional».

O Oporto Golf Club vai também realizar, em 8 e 9 do corrente, a 50.ª edição do Portugal/Espanha, este ano aberta a veteranos (mais de 50 anos) e equipas principais. A prova será disputada por equipas de seis elementos, no sistema «match-play», num total de 36 buracos. A «Taça Centenário» e a «Taça Confraria Vinho do Porto» constituem as duas outras realizações previstas, respectivamente, para seis e 10 do corrente, nos «greens» do OGC. Ambas as competições serão abertas e disputadas individualmente num total de 18 buracos, sendo a 2.ª sistema de «Stableford».

Judo: Açores ajudam campeã

Ruth Meireles (campeã nacional de judo) beneficia, a partir de agora, de um conjunto de apoios do Governo Regional dos Açores, atribuídos no âmbito de um projecto de ajudas ao desporto de alta competição.

A atleta da ilha Terceira (cujo treinador vai também auferir apoios especiais) é a 1.ª a ser beneficiada pelas ajudas recentemente aprovadas pelo Governo açoriano. Ruth Meireles está a preparar-se para os Jogos Olímpicos de Barcelona (1992) para os quais foi pré-seleccionada pela Federação.

Xadrez: canadiano triunfa na Covilhã

O grande-mestre canadiano Kevin Spraggett (do Grupo Xadrez da Guarda) venceu o 2.º Torneio Aberto «Santana Santos», realizado na Pousada da Juventude das Penhas da Saúde. Prova disputada por «sistema suíço» (de emparelhamento em partidas de 15 minutos por jogo) foi organizado pelo Clube Desportivo da Covilhã em colaboração com o Inatel e reuniu 120 participantes em representação de 22 equipas.

Kevin Spraggett, que venceu todas as partidas, totalizou dez pontos, à frente de Carlos Pereira dos Santos (Estrelas da Avenida), José Leal Costa (C. Nimzovich) e José Pinheiro (Ateneu Comercial de Lisboa) todos com oito pontos. Foram atribuídos prémios especiais a João Camarão (G.D. de Almada) em infantis; Pedro Silva (Estrelas da Avenida) em juvenis; Carlos Pereira dos Santos (Estrelas da Avenida) e Sérgio Rocha (Barreirense) em juniores e José Gomes (Vitória de Setúbal) em veteranos. Em femininos foram atribuídos galardões a Aida Ferreira (G.X. da Guarda) e Lurdes Salvado (C.D. da Covilhã).

Halterofilia: Norte venceu a Galiza

A selecção do Norte venceu a da Galiza num torneio internacional de halterofilia que decorreu em Orense (Espanha). A turma portuguesa somou 33,991 pontos e a da Galiza totalizou 31 371 pontos. Pedro Carvalho foi eleito o melhor atleta do torneio.

Hóquei em patins: Porto em Espanha

A equipa de hóquei em patins do F.C. do Porto vai participar, de hoje a 7 do corrente, na 1.ª edição do Torneio Internacional Blanes, que se disputa nos arredores de Barcelona (Espanha). Para além dos actuais campeões europeus participam ainda as equipas espanholas do Réus Lieberr, Nóa e Control Blanes.

O F.C. do Porto defronta hoje a formação do Réus, para se reencontrarem os finalistas vencidos na final da Taça dos Campeões Europeus (os espanhóis do Nóa).

Andebol

Já temos parceiros europeus

O Benfica defronta o Nimes (França) e o FC Porto joga com o Atlético de Madrid, na 2.ª eliminatória das competições europeias de andebol masculino, ditou o sorteio efectuado em Basileia (Suíça). O Nimes e o Atlético de Madrid tinham ficado isentos na eliminatória de abertura das respectivas competições:

respectivamente «Taça dos Campeões Europeus» e «Taça da Federação Internacional».

As duas equipas nacionais jogam inicialmente em Portugal. O 1.º jogo deverá disputar-se entre 29 de Outubro e 4 de Novembro e a 2.ª «mão» entre 5 e 11 de Novembro.

AGENDA

I Série N.º 229
Dia 3 de Outubro

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministérios das Finanças e das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 935/90:

Transfere para o quadro do pessoal não docente da Escola Náutica Infante D. Henrique (ENIDH) o pessoal da Divisão de Acção Social da Direcção-Geral do Pessoal do Mar e Estudos Náuticos.

Ministérios das Finanças e do Emprego e da Segurança Social

Despacho Normativo n.º 116/90:

Cria um lugar de assessor principal no quadro de pessoal do Centro Regional de Segurança Social de Faro.

Despacho Normativo n.º 117/90:

Cria no quadro de pessoal do Departamento de Relações Internacionais e Convenções da Segurança Social um lugar de assessor principal, a extinguir quando vagar.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Declaração:

De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 299 993 contos.

Avisos:

Torna público ter o Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reino dos Países Baixos notificado que a Suécia declarou aceitar a adesão dos Estados Unidos Mexicanos à Convenção sobre a Obtenção de Provas no Estrangeiro em Matéria Civil ou Comercial, celebrada em Haia.

Torna público ter o Ministério dos Negócios Estrangeiros do Reino dos Países Baixos notificado que o Governo da Áustria, por declaração de 18 de Junho de 1990, retirou a reserva prevista no terceiro parágrafo do artigo 13.º da Convenção Relativa à Competência das Autoridades e à Lei Aplicável em Matéria de Protecção de Menores.

Ministério do Comércio e Turismo

Declaração:

De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério no montante de 92 046 contos.

I Série N.º 224
Dia 27 de Setembro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

Presidência da República

Decreto do Presidente da República n.º 56/90:

Exonera, a seu pedido, do cargo de Governador de Macau o engenheiro Carlos Montez Melancia e designa para desempenhar as funções de encarregado do Governo de Macau o Secretário-Adjunto Dr. Francisco Luís Murteira Nabo.

PESSOAS & FACTOS

Um detector electrónico

A Black & Decker acaba de lançar no mercado o Doortell, detector electrónico por ultra-sons para iluminação automática. Este aparelho serve de protecção contra os ladrões, agindo como meio de dissuasão.

Doortell actua como alarme luminoso, provocando o sobresalto no intruso e sugerindo quer a existência de outros meios de protecção, quer, inclusive, a presença de pessoas em casa. O sistema pode ainda ser ligado a um dispositivo sonoro.

O raio de acção do Doortell atinge os três metros, deixando de ser problema, tanto para os moradores como para as visitas, encontrar a fechadura ou a campainha.

O aparelho pode ser instalado à porta de casa, à frente da garagem, do abrigo do jardim, do portão, ou mesmo da montra de um estabelecimento.

De colocação fácil, dispõe de um cabo normalizado de 2 metros e de um suporte de parede orientável. Acciona automaticamente a luz de entrada, assim que alguém surge no seu raio de acção. Logo que essa pessoa se afastar, o detector desliga a fonte luminosa, decorridos 30 segundos.

Uma solução eficaz para terminar, de vez, com as lâmpadas que ficam acesas toda a noite.



H O J E CONTINENTE

Regiões do Norte: Céu muito nublado com boas abertas a partir da tarde. Vento de Oeste fraco a moderado rodando para Noroeste. Períodos de chuva fraca pela madrugada e manhã. Pequena descida da temperatura máxima. Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 metros.

Regiões do Centro: Céu geralmente muito nublado. Vento em geral fraco tornando-se moderado de Noroeste no litoral. Períodos de chuva fraca durante a tarde, em especial na Beira Litoral. Neblinas e nevoeiros matinais. Pequena descida da temperatura máxima. Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 metros.

Regiões do Sul: Céu pouco nublado apresentando períodos de muito nublado durante a tarde. Vento fraco. Neblinas matinais. Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã
Céu pouco nublado. Vento de Leste fraco soprando moderado de Noroeste no litoral Oeste durante a tarde.

MADEIRA

Céu geralmente muito nublado. Vento de Nordeste em geral fraco. Possibilidade de aguaceiros. Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal: Céu com períodos de muito nublado e vento fraco.

Amanhã
Céu com períodos de muito nublado. Vento Nordeste fraco a moderado.

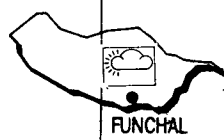
AÇORES

Grupo Ocidental: Céu com períodos de muito nublado. Vento de Leste moderado. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 2 metros.

Grupo Central: Céu com períodos de muito nublado. Vento de Nordeste moderado por vezes com rajadas. Mar cavado com ondulação noroeste de 2 metros.

Grupo Oriental: Céu com períodos de muito nublado. Vento de Nordeste moderado a forte. Aguaceiros fracos pela madrugada. Pequena descida da temperatura. Mar cavado a grosso com ondulação noroeste de 2 metros.

MADEIRA



FUNCHAL

GRUPO OCIDENTAL

AÇORES

GRUPO CENTRAL

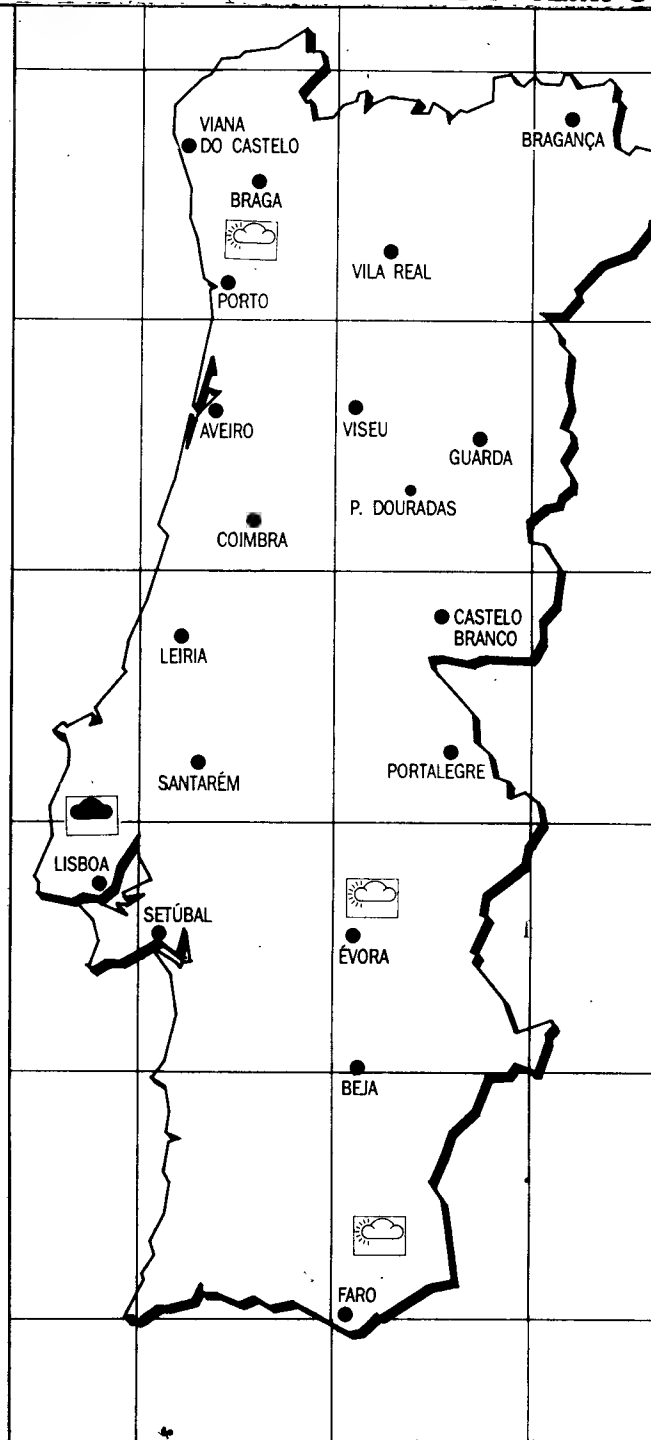
HORTA

ANGRA DO HEROISMO

GRUPO ORIENTAL

PONTA DELGADA

O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Mín.	Máx.	As 6 h.
Bragança.....	12	12	M. nub.
V. Castelo.....	17	18	Encoberto
Vila Real.....	10	11	M. nub.
Porto.....	16	17	Encoberto
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	15	16	M. nub.
C. Carvoeiro.....	18	19	Encoberto
C. Branco.....	13	14	P. nub.
Portalegre.....	13	13	Nevoeiro
Lisboa.....	17	17	M. nub.
Évora.....	14	14	Neblina
Beja.....	13	15	Neblina
Sines.....	16	17	M. nub.
Faro.....	15	16	M. nub.
Sagres.....	15	15	M. nub.
P. Delgada.....	14	14	P. nub.
Horta.....	16	16	P. nub.
Funchal.....	19	19	Limp.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 23; Porto, 20; Faro, 24; P. Delgada, 21; Funchal, 25.

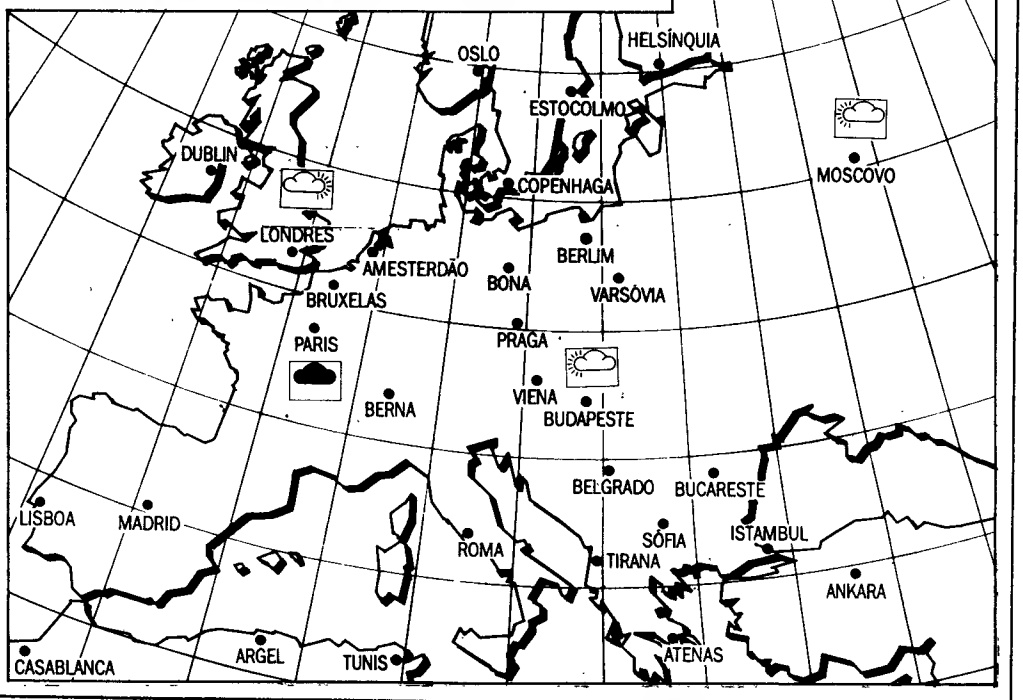
EUROPA

	Mín.	Máx.	As 6 h.
Madrid.....	13	13	M. nub.
Londres.....	15	16	M. nub.
Paris.....	11	12	Neblina
Berlim.....	7	12	P. nub.
Amsterdão.....	11	12	Neblina
Genebra.....	10	10	Nevoeiro
Roma.....	17	17	Neblina
Oslo.....	10	12	Chuva
Copenhaga.....	11	11	Neblina
Estocolmo.....	9	9	Chuva
Berlim.....	8	8	Neblina
Viena.....	6	7	Nevoeiro
Varsóvia.....	2	4	Neblina
Atenas.....	17	22	P. nub.
Moscovo.....	1	3	Encoberto

MUNDO

	Mín.	Máx.	As 13 h.
Buenos Aires.....	18	29	Limp.
Caracas.....	20	30	Nublado
Hong Kong.....	26	28	Limp.
Joanesburgo.....	12	28	Limp.
Los Angeles.....	19	28	Limp.
Montreal.....	7	12	Nublado
Nova Deli.....	23	33	Limp.
Nova Iorque.....	11	21	Limp.
Rio de Janeiro.....	21	30	Nublado
São Francisco.....	13	18	Limp.
São Paulo.....	17	21	Nublado
Tóquio.....	21	24	Nublado

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Alfama: Costa, Rua Escolas Gerais, 88-A, Tel. 863940; Alto Santo Amaro: Tapada, Calçada da Tapada, 83-A, Tel. 3634721; Alvalade: Sanex, Av. da Igreja, 31-C, Tel. 897505; Arco Cego: Providência, Rua D. Filipa Vilhena, 9-C, Tel. 770324; Benfica - Portas Benfica: Benfica, Estrada Benfica, 678-E, Tel. 702532; Campo de Ourique: Almeida, Rua Silva Carvalho, 136, Tel. 681726; Fundação Calouste Gulbenkian: Berne, Av. de Berna, 44-A, Tel. 773568; Lumiar - Quinta das Mouras: Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B, Tel. 7594174; Madre de Deus: Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B, Tel. 382470; Marquês Pombal: Branco, Av. Duque Loulé, 61-65, Tel. 545048; Penha Franca: Carrondo, Rua Padre Sena Freitas, 10-A, Tel. 8142518; Picheleira: Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; Príncipe Real - São Bento: Confiança, Praça das Flores, 59-60, Tel. 821653; Carnaxide: H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; Odivelas: Catela Tavares, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A, Tel. 9815446; Pontinha: Leitão Ribeiro, Rua A do Falcão, 3-A; Portela: Paula de Campos, Centro Comercial Urb. da Portela, Tel. 9431423.

REFORÇO

Alameda D. Afonso Henriques: Esperança, Rua Carlos Mardel, 101-B, Tel. 882968; Alcântara: Bairrão, Rua Prior

do Crato, 27, Tel. 661321; Anjos (ao Cinema Roxy): Guerra, Rua Andrade, 32-36, Tel. 8145513; Av. Roma (Bairro São Miguel): São Miguel, Praça Francisco Moraes, 1, Tel. 771469; Baixa: Morão, Rua Assunção, 17-19, Tel. 878269; Belém - Altinho: Gomes Suc., Ruada Junqueira, 326-328, Tel. 3638193; Chelas - Zona 2: Almeida Vaz, Rua Pardo Monteiro, Lote 248 - Loja 92, Tel. 8595673; Encarnação: Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; Estados Unidos: Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A, Tel. 890465; Lapa: Central da Lapa, Rua dos Navegantes, 10, Tel. 3961734; Luz - 2.ª Circular: J. Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A, Tel. 7260969; São Sebastião: Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71, Tel. 547213; Brandoa-Amadora: Brito, Rua 25 de Abril, Lote 32-B, Tel. 995338; Buraca - Amadora: Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; Olival Basto: Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Miraflores, R. Dr. Ant.º Granjo, 2-B, Tel. 4101161. Permanente; Linda-a-Velha: Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; Tires: Guimarães, L. Duarte, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; Alcáideche: Carvalho, B.º

Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; Porto Salvo: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; Carcavelos: Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; S. Dom. Rana: Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; Malveira da Serra: Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; Oeiras: Mourão Vaz, Moçambique, 18-C, Tel. 4437196. Permanente; Nova Oeiras: Leal, Quinta da Palmeira, Lote 24, Tel. 2478737; Parede: Grincho, Av. República, 87-A, Tel. 2471204. Permanente; S. Pedro do Estoril: S. Pedro, R. 9 de Abril, Tel. 2683052. Até às 22 h; Sassoeiros: Amaral, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; Birre: Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; Madorna: Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; Amoreira: Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; Monte Estoril: Suíça, Cruzeiro, Tel. 260087. Até às 22 h; Cascais: R. Conde Monte Real - B.º Caixas, Tel. 282407. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Nova, R. Elias Garcia, 10, Tel. 972320. Permanente; Cavaca, R. Elias Garcia, 209, Tel. 4930019. Até às 22 h; Damaia: Confiança, R. Bartolomeu Dias, Lote D, Tel. 971023. Permanente;

Queluz: Vasconcelos, Est. Part. Henz. Pousão, Tel. 4372649. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; Cacém: Araújo e Sá, Est. Paço Arcos, Lote 1-B, Tel. 9240781. Permanente; Mem Martins: Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 9214103. Até às 22 h; Mercês: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; Rincão: Cargaleiro Lourenço, Calç. Rincão, 38, Tel. 9262019. Até às 22 h; Sintra: Teresa Garcia, L. D. Afonso, 3-A, Pendoa, Tel. 9232747. Permanente; Colares: Abreja, Tel. 9290088; Loures: Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B, Tel. 2750242. Permanente; Cova da Piedade: Louro, R. Alex. Herculanio, 6-B, Tel. 2763517. Permanente; Monte de Caparica: Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; Costa de Caparica: Chai, Av. Gen. Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; Laranjeiro: Oliveira Sérgio, R. Alamos, 2-A, Tel. 2296464. Até às 22 h; Sesimbra: Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; Lavradi: J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2042136. Até às 19 h; Barreiro: Normal, Av. Alfredo Silva, 116, Tel. 2073035. Permanente; Baixa da Banheira: Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 2040141. Até às 19 h; Corroios: Abreu Cardoso, B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; Cruz Pau: Fonseca, R. Ribatejo, 2-A, Tel. 2211131. Permanente; Seixal: Godinho, L. Igreja, 51, Tel. 2213580. Até às 22 h.

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa CAMPINA

Um só sindicato: desejo de 25 mil empregados dos CTT

O RALLYE TAP DE NOVO EM LISBOA

CAMPINEN (FINLANDÊS) COMANDA A PROVA

O MELHOR PORTUGUÊS É COLAÇO MARQUES

Revolta de presos em Nova Iorque

Um só sindicato: desejo de 25 mil nos CTT

Um sindicato único «de empresa», de âmbito nacional e que englobe todos os servidores dos antigos CTT, em consequência dos seus funcionários terem deixado de ser considerados funcionários públicos, é uma aspiração do pessoal das Correios e Telecomunicações de Portugal. A transformação dos CTT em empresa pública veio colocar 25 mil funcionários em situação nova. Para defesa dos seus legítimos direitos e interesses surgiu a ideia da formação de um sindicato próprio, de acordo com um comunicado emitido por uma comissão pró-sindicato.

Rallye TAP: finlandês comanda a prova

O entusiasmo e o interesse competitivos marcam este IV Rallye Internacional TAP, praticamente desde o seu início. Mas só ontem, ao princípio da noite, começaria verdadeiramente o rallye. (...) De momento, Campinen, finlandês, comanda a prova, sendo Colaço Marques o português melhor colocado.

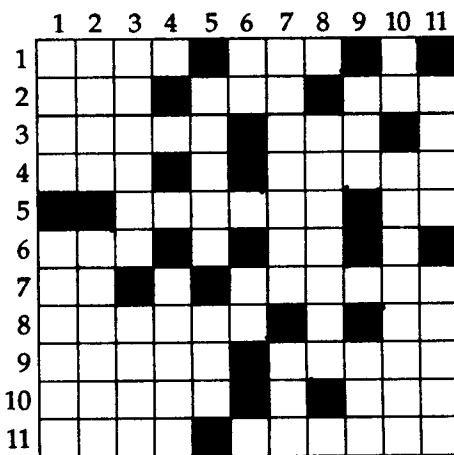
Revolta de presos em Nova Iorque

Cerca de 150 presos da cadeia municipal do centro de Nova Iorque revoltaram-se ontem e apoderaram-se, como reféns, de 11 guardas. Os presos reclamam melhores condições de vida, melhor alimentação e regulamentos mais suaves. As autoridades aceitaram discutir, por recearem que alguma coisa aconteça aos reféns.

EFEMÉRIDES

- 1910**
 - O neurocirurgião português Miguel Bombarda é assassinado por um louco no Hospital de Rilhafoles.
- 1932**
 - O Iraque adere à Liga das Nações, na sequência do termo do mandato britânico.
- 1941**
 - O líder nazi alemão Adolfo Hitler anuncia, no decurso da Segunda Guerra Mundial, que a URSS foi derrotada e que nunca mais se levantará.
- 1962**
 - Os EUA encerram os seus portos a todos os navios que transportem mercadorias para Cuba.
- 1981**
 - Os membros do Exército Republicano Irlandês (IRA), detidos na prisão de Maze na Irlanda do Norte, pelas autoridades britânicas, po-em termo a greve de fome que custou dez vidas, num espaço de sete meses.
- 1985**
 - É constituída a Confederação Nacional das Cooperativas Agrícolas de Portugal (CONFRAPI), representando cerca de 400 cooperativas, 12 uniões regionais e três federações.
- 1989**
 - Nova onda de refugiados deixa a Alemanha de Leste em direcção a Praga, onde se encontram, já, milhares de compatriotas.
 - O Presidente da República, Mário Soares, afirma, no Tribunal de Justiça de Haia, que a questão de Timor-Leste «constitui hoje uma responsabilidade internacional».

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 18016

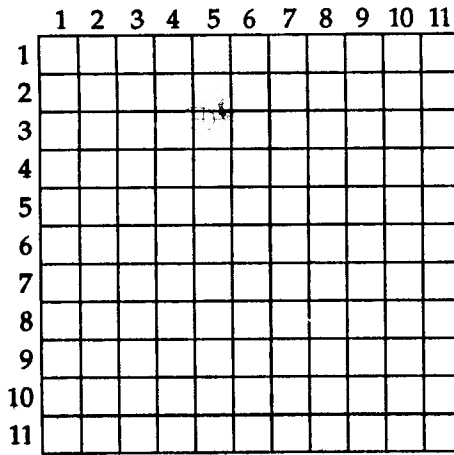
HORIZONTAIS:

- Aquele que. Executa. Artigo definido.
- Liguel. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Desgraça.
- Cidade da Suíça. Vai para fora.
- Liga. Calcular.
- Mulheres baixas e gordas (pop.). Bário (s.q.).
- Dá aviso de alguma coisa em voz alta. Concede.
- Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Sensual.
- Corsário. Niquel (s.q.).
- Comprara garrotes de um ano para exportar daí a dois anos para revalidação. Aliada.
- Boria de barrete. Conceder.
- Aves pernaltas. Arrancara.

VERTICAIS:

- Pronome relativo. Aguarde.
- Cidade do estado de Minas Gerais. Tombaram.
- Recinto fechado junto aos currais para recreio de gado. Ramada.
- Rostos.
- Diferente. Pronome demonstrativo.
- Letra grega. Centiare.
- Esmerada. Fruto da azeit.
- Tostaram.
- Pronome pessoal. Passada.
- Proposição e artigo (inv.). Incluiu.
- Moeda italiana. Ligara.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 18026

HORIZONTAIS:

- Freguesia do concelho de Pinhel.
- Escarneçam. Antes de Cristo. Um cento.
- Difundiram.
- Gênero de aves trepadoras, originárias da Oceania. Doméstica.
- Alna, medida de quatro palmos (ant.). Magnete natural (inv.).
- Mesa em que se celebra a missa, no culto católico. Tocar de leve.
- Vaguel. Misto anestésico de álcool, clorofórmio e éter.
- Basta! Duas vogais desiguais. Feminino de aldeão.
- Espora resposta. Vais para fora. Apelido.
- Senhora. Pronome pessoal.
- Enfureceria.

VERTICAIS:

- Cintilantes.
- Metal precioso de cor amarela. Rã (ant.).
- Arrocho. Arsénio (s.q.).
- Serenar (fig.).
- Rédes.
- Cidade da Holanda. Unidade monetária do Japão.
- Cairias à cama.
- Ramalhete. Gálio (s.q.).
- Freguesia do concelho de Vieira do Minho.
- Cidade da Alemanha. Aguçal.
- Prefixo de negação. Aparelhal.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18 015

HORIZONTAIS: 1 - QUEM. DÁ. COM. 2 - Urnas. Serra. 3 - Era. Emir. 4 - Ia. Rls. 5 - Ri. Apagados. 6 - Aslado. Ilo. 7 - Bari. Soda. 8 - Dá. Se. Tar. 9 - Eco. Carnide. 10 - Rue. Recos. 11 - São. Remes. VERTICAIS: 1 - Queirã. DEUS. 2 - Urrais. Ac. 3 - Enal. Bi. Ora. 4 - Ma. Salas. Ou. 5 - SE. PARECE. 6 - Moádi. 7 - Asi. Go. Arre! 8 - Erra. Nem. 9 - Cr. Idiotice. 10 - Or. Soklados. 11 - Mão. Soares.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 825

HORIZONTAIS: 1 - Quetim. Rel. 2 - Um. Açoraram. 3 - Lascar. Se. 4 - Pa. Oragos. 5 - NS. Dosava. 6 - Lxa. Ireneu. 7 - Haca. Adia. 8 - Amar. Surrar. 9 - Raros. Raab. 10 - Eta. Ivã. Sim. 11 - Sargo. Sô. Um. VERTICAIS: 1 - GULPILHARES. 2 - Umas. Xamata. 3 - Nacarar. 4 - Tacós. Aro. 5 - Icar. Sio. 6 - Moradilas. 7 - Gorduras. 8 - Raposeira. 9 - Er. Sanaras. 10 - Lás. Vã. Abiu. 11 - Ame. Auer. Mm.

PROVÉRBIO: QUEM DÁ, COM DEUS SE PARECE.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
- T. 806496
DIAS DE TEMPESTE
Filme de Tony Scott
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

48 HORAS - PARTE II
Filme de Walter Hill
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

DICK TRACY
Filme de Warren Beatty
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

OLHA QUEM FALA
Filme de Almy Heckerling
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
Filme de Robert Zemeckis
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
- T. 806496
MO' BETTER BLUES - QUANTO MAIS
MELHOR
Filme de Spike Lee
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
DIAS DE TEMPESTE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 16.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 13.30, 16.30,
17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

MO' BETTER BLUES - QUANTO MAIS
MELHOR
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5

CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6

DICK TRACY
M/12 anos - Às 13.45, 16.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7

NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
Filme de Joe Dante
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10

ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Valman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10
- T. 776098
DIAS DE TEMPESTE
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 16 - T. 324194
FOGO MALDITO
Filme de Futos Heibano
M/18 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

Av. Pólo da Vitória, 11 - T. 533283
CLUBE DOS POETAS MODERNOS

M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
A GUERRA DOS ABISMOS
M/18 anos - Às 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
REGRESSO AO FUTURO III
Filme de Michael J. Fox
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
O MELHOR DE ANDERLYNN
Hard-core - 1.ª escalação (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA
PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CICLO FEDERICO FELLINI
A CIDADE DAS MULHERES
Às 18.30
O NAVIO
Às 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 36 - T. 3526133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1

Est. de Benfica 503 - T. 7145088
JACKNIFE
Filme de David Jones
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

DIAS DE TEMPESTE
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.15 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037
AUDITÓRIO 1

SWEETIE
Filme de Jane Campion
M/16 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
DIAS DE TEMPESTE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.30 e 21.30

KING TRIPLEX 2

GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.30

KING TRIPLEX 3

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

JACKNIFE
Filme de David Jones
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45



«Sweetie», de Jane Campion

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
JACKNIFE
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Faria - T. 538743
DIAS DE TEMPESTE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

48 HORAS - PARTE II
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
COOKIE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
O REGRESSO DO EXTERMINADOR
De Vincent Dawn
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
SEXO DIABÓLICO
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
DICK TRACY
M/12 anos - Às 13.45, 16.15,
18.45 e 21.15 e 23.45

PLAZA 2

CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º António - T. 326305
DIAS DE TEMPESTE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
JACKNIFE
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2

ATA-ME
Filme de Pedro Almodover
M/16 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3

DICK TRACY
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

ENCRUZILHADA DE ILUSÕES
Filme de Alan J. Pakula
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144

DIAS DE TEMPESTE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2

CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

SÃO JORGE 3

MO' BETTER BLUES - QUANTO MAIS
MELHOR
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
GENTE GIRA É OUTRA COISA
M/6 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
DIAS DE TEMPESTE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TEATRO S. LUIZ

Rua António Maria Cardoso - T. 327172
«A FESTA DO CINEMA»
LIGAÇÕES PERIGOSAS
Filme de Stephen Frears
M/12 - Às 18.00

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
GOLPE DE VINGANÇA
M/16 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30
Amanhã às 23.45
O VINGADOR DA ESTRADA

TURIM

Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
CINEMA PARAÍSO
Filme de Giuseppe Tornatore
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA
ALMADENSE

Telef. 2752127
NINJA AMERICANO 3
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA

DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado
- T. 2905011

Sala 1
O TRIUNFO DO ESPÍRITO
De Robert M. Young
M/16 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
O ANJO DAS SOMBRAS
De William Friedkin
M/16 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telef. 2905350
UM GOLPE DE LOUCOS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE

48 HORAS - PARTE III
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS

MIRAMAR

Sala 1
Telef. 2841769
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

SALA 2

DIAS DE TEMPESTE
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2865027
DIAS DE TEMPESTE
M/12 - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS

Telef. 2479144
Sala 1
DIAS DE TEMPESTE
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

SALA 2

PARA IRIS COM AMOR
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759
Sala 1

CADILLAC DO AMOR
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

SALA 2

ADEUS AO REI
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia
- T. 4934871
DIAS DE TEMPESTE
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telef. 9147570
MOMENTO DE JUSTIÇA
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
Sala 1
DICK TRACY
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

SALA 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

SALA 3

GREMLINS II
- A NOVA GERAÇÃO
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

LISBOA

TEATROS

CAPITÓLIO

Parque Mayer - T. 3466783
Às 21.30
AI CAVAQUINHO

CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco Borja, 25 - T. 607299
Sáb. às 15.30 e 17.00
Dom. às 15.30
A MENINA DO MAR
De Sophia de Mello Breyner

CHAPITÔ

R. Costa do Castelo, 7 - T. 861410
De 3ª a Dom. às 21.30
O PAPÁ NÃO ESTAVA LÁ
De Fernando Gomes

COMUNA

Praça de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
SALA 1
UM ELÉCTRICO CHAMADO DESEJO
De Tennessee Williams
Em cena até dia 8

SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
Em cena até dia 8
De Richard Dancary

Café Teatro
Sexta e Sáb. às 24.00
PISCATÓRIA
De António Carvalho

GRUPO DRAMÁTICO

RAMIRO JOSÉ

Trav. Henriques Cardoso, 107 - T. 773856
Aos Domingos às 21.00
MATCHES DE IMPROVISACÃO E
ASSALTO DE MÁSCARAS
Pelo Mela Preta

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA VITÓRIA
De Henrique Santiana, Francisco
Nicholson,
Augusto Fraga, Nuno Nazareth
Fernandes
e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE

R. da Glória - T. 325140
De 3ª a Sáb. às 21.

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

- 16.15 - PONTO POR PONTO
16.45 - O CORPO HUMANO
O episódio de hoje aborda o tema da gestação e nascimento de uma criança.
17.15 - BRINCA BRINCANDO
Os Segredos de Mimix: Super Rato; Minet e o Cachorro e Caderno Diário.
18.15 - RUA SÊSAMO
18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
18.45 - RODA DA SORTE
(13ª Sessão)
19.15 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.15 - RODA DE FOGO
73º Episódio
21.10 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE
21.20 - VAMOS JOGAR NO TOTOBOLA
21.35 - LOTAÇÃO ESGOTADA
«O Último Imperador» (The Last Emperor) China (1987): é uma deslumbrante produção que ao longo de mais de duas horas e meia recria os passos mais significativos da vida daquele que foi o último imperador da China. Realizado por Bernardo Bertolucci «O Último Imperador» é uma faustosa e admirável reconstituição da época onde se reuniram actores e técnicos de mais de seis países durante seis meses de rodagem na China.
01.10 - 24 HORAS
01.40 - O TEMPO



«O Último Imperador»,
em Lotação Esgotada,
no 1º canal às 21.35



«Ruas de S. Francisco», no
2º canal às 19.50

01.45 - REMATE

RTP-2

- 14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.55 - MADEIRA - CÁ ENTRE NÓS
16.50 - BRINCA BRINCANDO
Com «Crystal Tipps e Allistair» e «Nils Holgerson»
17.30 - ETERNO FEMININO
13º Episódio
18.30 - AS TRÊS DAMAS DO

QUIOSQUE

- 7º Programa
18.55 - TI-TI-TI
33º Episódio
19.25 - CIRCO
19.40 - VIA RÁPIDA
19.50 - CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco»
20.50 - DICK TRACY
13º Episódio
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - NOITE DAS CEM ESTRELAS
Pelo terceiro ano, o The Actors's Fund Retirement Home organizou uma grande gala de angariação de fundos de apoio aos artistas já reformados, que contou com a participação de, entre muitos outros, Danny Aiello, Muhammad Ali, Raymond Burr, Michael Caine, Joe DiMaggio, Douglas Fairbanks Jr., Jane Fonda, Aretha Franklin, Richard Gere, Katherine Hepburn, Patti LaBelle, Greg Louganis, Sidney Lumet, Olivia Newton-John, Brooke Shields, Sylvester Stallone, James Stewart, Jessica Tandy, Liv Ullman, Raquel Welch e a jornalista Barbara Walters que inspirou os criadores da série «Murphy Brown».

23.00 - XINGO
2º Episódio

PARABÓLICAS ALBA

- Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm.
- LNB com polarizador incorporado.
- Receptor estereofónico com 16 canais memorizáveis.
- Telecomando infravermelhos com todas as funções.
- Poder de captação:
 - Actual: 8 canais
 - A partir do final do ano: 24.

Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado

AUDIMAX T. 4106275 Algés

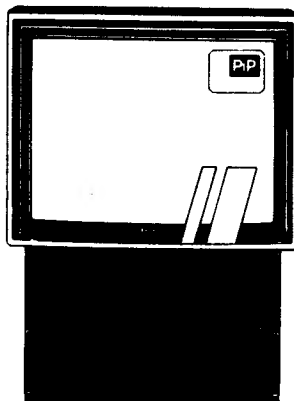
AMANHÃ

RTP-1

- 09.01 - BOM DIA
10.00 - RUA SÊSAMO
10.30 - PONTO DE ENCONTRO
11.45 - CULINÁRIA
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.25 - BOLSA DIA A DIA
13.27 - O TEMPO
13.30 - SEM LEGENDAS
14.20 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
14.25 - PRIMEIRA MATINÉE
«Romance no Expresso Oriente»
16.00 - PONTO POR PONTO
16.50 - CIDADES COM METRO
17.20 - BRINCA BRINCANDO
18.15 - RUA SÊSAMO
18.40 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL
18.45 - RODA DA SORTE
19.20 - BOLETIM AGRÁRIO
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.15 - RODA DE FOGO
21.10 - DESENHOS ANIMADOS
21.20 - EURONICO
22.20 - CELLINI, UMA VIDA VIOLENTA
23.50 - 24 HORAS
00.20 - O TEMPO
00.30 - REMATE
00.40 - ÚLTIMA SESSÃO - TRACK 29
«Armadilha Sentimental»

RTP-2

- 12.02 - A FORÇA ASTRAL
12.25 - FILHOS E FILHAS
12.50 - A IDADE DA RAZÃO
13.05 - JERRY LEWIS
14.00 - PRIMEIRO JORNAL
14.30 - AGORA, ESCOLHA!
15.50 - AVENTURA
16.20 - LICEU DEGRASSI
16.45 - BRINCA BRINCANDO
17.30 - O ETERNO FEMININO
18.30 - O MENINO DOUTOR
18.55 - TI-TI-TI
19.25 - CIRCO
19.35 - VIA RÁPIDA
19.45 - REGIÕES MAGAZINE
20.45 - DICK TRACY
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DRAMAZINE
23.00 - CINECLUBE
«Irmãos Gémeos»
00.05 - O TEMPO

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

MUDANÇAS

TRANSPORTES DE PIANOS — COFRES
SERVICOS DIARIOS DE CARGA GERAL
LISBOA — SINES
PESSOAL ESPECIALIZADOA TRANSPORTADORA
IDEAL DE ST.ª ISABEL

LARGO DO MITELO. 18 (ao Campo Santana)

☎ 53 26 37 - 57 74 79

FAX: 352 51 61



É a esquerda portuguesa que se revela hostil
a mudanças estruturais do Estado

Alberto João Jardim em «O Diabo», 2Out.90

A PERGUNTA DO DIA



Marcelo Rebelo de Sousa
Professor universitário
e vereador da Câmara
Municipal de Lisboa

Qual a importância e quais as consequências mais relevantes da reunificação alemã?

É de facto um marco histórico nesta fase final do século 20. A Alemanha Federal já era um potentado económico à escala europeia e internacional. No fundo, a potência liderante das Comunidades Económicas Europeias. Com a reunificação com a RDA o seu domínio económico, social e, eventualmente, político aumentará à escala internacional. Quanto às consequências, eu penso que vai haver rapidamente uma igualação do nível de vida entre as duas antigas alemãs e um crescendo de peso da Alemanha no panorama da CEE e, mesmo, em organizações internacionais como as Nações Unidas. Penso também que, se isso coincidir com uma crise apreciável da União Soviética que, a meu ver, deixou de ser uma superpotência, a Alemanha pode ter condições para ser a maior potência europeia, impedindo que os EUA fiquem na posição em que se encontram hoje, de única superpotência. Restam duas incógnitas: primeira, como é que a Alemanha se vai relacionar com o Japão, que pretende ser, ele próprio, uma superpotência; segunda, se a evolução democrática da Alemanha vai ser capaz de digerir o nacionalismo que tem precedentes em determinados momentos históricos e que seria perigoso se se traduzisse numa forma agressiva, contrária aos direitos fundamentais e aos princípios da Carta das Nações Unidas.

MEDIA

Há meia dúzia de anos, alcançar um lugar de estagiário era, só por si, uma vitória. Hoje, o jornalismo português rejuvenesceu, recebendo no seu seio um elevado número de jovens. É a hora de reflectir sobre o acesso à profissão, um debate que o Sindicato dos Jornalistas lança já este fim-de-semana

Que portas se abrem aos novos jornalistas?

No princípio da década de 80, foram os cursos de Comunicação Social. Mais tarde, um esboço de ensino técnico de jornalismo que, aperfeiçoado no terreno da experiência, conquistou o seu estatuto. Quando as primeiras «fornadas» de universitários desembarcaram na profissão, o mercado não estava de portas escancaradas. Hesitante entre a opção liberalizadora e a tutela pública, o jornalismo português tardava a dar o grande salto em frente. Tardava e, porventura, tarda.

Há sete ou oito anos, alcançar um lugar de estagiário numa redacção era uma invejável vitória. Era o tempo em que um jornalista se mantinha ligado ao mesmo órgão anos a fio, décadas até. Quase todos os profissionais se conheciam e as redacções mantinham os seus quadros fechados, com uma ou outra excepção.

De um momento para o outro, a Comunicação Social deu sinais de mutação. O «boom», que hoje toda a gente considera não sustentado, tornou possível a entrada de sangue novo. Alguns exemplos: o lançamento do «Independente», da revista «Sábado» e, mais recentemente, do «Público»; as «falsas partidas» de umas quantas publicações de curta duração; o recurso sistemático de alguns semanários e da RTP a «manadas» de colaboradores, sequiosos de «fazer alguma coisa», ainda que sem qualquer vínculo laboral.

Nova estrutura etária

Em poucos anos, as redacções rejuvenesceram, alterando a estrutura etária da profissão. É certo que muitos destes jovens jornalistas se mantêm na condição de colaboradores. Porém, mesmo entre os detentores de carteira profissional, a mudança operada, por ora impossível de avaliar em toda a sua dimensão, é inegável. Os resultados do Inquérito Nacional à classe lançado há alguns meses pelo Sindicato dos Jornalistas permitirão, em breve, uma análise mais aproximada da realidade.

Este novo panorama exige, quanto antes, uma resposta. Impõe-se reflectir sobre as condições de acesso à profissão e, bem assim, sobre a formação que está a ser ministrada aos candidatos a jornalistas. É esse o objectivo primordial das «Jornadas de Acesso» que o SJ vai promover no próximo fim-de-semana, no Forum Picoas, em Lisboa.

Parecendo simples, o problema encerra uma

enorme complexidade. Não se trata de seguir o caminho mais fácil, que provavelmente consistiria em tornar mais exigente o nível de ensino para aceder à profissão, que hoje se situa no 11º ano. Há que ponderar os modelos a adoptar não apenas na formação pré-profissional como na fase posterior. É necessário analisar em profundidade em que condições se opera o estágio nas empresas, de que forma se estabelece a progressão na carreira, que papel nela desempenha o aperfeiçoamento, de que instituições dispõe o nosso País para corresponder aos novos desafios que neste campo se colocam.

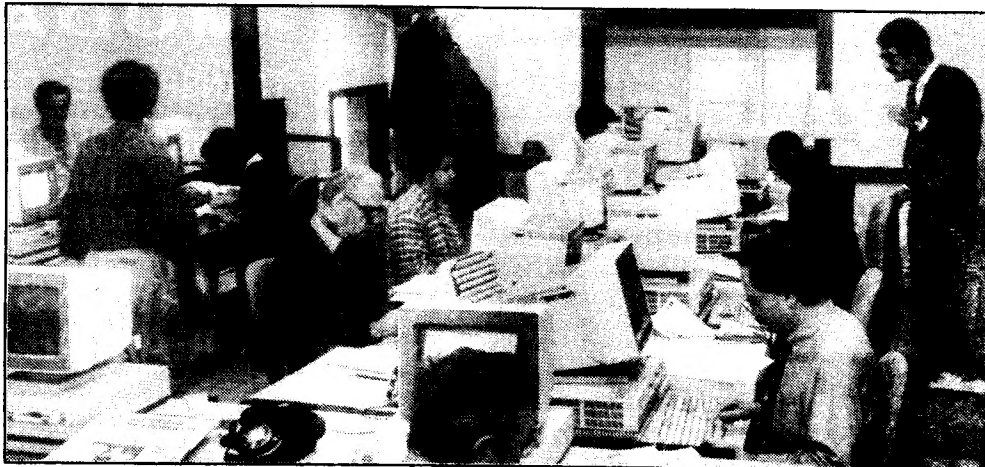
Uma primeira abordagem

São demasiadas as questões em aberto para que o debate se esgote num fim-de-semana de discussão. Para o Sindicato de Jornalistas, trata-se, tão só, da primeira abordagem da temática, uma troca de ideias que sente à mesma mesa especialistas de Comunicação Social e profissionais, afinal os principais interessados no aperfeiçoamento do sistema, componente essencial da dignificação do jornalismo em Portugal.

As «Jornadas de Acesso», em cuja sessão de abertura participa o secretário de Estado da Comunicação Social, Albino Soares, dividem-se em quatro painéis. No primeiro, «O Impacte da Nova Geração nas Redacções», o objectivo é confrontar experiências diversificadas de jovens jornalistas, em função do media e da região. Os comentadores das comunicações serão jornalistas de gerações mais velhas. O segundo painel, dedicado ao «Ensino de Jornalismo», permitirá o debate entre representantes de escolas de Comunicação Social e de jornalismo. Os comentadores são ex-alunos dos estabelecimentos de ensino.

«Modelos de Acesso à Profissão» é o tema do painel que encerra os trabalhos de sábado. Edouard Guibert, do Centro de Formação de Jornalistas de Paris - considerado um dos mais experientes formadores europeus - apresenta uma comunicação, que será comentada por jornalistas portugueses ligados ao sector. Finalmente, no domingo, realiza-se o quarto painel, «Questões Laborais e Deontológicas». Problemas como a precarização do emprego, o estatuto dos «free-lance» e a ética profissional estarão em debate.

P. M.



O jornalismo deixou de ser um meio pequeno em que todos se conhecem. O desafio das novas gerações é, também, o da formação profissional

C R Ô N I C A



As pernas da Tina

Creio que foi a única vez que, no estádio do Sporting, se aplaudiu mais um par de pernas de mulher que um de cabeludas gâmbias dos goleadores de turno: Peyroteu, Travaços, Jesus Correia, Vadinho, Seminário, Manuel Fernandes, Jordão, Gomes, todos entrando pelo cano, ninguém mais com eles na ideia: ali, naquele palco sobre o verde, só as pernas da Tina é que enfartavam o olho.

Nos tempos de garotos, a gente tentava adivinhar como seriam os sustentáculos da professora, longamente encobertos pelo vestidos de ramagens. No cinema, a loucura aparecia quando surgia a Jane Russell, a Ginger, a Cyd Charisse, a malta babando-se do mesmo gozo que também contaminara nos tempos de La Baker, Jeanette MacDonald, a Ester Williams como sereia na piscina, a Garland balançando o minúsculo Rooney, nos tempos mais idos Ziegfeld e Zoluck inventando sucessão para a Ruby Keeler do Al Jolson, fosse elas Lucille Ball ou esse soberbo animal que foi Ava Gardner. Marlene fez história e Lucie Arnaz imitou a Gabor dando cabo de seis maridos. A ventoinha levantando a saia branca de Marilyn atirando para a prateleira os pulmões em riste da Mansfield, da Dors, da Ekberg, mas suportando meças com Sofia, Angie Dickinson, Lollobrigida, a boquinha hospitaleira da Brigitte amante dos canídeos e das focas mas não regateando as ternuras de vários Distel.

Por cá, ainda hoje se fala de Maria das Neves com a mesma saudade que se prende à Maria Luísa sambista, aos bons tempos de Aida Baptista e Milú, para nós uma espécie de gatarronas estilo Rita Hayworth ou Brooke Shields, Liza ou Streisand hoje com emulação declarada na Mayuko, na Leninha, na soberba Adelaide, todas com aquele parzinho de perninhas que ganha imediatos pontos quando surgem sob luzes e precedem cantorias que podem nada dizer porque tudo já está no livro.

A Sandie vinha-descalça, a Doris fingia-se esquiva, a Caron era para bebés. Simone, Betânia e Gal estão mais para os apuros da Navratilova, que entra neste leque só para que se compare o bom e o bonito com o feio e sem atractivo. Porque a Tina, meus amigos, negrinha em fúria que pode ter em branco a nossa Marina Mota quando tocar a meia centena de invernos, continua a variar a tola da rapaziada de janeiro desde aquela noite em que, no FIC do Rio de Janeiro, o Maracanãzinho veio abaixo: e ela, pela mão do emérito sacador Ike, entrou deslumbrante perante 50 e tal mil. Estão aí, vivas e sãs, duas testemunhas que não me deixam mentir: Maria Valejo, que mal se descascou na piscina do Glória logo ganhou direito a capa na «Manchete» e Beatriz Costa que, segundo os que não falham, também tinha um par de pernas de perder muito africanista.

Neves de Sousa

Quarta-feira no

**Diário
de Lisboa**

Humberto Delgado
evocado
por F. Piteira
Santos

Balço
da jornada
europeia de futebol

A.M.A.

Auto Monumental de Acesso

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894 185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75